

**LISBOA**  
REVISTA MUNICIPAL

*M. Savaris*  
alfama - 1941



# LISBOA

## REVISTA MUNICIPAL

ANO XLIX — 2.ª SÉRIE — N.º 24 — 2.º TRIMESTRE DE 1988 — NÚMERO AVULSO: 500\$00

DIRECTOR: ORLANDO  
MARTINS CAPITÃO  
SUBDIRECTOR: MARIA  
SALETE SALVADO  
ASSISTENTE TÉCNICO:  
ALFREDO THEODORO

### sumário

CARTA ARQUEOLÓGICA DO CONCELHO DE LISBOA - II PARTE • UM ESTUDO SOBRE OS CHAFARIZES DE LISBOA - DE 1886 A 1913 • LISBOA 1800 - A FREGUESIA DO SOCORRO • ABEL MANTA (1888-1982) - NO CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE UM PINTOR • NOTICIÁRIO

EDIÇÃO DA C. M. L. - D. S. C. C. - REPARTIÇÃO DE ACÇÃO CULTURAL  
PALÁCIO DOS CORUCHÉUS - RUA ALBERTO DE OLIVEIRA - 1700 LISBOA - TELEFONE 76 62 68

Tiragem: 2000 exemplares - Depósito Legal n.º 18 112/87

Composição e impressão: Heska Portuguesa - Rua Elias Garcia, 27-A - Venda Nova - Amadora



«Alfama»  
Aquarela de M. Tavares, 1941  
Colecção da CML



# CARTA ARQUEOLÓGICA DO CONCELHO DE LISBOA

## II – INVENTÁRIO DAS ESTAÇÕES ARQUEOLÓGICAS

A listagem que elaborei reporta-se a 38 locais do concelho de Lisboa com interesse arqueológico. A sua análise não pretendeu ser exaustiva e apresenta algumas falhas, que não pudemos colmatar, não só devido ao carácter do trabalho, essencialmente de marcação das estações arqueológicas no espaço físico do concelho, como todo o tempo que seria necessário para procurar, encontrar e estudar todo o material das estações. A nossa análise baseia-se apenas naquelas que publicaram as peças. Este inventário possui seis entradas: a *localização*, que remete para o mapa n.º 2; a *nota de descoberta*, onde se notifica aquele que encontrou e/ou identificou a estação; os *materiais*, onde se faz uma breve análise das peças (a maior parte das vezes, apenas as enumeramos); a *leitura da estratigrafia* quando ela existe, assim como a *discriminação das estruturas* quando surgem e são publicadas ou mesmo referidas; a última entrada são as *observações*, geralmente referimos a destruída ou não das estações.

### 1. CALÇADA DOS MESTRES

**Localização:** F-9. 250 metros a SSW da Rabicha (Campolide). **Nota de descoberta:** Descoberta por Fonseca Cardoso, em 1892, quando este se encontrava a visitar as obras do túnel do Rossio.

**Materiais:** Do paleolítico inferior e médio se considerarmos correcta a interpretação de Fonseca Cardoso. Segundo Henri Breuil, é mustierense puro, «(...) d'autre sont moustérienes peut-être plus vieux, comme le gisement pu observable

en tranchés dans les limons quaternaires à cailloux da Calçada dos Mestres, on trouve des disques-núcleús et des éclats à plan de frappe préparé, parfois retouches en procédant.» BREUIL 1918:34). Para Afonso do Paço, o material é de aparência acheulense e mustierense.

**Observações:** Já destruída. // **Bibliografia:** 8, 14, 15, 17, 51, 54, 77, 78.

### 2. POENTE DO AQUEDUTO DAS ÁGUAS LIVRES

**Localização:** E-8.

**Nota de descoberta:** Encontrada por Bouvier-Lapierre.

**Material:** Segundo Afonso do Paço, do Paleolítico inferior (1934:38). Existem poucas referências a este material. Os diversos autores que se debruçam sobre esta estação integram todo o material numa única estação denominada Monsanto I. Todo o material está talhado em sílex branco.

**Observações:** Estação bastante destruída. // **Bibliografia:** 22, 51, 54.

### 3. QUINTA GRANDE DA CHARNECA

**Localização:** H-3. Repartida pela bacia da Ribeira de Alcântara e pela bacia da Ribeira dos Olivais.

**Nota de descoberta:** Encontrada e identificada por Georges Zbyszewski.

**Material:** Zbyszewski recolheu 23 peças de sílex, 4 de quartzo e uma de quartzito. Classifica-as como «indústrias tayaco-mustierenses» (AMARAL 3



**Campolide:**

Área bastante densa de povoamento pré-histórico. Hoje destruída totalmente

1960:37), lascas, raspadores, núcleos. O material em 1960 estava no museu dos Serviços Geológicos no armário 40.

Observações: Estação de superfície. Já destruída. // Bibliografia: 2, 5.

**4. RABICHA**

Localização: F-8. Na margem esquerda da Ribeira de Alcântara, junto à entrada do túnel do Rossio (Campolide).

Nota de descoberta: Encontrou-a Fonseca Cardoso, (recolheu peças em 1892 e publicou-as em 1895).

Material: Só encontramos referência a dois artefactos acheulenses (?). Fotografados na publicação (CARDOSO 1895: Est. 1 e 2).

Observações: Já destruída. // Bibliografia: 8, 14, 15, 51, 54, 77, 78.

**5. SÃO VICENTE**

Localização: F-5. Entre o Largo da Luz e o Campo Grande sobre terrenos do burdigaliano.

Nota de descoberta: Identificada por Camarate França.

Material: Abundante indústria em quartzo. Raras as peças do «paleolítico inferior e só a partir do mustierense as indústrias se tornam mais abundantes» (FRANÇA 1949:54), continuando até uma fase pós-paleolítica (?). Espólio constituído por raspadeiras, raspadores, furadores, lâminas, pontas, núcleos, lascas sem retoque e abundantes resíduos de fabrico. Jazida próxima nos seus aspectos e elementos com as jazidas situadas sobre os afloramentos calcários do cretácico de Monsanto.

Observações: Camarate França diz ser uma estação-oficina. Bastante destruída, devido aos constantes remeximentos de terra. Área de crescimento da cidade. // Bibliografia: 2, 27.

**6. SOEIROS**

Localização: Num pequeno planalto entre a Estrada da Luz e entre a Estrada de Benfica em terrenos do burdigaliano.



Nota de descoberta: Identificada por Camarate França.

Material: Reúne o mesmo material que São Vicente e as mesmas características.

Observações: Idênticas à estação n.º 5, São Vicente. // Bibliografia: 2, 27.

## 7. SANTANA

Localização: E-8. Margem direita da Ribeira de Alcântara. Nota de descoberta: Referenciada por Vergílio Correia (1912 b); o colector António Mendes, da Comissão dos Serviços Geológicos, encontrou sobre a capela de Santana uma «faca» paleolítica que levou para o museu. No entanto, só em 1909 é que o professor Bouvier-Lapierre identificou a estação.

Material: Existem muitas referências a materiais de Santana.

Vergílio Correia diz que «(...) é grande a sua coleção e que o Museu Etnológico possui também muitas.» (1912 b:277). Divide o material por «facas» e raspadores; o primeiro com dois tipos, o segundo com três. Breuil (1918:35), refere um espólio abundante: núcleos, percutores, bifaces, furadores e buris. Admite a hipótese de muitas das estações de Monsanto representarem oficinas de preparação de sílex. Em 1985, Luís Raposo, J. Carrera e C. Penalva, elaboram uma revisão do material (em termos estatísticos), restrita aos artefactos sobre lasca. Segundo eles, está-se perante uma «indústria mustierense em sentido lato de técnica claramente levallois, pois apresenta um índice técnico (II) (...) elevado (46.5)» (RAPOSO et al. 1985:93).

Observações: Parcialmente destruída. Os últimos autores ainda referem a possibilidade de escavações. // Bibliografia: 6, 17, 18, 19, 22.

## 8. CASTELO DE SÃO JORGE

Localização: I-10. Na colina setentrional do Castelo de São Jorge, sobre calcários do horizonte helveciano, (ZBYSZEWSKI & VIANA 1946:177) revestidos por uma argila vermelha do quaternário.

Nota de descoberta: Encontrada por Georges Zbyszewski e Abel Viana segundo informações de Afonso do Paço.



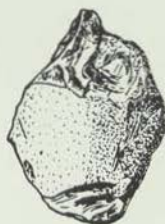
1



2



3



4



5

Materiais do Castelo de S. Jorge:  
segundo Abel Viana e Georges Zbyszewski

1 – Seixo de grés calcário, truncado em bisele na extremidade mais estreita

2 – Pequeno quarto triédico em sílex escuro. Bico com sinais de retoque e uso

3 – Raspador côncavo (?)

4 – Furador de quartzo

5 – Núcleo mustieróide (?)



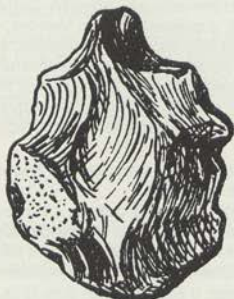
6



7



8



9

Materiais do Castelo de S. Jorge:  
segundo Abel Viana  
e Georges Zbyszewski

6 - Pequena raspadeira

7 - Pequena raspadeira (?)

8 - Lasca

9 - Lasca elítica (?)

Material: Segundo os autores, forneceu duas séries de indústrias. Uma primeira paleolítica (mustierense e paleolítico superior) provenientes da argila vermelha. Alguns materiais *in situ*. E uma série pós-paleolítica (que não se considera devido à pouca quantidade de peças e segundo os próprios autores, à sua pobreza). Enumeramos na primeira série: furador de quartzo, um núcleo, duas lascas e um seixo truncado.

Observações: Os autores não consideram uma estação, mas sim parte da área de dispersão de uma outra mais importante; avançam a hipótese de Penha de França ou Graça. Já destruída. // Bibliografia: 2, 5, 80.

#### 9. CIDADE UNIVERSITÁRIA

Localização: G-6. O actual edifício e terrenos envolventes da Faculdade de Direito de Lisboa.

Nota de descoberta: Descoberta e identificada por Fernando Bandeira Ferreira, quando se abriam as fundações da Faculdade de Direito.



Material: As únicas referências ao material indicam sempre com reservas, material do paleolítico médio (mustierense) e superior. Toda esta área da Cidade Universitária deu materiais arqueológicos dispersos: exemplo, em Telheiras e Palma de Cima (FRANÇA 1951:5). Não se encontram referências à localização dos materiais.

Observações: Destruída. // Bibliografia: 2, 27.

#### 10. AVENIDA GOMES PEREIRA

Localização: D-7. Terrenos entre a Estrada de Benfica e os edifícios da Escola do Magistério Primário.

Nota de descoberta: Encontrada por Camarate França. Apresentou-a à secção de arqueologia pré-histórica da Sociedade de Geografia no dia 13.04.1956.

Material: Só se encontra referência a materiais paleolíticos.

Observações: Já destruída. // Bibliografia: 5.

#### 11. QUINTA DO TORRES

Localização: C-7.

Nota de descoberta: Identificada por Vergílio Correia (1912:61).

Material: Vergílio Correia referencia esta estação como tendo material do seguinte tipo: «coups-de-poing», pontas, raspadores, percutores e núcleos (1912:61).

Observações: Já destruída. // Bibliografia: 5, 17, 19, 51, 54.

#### 12. TERRAS DO PITA

Localização: F-8. No quarteirão que da Avenida Columbano Bordalo Pinheiro faz esquina para a Rua Basílio Teles, sobre terrenos basálticos.

Nota de descoberta: Descoberta por Adelino Marques de Almeida que a comunicou ao Instituto Português de Arqueologia, História e Etnologia.

Material: São 32 peças de sílex, 3 de quartzito e 6 de quartzo. Depositadas no Museu de Arqueologia e Etnologia.

Observações: Já destruída. // Bibliografia: 1, 2, 5.

Cidade Universitária:  
Terrenos envolventes da Faculdade de Direito  
da Universidade de Lisboa.  
Todo destruído, só se encontrando  
ocasionalmente materiais





### 13. ALTO DAS PERDIZES

Localização: D-7. Num alforamento basáltico sobre S. Domingos de Benfica, na vertente Norte da Serra de Monsanto.

Nota de descoberta: Identificado por Camarate França em 1944.

Material: O estudo do material de prospecção foi efectuado pelo próprio Camarate França e publicado em 1949.

Ele utilizou o método da seriação por patines e o estado de conservação destas. Obteve 10 séries: — «Tayaco-acheulense antigo»; II — «Acheulense antigo»; III a — «Tayaco-acheulense médio com elementos levalloisenses»; III b — «Acheulo-mustieróide»; IV — «Tayaco-acheulense mustieróide»; V — «Mustierense»; VI — «Paleolítico Superior»; VII — «Mesolítico»; VIII a e b — «Neo-eneolítico».

Surge também, muita cerâmica grosseira, decorada e mamilar.

Estratigrafia: Detectou um corte já existente no terreno com 3 camadas:

A: Camada holocénica; B: camada pleistocénica; C: camada de basalto alte-

rado. O autor não corresponde a estratigrafia com as séries de classificação.

Observações: Terrenos bastante re-mexidos. // Bibliografia: 26, 28.

### 14. JUNQUEIRA

Localização: D-12. Terrenos basálticos, situados entre as fábricas de H. Vaultier e Companhia de Ar Líquido e o Estádio das Salésias.

Nota de descoberta: Descoberta e identificada em 1944 por H. Vaultier.

Material: As primeiras prospecções resultaram na colheita de muito material. Instrumentos de sílex bastante numerosos. Os autores dividem os achados em nove séries: da série 1 a 5, «correspondem ao tipo normal das indústrias paleolíticas dos planaltos basálticos dos arredores de Lisboa» (Vaultier & Zbyszewski 1947:12). As outras séries correspondem às indústrias mais recentes das vertentes da Serra de Monsanto e do Vale de Alcântara:

Série I — «Acheulense antigo»; cinco peças, um biface e quatro seixos afeiçoados. Série II — «Acheulense antigo com

Junqueira:  
Terrenos da estação pré-histórica da Junqueira.  
Totalmente destruída

influência levalloisense»; sete peças, um núcleo, um biface, um raspador, lascas e lâminas com retoque. Série III — «Acheulense médio e tayacense e tayacense médio»; 11 peças onde se destaca um biface lanceolado. Série IV — «Tayacense superior» (sete peças). Série V — «Mustiero-languedocense» (oito peças). Série VI — «Paleolítico superior» (54 peças). Série VII a — «Paleolítico superior final» (105 peças de grande diversidade. Série VII b — «Mesolítico» (42 peças). Série VIII — «Neo-eneolítico» (647 peças); em termos cerâmicos, os autores recolheram 65 fragmentos. É essencialmente uma estação pós-paleolítica, assumindo grande importância o enorme conjunto de peças que Zbyszewski classificou como sendo do «neo-eneolítico» (1947:33).

Por outro lado, a série mesolítica, segundo os autores, não é muito importante, não apresentando uma grande qualidade de materiais característicos desse período.

Observações: Já destruída. // Bibliografia: 28, 79.

#### 15. PINHAL DA CHARNECA

Localização: H-4. A oeste do Aeroporto de Lisboa e imediatamente a este da Quinta da Musgueira. Pertence ainda à bacia hidrográfica da Ribeira de Alcântara.

Nota de descoberta: Identificada por Zbyszewski em 1944: «Le gisement fut découvert lors le examen des coupes d'une carrière de sable. Au dessus d'un épaisseur variant entre 0,50 m. et 1m.» (ROCHE et alli 1959:100).

Material: São cerca de 120 peças que se encontram no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia. A maior parte delas foram recolhidas num pequeno outeiro onde existiam oliveiras.

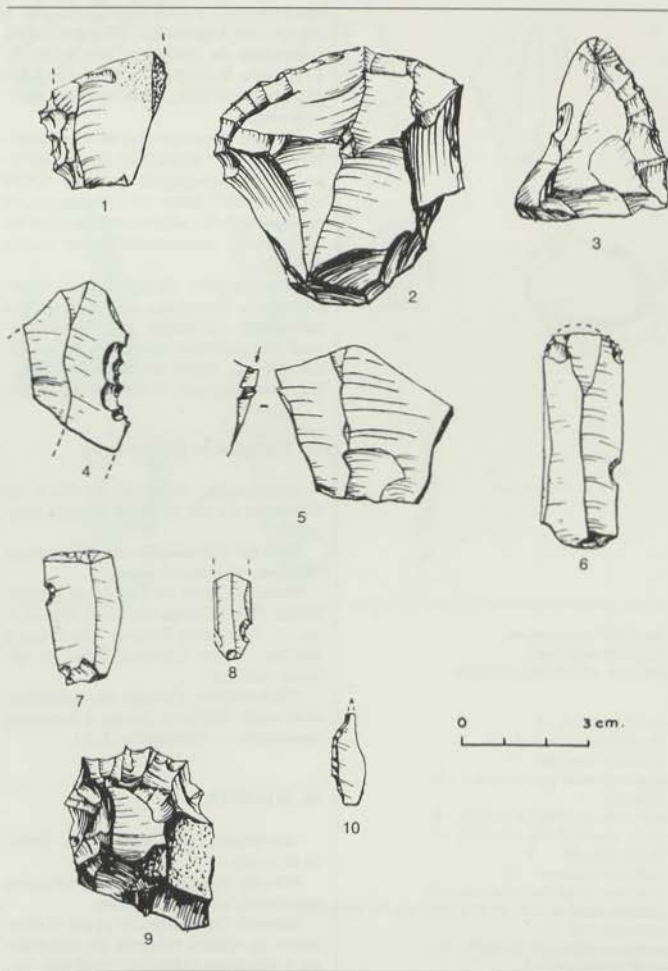
O critério de classificação foi baseado no estado físico das peças e na estratigrafia. Nelas podem-se encontrar as séries 3, 4, 5 e 6 de Vila Pouca. Uma pequena série de 7 peças é atribuível ao Paleolítico Superior. As restantes, os autores atribuem ao «eneolítico»; raspadores, lamelas, núcleos globulares.

Estratigrafia: É mencionada, inclusive como tendo um papel importante na classificação das séries, mas não é desenhada.

No entanto, os autores referem que os interesses das estações de Vila Pouca e Pinhal da Charneca, reside na estra-

Materiais do Pinhal da Charneca  
Paleolítico Superior: segundo Jean Roche e outros

- 1 - Denticulada
- 2 - «Rabot»
- 3 - Raspador de tipo carenado
- 4 - Denticulada
- 5 - Butil
- 6 e 7 - Raspadores
- 8 - «Coche»
- 9 - «Rabot»
- 10 - Lamela de dorso





tigrafia embrionária. (ROCHE et alii 1959:103).

Observações: Bastante destruída, devido ao crescimento desordenado dos bairros «clandestinos». // Bibliografia: 2, 68

#### 16. ALTO DA SERAFINA

Localização: C-8. Vertente SW que do Alto da Serafina desce em direcção à estrada.

Nota de descoberta. Encontrada e identificada por Camarate França, que a apresentou numa comunicação à Secção de Arqueologia Pré-histórica da Sociedade de Geografia. Nos anos 50, Fernando Bandeira Ferreira também prospectou o local, onde recolheu algumas peças.

Material: Muito abundante e representativo, desde o paleolítico até ao neolítico. Numa prospeccção feita por Isabel Amaral (1960), foram encontradas peças com carácter do paleolítico superior e do «eneolítico», conjuntamente com muitas conchas.

Observações: Estação muito prospectada; a florestação abundante a que tem estado submetida, poderá ter originado confusões no determinar do seu local preciso, assim como da área total. Bastante destruída. // Bibliografia: 2, 61.

#### 17. AVENIDA 24 DE JANEIRO

Localização: D-8. SE do Forte de Monsanto e a NE do posto de rádio telegráfico.

Nota de descoberta: Identificada por Fernando Bandeira Ferreira.

Material: Cerca de 100 peças encontradas. Filia-se, segundo o seu descobridor, no material de Santana, Vila Pouca e Montes Claros. Essencialmente de carácter neolítico.

Observações: Estação de superfície. Área muito remexida devido à constante florestação. // Bibliografia: 2, 61.

#### 18. BOAVISTA

Localização: G-7. Sobre (?) o Bairro da Boavista.

Nota de descoberta: Não se encontra referências à sua descoberta.

Material: Composto por peças já existentes no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia (AMARAL 1960:96). Se-

gundo esta autora, este material é idêntico ao do Moinho das Cruzes. O seu espólio possui essencialmente peças do paleolítico e neolítico, assim como bastantes fragmentos de cerâmica.

Observações: Destruída. // Bibliografia: 5, 17.

#### 19. CRUZ DA PEDRA

Localização: E-7. Ao norte e oeste da Quinta de Nossa Senhora da Fronteira.

Nota de descoberta: Descobriu-a Alves da Costa (PAÇO & JALHAY 1941:62).

Material: Material com aparência mustierense (vinte e duas peças de sílex), e uma lasca «tayacense». Recolheu-se também peças neolíticas que os autores não discriminam.

Observações: Estação muito difícil de encontrar, devido à sua localização imprecisa. Destruída (?). // Bibliografia: 6, 17, 18, 19.

#### 20. INVÁLIDOS DO COMÉRCIO

Localização: G-3.

Nota de descoberta: Identificada por Fernando Bandeira Ferreira que a comunicou ao Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia (1954.12.12).

Material: Só noutras publicações é que se encontra referência a este material. Segundo Isabel Amaral (1961:137), baseada no autor, o material é paleolítico e «neo-eneolítico»; encontram-se fragmentos de cerâmica e dentro das peças líticas surge apenas como referência especial uma ponta de seta inacabada. Um ponto interessante é a patine de basalto que as peças apresentam: avermelhada, não existindo aquela rocha naquela área.

Observações: Bastante destruída pelos bairros «clandestinos». Bibliografia: 2.

#### 21. MINA

Localização: D-10. No muro norte da Tapada da Ajuda.

Nota de descoberta: Descoberta por Santos Esteves e identificada por Isabel Amaral nos finais de 1959.

Material: A autora que procedeu à identificação da estação apenas referenciar: «(...) imenso material lítico pré-histórico» (AMARAL 1960:107) e no seu tra-

balho inclui este local nas estações com material (?) «paleo-meso-neo-eneolítico».

Observações: Não se indica o local de depósitos dos materiais. // Bibliografia: 2.

## 22. MOINHOS DAS CRUZES

Localização: E-7. Um pouco ao norte de Santana, sobre Benfica. Em terrenos basálticos.

Nota de descoberta: Descoberta e identificada por Vergílio Correia (1912:61).

Material: Existem centenas de peças no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia e no Museu dos Serviços Geológicos.

Numa prospecção de Fernando Bandeira Ferreira, assinalada por Isabel Amaral (1960:83), nota-se uma preferência pelo sílex e pelo quartzo. Estação com material abundante, especialmente cerâmica. O material paleolítico preferencialmente é encontrado no alto da colina e o neolítico nas vertentes.

Observações: Área não muito destruída. // Bibliografia: 2, 7.

## 23. MOINHO DO ALFERES

Localização: D-9. Cerca de 400 metros a NE da cavaliária de Montes Claros.

Nota de descoberta: Não se encontra nenhuma identificação, nem de quem descobriu, nem de quem identificou.

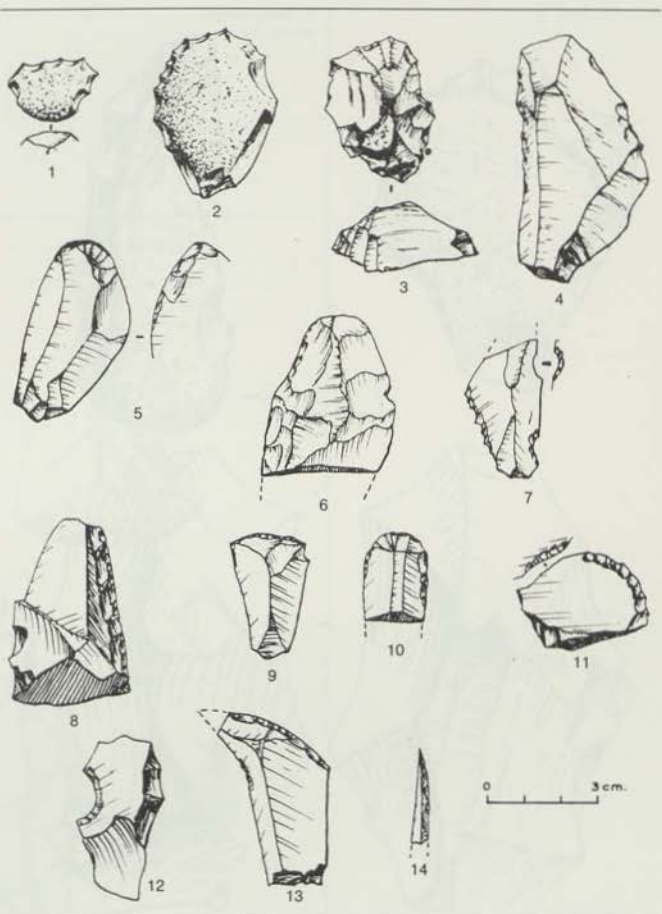
Material: Material recolhido em prospecção por Bandeira Ferreira e por Isabel Amaral, atribuível ao paleolítico (fragmentos de lascas e lâminas, lascas com retoque) e ao «neo-eneolítico» (percutores e fragmentos e fragmentos de cerâmica).

Observação: Área com material muito pobre. Não muito destruída. // Bibliografia: 2.

## 24. VILA POUCA

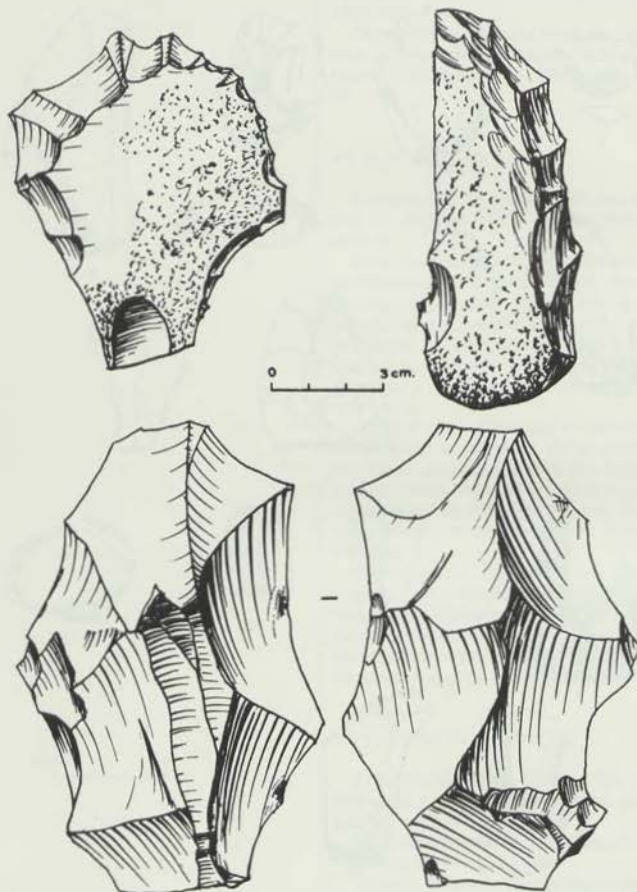
Localização: E-9. Vertente este da Serra de Monsanto, descaindo sobre o Vale de Alcântara. A área subjacente a norte do Viaduto Duarte Pacheco.

Nota de descoberta: Identificada por Vergílio Correia (entre 1909 e 1912), que refere alguns vestígios de fundos de ca-



Materiais de Vila Pouca  
Paleolítico Médio(?)  
segundo Jean Roche e outros

- 1 – Lasca retocada
- 2 – Raspador semicircular
- 3 – Raspador carenado
- 4 – Lasca de tipo levalloisenense
- 5 – Raspador
- 6 – Uniface de técnica solutrense
- 7 – Raspador em ponta de lâmina
- 8 – «Racloir» direito
- 9 – Raspador rectilíneo
- 10 – Raspador em ponta de lâmina
- 11 – Raspador circular feito a partir de uma lasca espessa
- 12 – «Coche»
- 13 – Peça de truncagem convexa
- 14 – Lamela de dorso



bana. Inserida na designação de Montanto 1.

**Material:** Em 1958, Jean Roche, Georges Zbyszewski e Veiga Ferreira, fazem uma análise do material encontrado. O sílex das peças é do próprio lugar. Os artefactos foram classificados segundo a sua posição estratigráfica e o seu estado físico. Estabeleceram 7 séries: Série 1a e 1b; paleolítico médio; 41 peças (transição entre o acheulense e o mustierense). Série 2, solutreense; 2 peças. Série 3, paleolítico superior, 169 peças. No entanto, os autores fazem notar que a ausência de peças típicas deste período faz com que a periodização não seja exacta. Série 4, «campigiense», 66 peças, (paralelo com Tapada da Ajuda, Moinho das Cruzes e Moinho da Carrasqueira). Série 5, «neo-eneolítica», cerca de 122 peças (com reservas). Série 6, «eneolítico», 19 peças e fragmentos de cerâmica. Esta estação deu também espólio malacológico.

Nas escavações de Irialva Moita, publicadas em 1967 e relativamente à cerâmica, a autora no seu estudo fez as seguintes divisões: pasta, 9 categorias; formas, 4 categorias e bordos, 3 categorias (MOITA 1967:55-56). Relativamente aos objectos de ornamentação, são «poucos e pobres» na expressão de Irialva Moita: algumas conchas perfuradas e um seixo furado. Os objectos em osso com trabalho intencional são 7, a maior parte furadores.

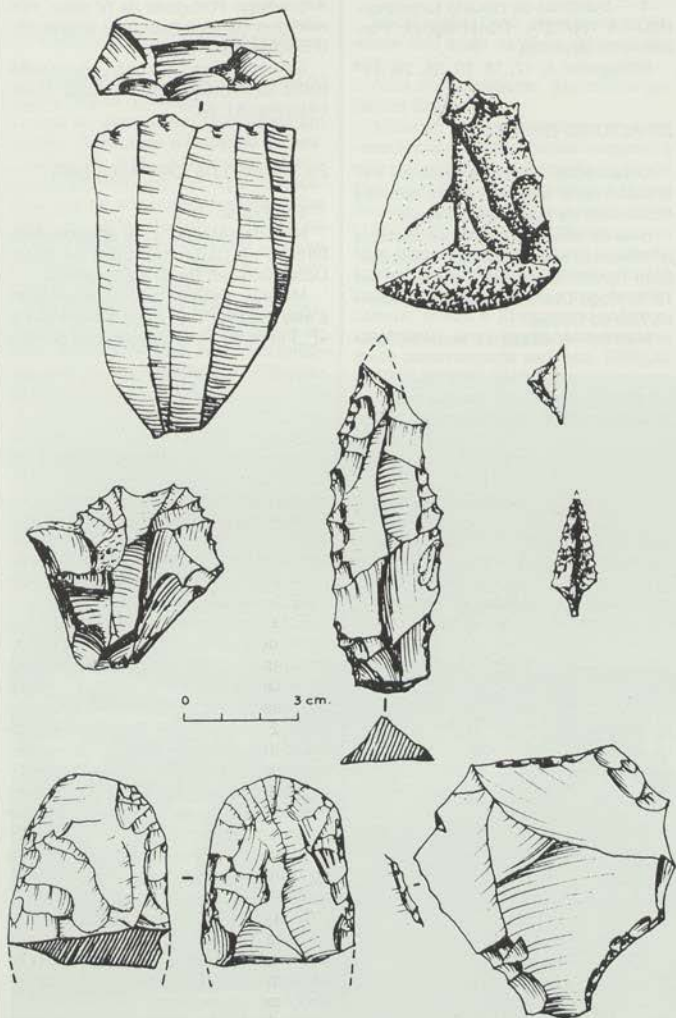
**Estruturas:** Nas escavações de 1967, Irialva Moita detectou uma lareira formada por seixos de basalto de posição mais ou menos circular, formando uma espécie de calçada de basalto.

Esta circunferência possuía um diâmetro de 1,10 m. e grande quantidade de carvões na camada sobreposta. Além desta lareira, a autora detectou um fundo de cabana oval, cujo diâmetro oscilava entre 2 m. e 2,5 m. revestido duma camada de argila endurecida, de cor avermelhada.

**Estratigrafia:** Tanto os primeiros autores como a segunda apontam uma estratigrafia. Para Roche e outros; A — Terras acinzentadas superficiais, B — Terras acastanhadas, C — Terras encarniçadas e D — Substrato de calcário turoniano.

Para Irialva Moita: 1 — «Uma camada de terra profundamente trabalhada pela charrua, de tonalidade cinzenta pardusca, com espólio constituído por objectos de sílex, alguma cerâmica muito fragmentada e vários vestígios de origem animal — ossos e conchas de moluscos.





Alto do Duque:  
Vista de Sul. Estação localizada numa  
área de acesso restrito

2 — Uma camada mais espessa de terra vegetal cinzenta negra com grande mistura de esquirolas de sílex, (...), conchas de moluscos e ossos de vários animais e rica de objectos líticos e fragmentos de cerâmica. 3 — Uma camada menos espessa de terreno mais firme, de cor avermelhada onde o espólio da camada anterior permaneceu, diminuindo a sua frequência à medida que se aproximava o chão virgem.

4 — Substrato de calcário turoniano.» (MOITA 1967:50). Observações: Parcialmente destruída.

Bibliografia: 5, 17, 18, 19, 26, 28, 41.

## 25. ALTO DO DUQUE

Localização: A-11. Ao norte de Pedrouços junto ao Forte, sobre terrenos miocénicos do burdigaliano inferior.

Nota de descoberta: Não se encontra referência ao seu descobridor: talvez Joaquim Fontes ou Vergílio Correia. Já em 1916, Hugo Obermaier (p. 201) referenciava Alto do Duque.

Material: A alusão ao material, tam-

bém só se consegue encontrar na dissertação de licenciatura de Isabel Amaral (1960:118), quando esta descreve uma prospeção de Fernando Bandeira Ferreira. Este recolheu 33 peças de sílex, dois fragmentos de quartzo e três fragmentos de cerâmica. O local de depósito do que supomos ser o material inicialmente recolhido é o Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia. A sua referência surge no primeiro número do *Arqueólogo Português* da IV série, nos relatórios de remodelação e arrumação. (PEREIRA 1977:10).

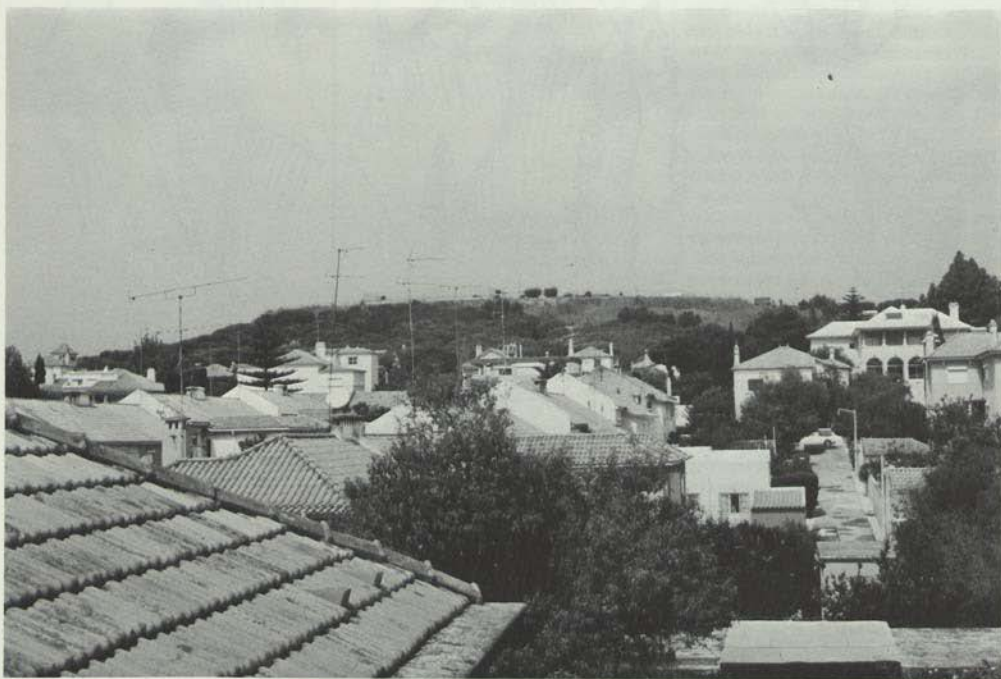
Observações: Estação localizada numa zona militar. Díficil acesso. // Bibliografia: 51, 54.

## 26. MOINHO DA CARRASQUEIRA

Localização: D-9.

Nota de descoberta: Já aparece identificada na Carta Geológica de 1940. Descoberta por Breuil e Zbyszewski.

Material: Existem poucas referências a este material. Uma delas diz-nos que é «(...) matériel vieux paléolithique du type



Casal do Monte.» (BREUIL & ZBYSZEWSKI 1924:209-210). Geralmente esta estação surge integrada no grande complexo de estações da vertente meridional da Serra de Monsanto, integrando material do paleolítico, neolítico e calcolítico.

Observações: O moinho desapareceu, o que dificulta localizar com precisão o local. // Bibliografia: 7.

## 27. PARQUE INFANTIL DO ALVITO

Localização: D-10. Terrenos juntos do Parque Infantil do Alvito.

Nota de descoberta: Identificada por Miguéis de Andrade e Fernando Gomes.

Material: Não se encontram indicações pormenorizadas. Apenas sabemos que se encontram representadas todas as séries de Breuil, (séries de Breuil e Zbyszewski referentes ao Casal do Monte), (AMARAL 1960:106) e algum material «neo-eneolítico».

Observações: Área bastante destruída, só se encontrando actualmente alguns resíduos de sílex sem características próprias identificadoras. // Bibliografia: 2

## 28. SETE MOINHOS

Localização: F-9. Junto ao Viaduto Duarte Pacheco, na encosta da vertente de Sete Moinhos.

Nota de descoberta: Identificada por Vergílio Correia entre 1909 e 1912.

Material: Vergílio Correia descreve alguns objectos encontrados numa «camada de terra negra e cascalho, de um metro de espessura, que assenta sobre o terreno virgem em declive» (CORREIA 1972:26). Objectos líticos encontrados: dormente/movente, percutor, raspador triangular, instrumentos incompletos, «várias facas», ponta de lança (?), ponta de seta. Cerâmica: o autor distingue duas espécies; uma grosseira sem ornamentação, outra mais cuidada de pasta mais homogénea e compacta, muitas vezes com decoração (6 fragmentos). Descobre ainda muitos ossos de porco, carneiro, javali; moluscos (ostras, mexilhões). Todo estes materiais e o espólio malacológico a eles associados são neo-calcolíticos.

Relativamente ao material paleolítico, só nos podemos basear em Mesquita de Figueiredo (1922:4), que diz ter desco-

berto a meio da vertente ocidental, instrumentos paleolíticos na camada superficial a cerca de 20 cm de profundidade: «limandes», pontas; segundo este autor pertencentes ao paleolítico inferior.

Observações: Destruída por uma pedreira aberta na colina. // Bibliografia: 4, 5, 6, 17, 22, 28, 51.

## 29. TAPADA DA AJUDA I

Localização: D-10. Área norte e noroeste da Tapada da Ajuda sobre os basaltos.

Nota de descoberta: Descoberta por Santos Estevens.

Material: Peças paleolíticas e «neo-eneolíticas». A única notícia referente a este material é uma informação verbal de Fernando Bandeira Ferreira a Isabel Amaral, que esta última transcreve (1960:109): «material idêntico ao da Mina em que o número de peças paleolíticas e neolíticas se equilibram (?) (44 peças paleolíticas e 25 «neo-eneolíticas»)). Breuil e Zbyszewski referem, igualmente, uma estação nesta área, que muito possivelmente será esta. (BREUIL & ZBYSZEWSKI 1942:209).

Observações: Não conseguimos localizar, com precisão. // Bibliografia: 2, 7.

## 30. CASAL DO SOL

Localização: F-8. Colina que se situa entre a Ribeira de Alcântara e a do Rego. A norte da sua junção.

Nota de descoberta: Não se encontrou qualquer alusão ao descobridor. Só referenciada por Isabel Amaral (1960:153).

Material: Poucas peças; quartzos lascados e «sílices de aspecto neolítico» (AMARAL 1960:153). A autora, citando uma informação verbal de Fernando Bandeira Ferreira, fala de vestígios e não de uma estação.

Observações: Se realmente existiu uma estação, está destruída. // Bibliografia: 2

## 31. CERCA DOS JERÓNIMOS

Localização: B-11. A norte do Mosteiro dos Jerónimos. Inserido no perímetro da área pertencentes à Casa Pia. Sob afloramentos calcários.

Nota de descoberta: Descoberta por



Pinto Ferreira e identificada por Vergílio Correia.

Material: Vergílio Correia descreve material tipicamente neolítico: 17 fragmentos de mós, 4 dormentes completos de granito de Sintra (segundo V. Correia), 7 mós de basalto, 21 percutores, 2 «tritadores», raspadores, um furador, um machado de pedra polida. Quanto à cerâmica, surge em grandes quantidades, onde se distinguem dois tipos: um grosseiro e outro de pasta mais fina. Aparecem ainda fragmentos decorados, (CORREIA 1972:72).

Observações: Já destruída. Bibliografia: 13, 17, 28.

### 32. ENTRECAMPÓS

Localização: G-7. Entre a Avenida 5 de Outubro e a Avenida 28 de Maio.

Nota de descoberta: Talvez tenha sido Joaquim Fontes quem a identificou. No entanto, este sítio está já destruído. Por outro lado, em 1953, Prescott Vicent e Fernando Bandeira Ferreira encontraram material arqueológico aquando da abertura da Avenida Estados Unidos da América.

Material: Do primeiro local surgiram 9 lascas de sílex afeioadas em raspadeiras, alguns furadores, e 4 peças de quartzo (não especificadas). Em 1953, encontrou-se material «neo-eneolítico»: 4 raspadores nucleiformes, uma lâmina, 26 lascas, um percutor. Relativamente à cerâmica; 12 fragmentos de pasta grosseira e outros 12 fragmentos de pasta mais fina (AMARAL 1960:154).

Observações: Optou-se por juntar este material, quer devido à proximidade dos locais, quer às inúmeras construções a que o local foi sujeito e às consequentes mudanças de terras. Já destruída. // Bibliografia: 2.

### 33. LUMIAR

Localização: F-5. No cimo do Alto dos Pinheiros, na Quinta do Paço.

Nota de descoberta: Encontrou-a Félix Alves Pereira (1918), por investigação topográfica: Outeiro das Arcas.

Material: Foram recolhidas 31 peças. 10 características do neolítico, 10 indefinidas, 8 algo duvidosas e 3 fragmentos de cerâmica (PEREIRA 1918:73). Gui de Brée, em 1947, recolhe mais peças, atribuindo-lhe carácter «eneolítico». Este material está fotografado em FONTES 1947.

Observações: De difícil localização, devido ao grande crescimento urbano. // Bibliografia: 59, 60.

### 34. MONTES CLAROS

Localização: C-10. A nordeste do Forte de Montes Claros, junto da pérgula do Miradouro de Montes Claros.

Nota de descoberta: Descoberta e identificada por Leonel Ribeiro, em fins de Abril de 1943. Foi detectada pelo exame das terras revolvidas pela abertura de arruamentos do parque florestal.

Material: Estação já escavada, embora parcialmente e com algumas lacunas de registo. Recolheu-se bastante material datável do neolítico e calcólítico, durante as três campanhas de escavação que se realizaram entre 1943 e 1964. Os autores tecem poucas considerações acerca do espólio, exceptuando a cerâmica campaniforme, objecto de várias comunicações.

Objectos líticos: na publicação do relatório de escavações (RIBEIRO 1966), fazem-se muitas enumerações do material recolhido; raspadores, furadores, fragmentos de «facas», pontas de setas, lâminas, percutores, mós. Também se recolheram objectos em osso bastante fragmentados, sendo os cervídeos aqueles que mais contribuíram para a manufatura desses artefactos. A cerâmica foi mais estudada, no entanto não se encontram referências de maior à cerâmica comum. O panorama é diferente em relação ao campaniforme. Estudado por A. do Paço e M. Bártholo (1954), ficaram identificados os princípios tipos: 1. — campaniforme com desenhos incisos. 2. — campaniforme com desenhos pontilhados. 3. — caçoulas acampanadas com desenhos incisos. 4. — taças com desenhos incisos. 5. — taças com desenhos pontilhados. 6. — escudelas com desenhos incisos.

Estruturas: Durante as escavações foram observadas diversas estruturas, que não foram registadas/desenhadas: fundos de cabana, buracos de poste e «calçadas». Os fundos de cabana estavam geralmente a 0,50 m de profundidade e possuíam uma espessura de 10 cm, constituída por cinzas. Os buracos de poste estão escavados no solo virgem: «(...) um oval de 37 por 23 cm e 30 cm de profundidade, outro quase circular a 25 cm do anterior, medindo 30 por 22 cm e 25 cm de profundidade, e um terceiro, mais pequeno, quase circular, com as paredes muito apuradas que tinha, em

média, 25 cm de diâmetro e cerca de 25 cm de profundidade. (...) dentro dos buracos estavam várias pedras de basalto em forma de cunhas planas que, pela posição e pelas dimensões, davam perfeitamente a ideia de terem servido para «calçar» os esteios que ali teriam sido colocados» (RIBEIRO 1966:233-234). As «calçadas» por sua vez são descritas por Leonel Ribeiro da seguinte forma: «(...) o fundo virgem estava sobreposto por uma série de pedras quase formando uma «calçada» de 20/30 cm de face plana mais ou menos horizontal» (RIBEIRO 1966:239). «Havia pequenas áreas onde a posição de algumas pedras de tamanho médio, 20 a 40 cm de largura, dava a impressão de terem sido arrumadas com uma face para cima e por entre as pedras maiores» (RIBEIRO 1966:271).

Estratigrafia: Afonso do Paço (1954) descreve uma estratigrafia incipiente: 1 — Camada superficial que a enxada e o arado revolveram em longos trabalhos agrícolas. 2 — Segunda camada de terra vegetal, um pouco mais consistente que a anterior, rica em objectos pré-históricos que os trabalhos agrícolas pouparam.

Observações: Área pouco destruída. // Bibliografia: 28, 52, 53, 55, 56, 57, 58, 65.

### 35. TERRAS DO ALMOTIVA

Localização: D-10.

Nota de descoberta: Encontrada pelo Engenheiro Morais de Macedo.

Material: Encontram-se poucas alusões ao material. Alguns sílices com trabalho humano muito patinados; informação citada por Isabel Amaral (1960:110), que não referencia a origem desta e inclui este espólio na sua designação de estação com material «paleo-meso-neo-eneolítico» (?).

Observações: Localização muito incerta e provavelmente errada, dada a não existência de qualquer material arqueológico na área. // Bibliografia: 2

### 36. TÚNEL DO ROSSIO

Localização: F-8. Lors du percement du tunnel du Rocio, la tranchée d'accès au lieu dit «Rabicha» (...) traversa deux galeries, au plutôt deux salles superposées. La galerie inférieure, beaucoup plus grand que l'autre, s'étendait sur une de 50 mètres, aussi bien parallèlement

que transversalmente.» (CHOFFAT 1907:338).

Nota de descoberta: Descoberta devido aos trabalhos de escavação do túnel do Rossio. Identificada por Paul Choffat.

Material: O material recolhido não é muito representativo: duas lâminas, três placas subcirculares que talvez tenham servido de mós, três mós, onze percutores subcirculares de basalto, um percutor de quartzite, oito percutores polidrícos e outros três apresentando em um dos bordos um gume gasto (VIANA & ZBYSZEWSKI 1948:121). Choffat atribui este material ao neolítico, enquanto Abel Viana e Georges Zbyszewski atribuem-no ao bronze.

Observações: Já destruída. // Bibliografia: 14, 15, 81.

### 37. TÚMULO DA TAPADA DA AJUDA

Localização: ?. Junto ao alto da Casa Branca e ao alto das pedras na Tapada da Ajuda.

Nota de descoberta: Descoberta por operários acaando da abertura de uns arruamentos dentro da Tapada.

Material/Descrição: Descrita por Posidónio da Silva (1879:177). Sepultura rectangular de 1,64 m por 0,54 m, cujas paredes eram formadas por oito pedras e a cobertura por três.

Tinha um esqueleto feminino intacto, apenas o crânio estava um pouco deslocado. O espólio era apenas constituído por uma ponta de seta.

Observações: Já destruída. // Bibliografia: 75.

### 38. TAPADA DA AJUDA II

Localização: D-10. Na Tapada da Ajuda em terrenos pertencentes ao Instituto Superior de Agronomia.

Nota de descoberta: Localizado por J. Roque, F. Peixoto e F. Freitas, devido à abertura de um talude de escavação executado no âmbito da construção de um complexo desportivo da Associação de Estudantes do Instituto Superior de Agronomia.

Material: Identificado pelos autores já referidos e por J. L. Cardoso. Material atribuível ao bronze. De prospecção: (recolha superficial); indústria lítica; 46 elementos de foice denticulados sobre lasca, raspadores sobre lascas, 39 lascas atípicas, 2 percutores de sílex, 40 peças atípicas geralmente sobre lascas. Indústria cerâmica: cerâmica lisa; taças care-

nadas, vasos esferoidais, fragmento de asa de grande vaso, fragmento de vaso esférico.

De escavação: duas campanhas publicadas (1983 e 1984). O espólio é muito abundante. Intenso talhe de pedra «a partir de blocos de sílex disponíveis no local» (CARDOSO et alli 1986:9). Elementos de foice denticulados sobre lasca. Relativamente à cerâmica: é de fabrico manual, predominância de pastas semicompactas grosseiras. Prevalece a existência de duas formas: «taças carenadas (geralmente carena alta) e vasos altos com parede reentrante e bordo ligeiramente extrovertido» (CARDOSO et alli 1986:9). Refere-se ainda dois vasos: um de colo incipiente e outro de grandes dimensões (talvez «vaso de provisões»). A decoração é essencialmente em dois motivos: 1. denteado (bordos dos vasos altos com parede reentrante); 2.

Surgiram também dois objectos metálicos: uma escória de fundição e uma argola. Por último fez-se grande recolha de fauna malacológica e mamalógica. No primeiro caso, a grande percentagem vai para a oestra edulis (41,8%) e para a patella athletica (34,1%). No segundo caso, surgem ovis aries (ovelhas), boa taurus (bois), sus domesticus (porco), canis familiares (cão), oryctolagus cuniculus (lobo), cervus elaphus (veado) e bufo sp (sapo).

Estruturas: No nível C. 3 (vide estratigrafia), identificou-se uma estrutura de combustão, parcialmente escavada, definida por blocos basálticos em segmento de círculo. O interior estava preenchido por cinzas, fragmentos de conchas e de cerâmica.

Estratigrafia: Os autores apontam para uma única camada arqueológica, constituída por detritos atribuíveis a restos de cozinha.

C. 1 — Terra vegetal, com cerâmicas modernas correspondentes a remeximentos (0,50 m). C. 2 — Camada arqueológica constituída por abundante fauna malacológica, em geral muito fragmentada, de mistura com cerâmica, sílex e fauna mamalógica (0,40 m de potência máxima). C. 3 — Substrato geológico, subdividido em dois níveis: n. 1 — horizonte constituído por grandes blocos basálticos, englobados em matriz argilosa. n. 2 — tufo basálticos muito alterados e decompostos.

Observações: Escavada parcialmente. Outra área já destruída. // Bibliografia: 9, 10, 11.

Localização dos estuários dos rios Tejo e Sado



0 200 KM

1



2



3







4

1 – Material em sílex da estação de Vila Pouca – raspador e furador

2 – Material em sílex da estação de Vila Pouca – pontas de seta

3 – Material em sílex da estação de Vila Pouca – raspadores

4 – Dois fragmentos de bordo de Cerâmica Campaniforme

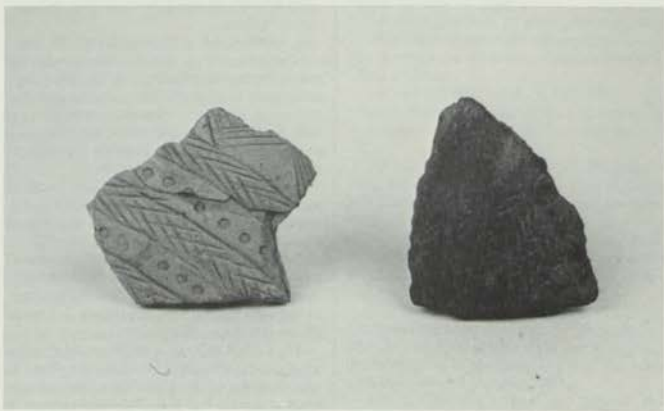
5 – Fragmento de bordo de Cerâmica Campaniforme

6 – Fragmentos de bojo de Cerâmica Campaniforme

7 – Dois fragmentos de bordo de Cerâmica Campaniforme

8 – Fragmento de bojo de Cerâmica Campaniforme

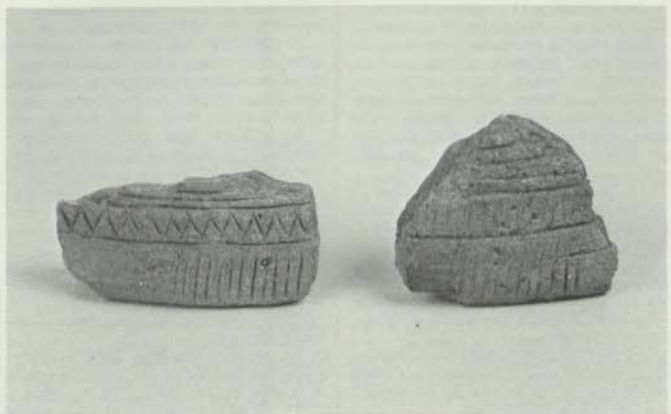
6



5



7



8



1. ALMEIDA, Adelino Marques de, 1953 — *Estação arqueológica dos arredores de Lisboa nas terras do Pita a Palhavã*, in «O Arqueólogo Português», nova série, Vol. II, Lisboa.
2. AMARAL, Isabel Maria, 1960 — *Lisboa, contribuição para o estudo das origens*, dissertação de licenciatura, ed. dactilografada e fotocopiada, Lisboa.
3. ARNAUD, José Morais, 1987 — *Os concheiros mesolíticos do Vale do Tejo*, in «Arqueologia no Vale do Tejo», catálogo de exposição, I.P.C.C., Departamento de Arqueologia, Lisboa, pp. 17-21.
4. BRANCO, Fernando Castelo, 1985 — *A estação arqueológica de Sete Moinhos*, in «Lisboa, Revista Municipal», ano XLVI, 2.ª série, Lisboa, pp. 3-6.
5. BRANCO, Fernando Castelo, 1977 — *Geografia e pré-história alisiponenses*, in «Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa, Série 95.ª, n.º 1-3, 4-6, Janeiro a Junho, Lisboa.
6. BREUIL, Henri, 1918 — *Voyage paléolithique à Lisbonne*, in «Terra Portuguesa», vol. III, Lisboa.
7. BREUIL, H. e ZBYSZEWSKI, G. 1942 — *Contribution à l'étude des industries paléolithiques du Portugal et de leurs rapports avec la géologie du quaternaire. I. Les principaux gisements des deux rives de l'ancien estuaire du Tage*, in «Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal», Tomo XXIII, Lisboa.
8. CARDOSO, Fonseca, 1895 — *Nota sobre uma estação cheleana do Vale de Alcântara*, in «Revista de Ciências Naturais e Sociais», Porto.
9. CARDOSO, J.L., 1980/81 — *Descoberta da jazida da Idade do Bronze na Tapada da Ajuda*, in «Setúbal Arqueológica», vol. VI-VII, ed. Museu de Arqueologia e Etnologia de Setúbal, Setúbal.
10. CARDOSO, J.L., 1987 — *No estuário do Tejo, do Paleolítico à Idade do Ferro*, in «Arqueologia no Vale do Tejo», catálogo de exposição, I.P.C.C., Departamento de Arqueologia, Lisboa, pp. 69-80.
11. CARDOSO, J.L., 1986 — *A jazida da Idade do Bronze final da Tapada da Ajuda*, in «Lisboa, Revista Municipal», ano XLVII, 2.ª série, n.º 15, 1.º trimestre de 1986, pp. 3-17.
12. CHAPMAN, Robert, 1981 — *Archaeological theory and communal burial in pre-historic Europe*, in «Pattern of the past», edited by Ian Hodder et alii, Cambridge University Press, Cambridge, pp. 387-411.
13. CHAVES, Luís, 1937 — *Belém na Pré-história*, Boletim Cultural e Estatístico da Câmara Municipal de Lisboa, vol. 1, n.º 2, Abril a Junho de 1937, Lisboa.
14. CHOFFAT, Paul, 1901 — *Étude géologique du tunnel du Rocio, Contribution à la connaissance du sous-sol de Lisbonne*, in «Comunicações dos Serviços Geológicos», Tomo IV, Lisboa.
15. CHOFFAT, Paul, 1907 — *Exploitation souterraine du silex à Campolide aux temps néolithique*, in «O Arqueólogo Português», vol. XII, Lisboa, pp. 338-342.
16. CLARKE, David, 1976 — *Mesolithic Europe: The Economic Basis*, Duckworth, London.
17. CORREIA, Vergílio, 1912 — *Estudos Arqueológicos*, in «Obras», vol. 4, Universidade de Coimbra, Coimbra.
18. CORREIA, Vergílio, 1912 — *Facas e raspadores da estação paleolítica de Monsanto*, in «O Arqueólogo Português», vol. XVIII, Lisboa.
19. CORREIA, Vergílio, 1912 — *O paleolítico em Portugal, estado actual do seu estudo*, in «O Arqueólogo Português», vol. XVII, Lisboa, pp. 55-62.
20. DAVEAU, Suzanne, 1980 — *Espaço e tempo. Evolução do ambiente geográfico de Portugal ao longo dos tempos pré-históricos*, in «Clio», vol. 2, Lisboa, pp. 13-38.
21. FERREIRA, O. da Veiga e LEITÃO, s/d — *Portugal pré-histórico, seu enquadramento no Mediterrâneo*, pub. Europa-América, 2.ª edição, Mem Martins.
22. FIGUEIREDO, A. Mesquita de, 1922 — *Nota sobre duas estações paleolíticas*, in «Revista de Guimarães», vol. XXXII, n.º 2, Guimarães.
23. FONTES, Joaquim, 1947 — *Estação pré-histórica do Paço do Lumiar*, in «Lisboa e o seu termo», 1.º volume, Lisboa, pp. 59-70.
24. FONTES, Joaquim, 1912 — *Sobre três coups-de-poing do Casal do Monte e Moinho das Cruzes*, in «Revista de História», vol. I, n.º 4, Porto.
25. FONTES, Joaquim, 1912 — *Subsídios para o estudo do Paleolítico português*, in «O Arqueólogo Português», vol. XVII, Lisboa.
26. FRANÇA, J. Camarate, 1949 — *A estação pré-histórica do Alto das Perdizes*, Porto.
27. FRANÇA, J. Camarate, 1951 — *Novas estações pré-históricas dos arredores de Lisboa*, in «Lisboa, Revista Municipal», n.º 42, Lisboa.
28. GONÇALVES, João Ludgero Marques, 1979 — *Os povoados neo e calcolíticos da península de Lisboa*, sep. do «Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa», 3.ª série, n.º 85, Lisboa, pp. 6-24.
29. HAMOND, F.W., 1978 — *The contribution of simulation to the study of archaeological processes*, in «Simulation studies in archaeology», edited by Ian Hodder, Cambridge University Press, Cambridge, pp. 1-9.
30. HOBLEY, Brian, 1985 — *Recent developments in British archaeology with special reference to the city of London-1973-1983*, in «Arqueologia de las ciudades modernas superpuestas a las antiguas», Dirección general de Bellas Artes y Archivos, Zaragoza, pp. 181-211.
31. HODDER, Ian, 1982 — *Theoretical archaeology: a reactionary view*, in «Symbolic and structural archaeology», edited by Ian Hodder, Cambridge University Press, Cambridge, pp. 1-16.
32. JALHAY, Eugénio, 1947 — *Instrumento pré-histórico de um quintal de Lisboa*, in «Lisboa e o seu termo», vol. 1, Lisboa.
33. JALHAY, Eugénio, 1947-48 — *Lisboa*

há 4000 anos. A estação pré-histórica de Montes Claros-Monsanto, in «Lisboa e o seu termo», in vol. 1, Lisboa.

34. JALHAY, E. PAÇO, A. e RIBEIRO, L., 1944 — *Estação pré-histórica de Montes Claros*, in «Lisboa-Revista Municipal», n.º 20 e 21, Lisboa.

35. JALHAY, Eugénio e PAÇO, Afonso, 1941 — *Páleo e Mesolítico Português*, in «Anais da Academia Portuguesa de História», vol. IV, Lisboa.

36. JESUS, A. e ZBYSZEWSKI, G., 1952 — *Contribution à l'étude du «complexe basaltique» de Lisbonne*, in «Comunicações de Serviços Geológicos de Portugal», tomo XXXIII, Lisboa.

37. JORGE, Vitor O., 1987 — *Projectar o passado. Ensaio sobre arqueologia e pré-história*, Editorial Presença, Lisboa.

38. MARQUES, G. e ANDRADE, G., 1974 — *Aspectos da proto-história do território português. 1. Definição e distribuição geográfica da cultura de Alpiçara (Idade do Ferro)*, in «Actas do III Congresso Nacional de Arqueologia», vol. I, Porto, pp. 125-148.

39. MARTIN-BUENO, Manuel, 1985 — *Presentacion*, in «Arqueologia de las ciudades modernas superpuestas a las antiguas», Direccion general de Bellas Artes y Archivos, Zaragoza, 1985, pp. 6-8.

40. MOBERG, Carl-Axel, 1918 — *Introdução à Arqueologia*, Ed. 70, Lisboa.

41. MOITA, Irsalva, 1967 — *Povoado Neolítico de Vila Pouca (Serra de Monsanto)*, in «Lisboa-Revista Municipal», n.º 112-113, Lisboa.

42. MOITA, Irsalva, 1985 — *Problemas de Lisboa romana e recuperação do teatro de Ollisipo*, in «Arqueologia de las ciudades modernas superpuestas a las antiguas», direccion general de Bellas Artes y Archivos», Zaragoza.

43. MOITA, Irsalva e LEITE, A.C., 1985 — *Recuperar Ollisipo a partir de Lisboa: Possibilidades e limitações*, in «I Encontro Nacional de Arqueologia Urbana», Trabalhos de Arqueologia 03, I.P.P.C., Setúbal, pp. 419-445.

44. OLLIVIER, Jean, 1941 — *A classificação das indústrias paleolíticas dos arredores de Lisboa*, in «Brotéria», vol. 33, Lisboa.

45. OLLIVIER, Jean, 1948 — *Les éléments de fauicille néo-eneolithiques des environs de Lisbonne*, in «Ethnos», vol. III, Lisboa, pp. 107-113.

46. OLLIVIER, Jean, 1951 — *Industries anciennes du Paléolithique d'Amadora*, in «O Arqueólogo Português», nova série, vol. 1, Lisboa, p. 67-83.

47. OLLIVIER, Jean, 1942 — *O paleolítico do Norte de Lisboa. O basalto, matéria-prima da indústria lítica*, in «Brotéria», vol. 34, Lisboa, pp. 521-525.

48. OLLIVIER, Jean, 1942 — *O paleolítico do Norte de Lisboa. O quartzo e a calcedónia, matérias-primas da indústria lítica*, in «Brotéria», vol. 35, Lisboa, pp. 290-295.

49. OLLIVIER, Jean, 1946 — *Une industrie d'aspect campignien pour le paléolithique d'Amadora*, in «Bulletin des études portugaises», Lisbonne.

50. PAÇO, Afonso do, 1957 — *Arqueologia da Costa do Sol*, Junta de Turismo da Costa do Sol, Estoril.

51. PAÇO, Afonso do, 1934 — *Carta Paleolítica e Epipaleolítica de Portugal*, Trabalhos da Associação dos Arqueólogos Portugueses, vol. 1, Lisboa.

52. PAÇO, Afonso do, 1954 — *Considerações acerca da estação arqueológica de Montes Claros (Monsanto) e da sua cerâmica campaniforme*, in «Brotéria», vol. LIX, Porto, pp. 200-203.

53. PAÇO, Afonso do, 1963 — *O neolítico e o Bronze I peninsular na região de Lisboa*, sep. Homenagem a Pedro Bosch Gimpera in «O septuagésimo aniversário de su nacimiento», México, pp. 151-155.

54. PAÇO, Afonso do, 1937 — *Páleo e mesolítico português*, in «Revista de Guimarães», vol. XLVIII, n.º 1-2, Guimarães, pp. 8-24.

55. PAÇO, Afonso do e JALHAY, Eugénio, 1945 — *Estação pré-histórica de Montes Claros (Monsanto)*, in «Lisboa Revista-Municipal», n.º 20-21, Lisboa.

56. PAÇO, Afonso do e BARTHOLÓ, Maria, 1957 — *Nota acerca de algumas cerâmicas da estação eneolítica de «Montes Claros» (Monsanto)*, in Actas do XXIII Congresso Luso-Espanhol, Coimbra.

57. PAÇO, Afonso do e BARTHOLÓ, Maria, 1962 — *Nota acerca de uma escudela do Bronze I de Montes Claros*, sep. da Secção VII do XXVI Congresso Luso-Espanhol, Porto.

58. PAÇO, Afonso do e BARTHOLÓ, Maria, 1954 — *Note sur la station archéologique de Montes Claros (Monsanto)*, sep. del IV Congresso Internacional de Ciências Pré-históricas y Proto-históricas, Madrid.

59. PEREIRA, Félix Alves, 1907 — *Miscelânea Arqueológica. I — Achados arqueológicos na Damaia. (Arredores de Lisboa)*, in «O Arqueólogo Português», vol. XXI, Lisboa.

60. PEREIRA, Félix Alves, 1907 — *Vestígios pré-históricos no Lumiar*, in «O Arqueólogo Português», vol. XXXII, n.º 1 a 12, Lisboa, pp. 70-74.

61. PEREIRA, Maria Amélia Horta, 1974-77 — *Relatório do departamento de pré-história do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia: Reorganização das colecções*, in «O Arqueólogo Português» série III, vols. VII a IX, Lisboa, pp. 7-13.

62. PINTO, Clara V. e PARREIRA, Rui, 1979 — *Acerca do conceito de colónia no calcólítico da Estremadura*, in «Actas da 1.ª mesa-redonda sobre o neolítico e o calcólítico em Portugal, Porto, Abril de 1978», Trabalhos do Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto, n.º 3, Porto, pp. 135-143.

63. RAPOSO, Luis, 1983 — *As comunidades de caçadores-recolectores do Paleolítico in «História de Portugal» dirigida por José Hermano Saraiva, vol. 1, Publicações Alfa, Lisboa, pp. 31-61.*

64. RAPOSO, L., CARREIRA, J. e PENALVA, C., 1985 — *A indústria musteriense de Santana (Monsanto)*, in «Actas da 1.ª Reunião do Quaternário ibérico», vol. II, Lisboa, pp. 91-100.

73. SILVA, Carlos Tavares da, 1983 — *O megalitismo e os primeiros metalurgistas*, in «História de Portugal» dirigida por José Hermano Saraiva, vol. 1, Publicações Alfa, Lisboa, pp. 83-98.

74. SILVA, Carlos Tavares da, 1983 — *As primeiras comunidades neolíticas*, in «História de Portugal» dirigida por José Hermano Saraiva, vol. 1, Publicações Alfa, Lisboa, pp. 73-81.

75. SILVA, J. Possidónio da, 1879 — *Túmulo da Idade da Pedra*, in «Boletim da Architectura e Archeologia da Real Associação dos Archeólogos e Architectos Portugueses», Tomo II, Lisboa, p. 177.

76. SOARES, Joaquina, 1983 — *Caçadores e recolectores do pós-Wurm*, in «História de Portugal», dirigida por José Hermano Saraiva, vol. 1, Publicações Alfa, Lisboa, pp. 63-71.

77. VASCONCELOS, José Leite de, 1937 — *Lisboa arcaica. Da idade da pedra à reconquista cristã, programa de um estudo*, sep. do «Boletim Cultural e Estatístico da Câmara Municipal de Lisboa», Lisboa.

78. VASCONCELOS, José Leite de, 1959 — *Páginas olisiponenses*, (Introdução, selecção e notas de Fernando Castelo Branco), C.M.L., Lisboa.

79. VAULTIER, M. e ZBYSZEWSKI, G., 1948 — *Estação pré-histórica da Junqueira*, in «Lisboa e o seu termo», vol. I, Lisboa, pp. 11-33.

80. VIANA, A. e ZBYSZEWSKI, G., 1946 — *Nota acerca da descoberta de uma indústria pré-histórica no Castelo de S. Jorge*, in «Brotéria», n.º 42, Lisboa, pp. 179-184.

81. VIANA, A. e ZBYSZEWSKI, G., 1948 — *Explorações pré-históricas de silix em Campolide*, in «Anais da Faculdade de Ciências do Porto», tomo XXIII, Porto.

82. ZBYSZEWSKI, Georges, 1957 — *Comparison entre une plaque de schiste grève de Lisbonne et une autre de la province de Huelva*, in «Comunicações dos Serviços Geológicos Portugueses», Lisboa.

83. ZBYSZEWSKI, Georges, 1947 — *Panorama sur la géologie de la ville de Lisbonne*, in «Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa», 65, Lisboa, pp. 539-573.

## REFERÊNCIAS CARTOGRÁFICAS

Carta Militar de Portugal, Serviço Cartográfico do Exército, Folha de Loures 417, (edição 3), 1965 e Folha de Lisboa 436, (edição 3), 1971. Esc. 1/25 000.

Carta Geológica dos Arredores de Lisboa, Serviços Geológicos de Portugal, Folha de Lisboa n.º 4, 1940.





<p>ALPIARÇA PRAGANÇA</p> <p>MOINHOS DA ATALAIA (AMADORA) OUTURELA (OEIRAS)</p> <p>CASAL DOS ADEIÕES (OEIRAS) LEIÃO (PAÇO DE ARCOS) ABRUNHEIRA (OEIRAS) CABEÇO DA BRUXA (ALPIARÇA)</p> <p>ROTURA... LICEIA POVOADOS CHIBANES PEDRÃO OLELAS BAÚTAS</p> <p>PAREDE I GRUTAS DE CASCAIS POVOADOS DE NEGRAIS E SALEMAS RAMALHA (ALMADA)</p> <p>TEJO CONCHEIROS</p> <p>SADO</p> <p>PONTA DO CABEDELLO (COSTA CAPARICA)</p> <p>CORREIO-MOR GRUTAS DA LAJE SALEMAS</p> <p>ROSSIO DO CABO (TORRES VEDRAS)</p> <p>CASCALHEIRA (ALCOCHETE) GRUTAS DAS SALEMAS (LOURES) GRUTA DA PONTE DA LAJE (OEIRAS) SANTO ANTÃO DO TOJAL (LOURES)</p> <p>SAMOUÇO (MONTIJO) VALE DO FORNO (ALPIARÇA) CASAL DO MONTE (LOURES)</p> <p>CASAL DO MONTE (LOURES) CASALINHO (TEJO/ALPIARÇA)</p> <p>MAGOITO (ERICEIRA) ALTO DO LEIÃO (PAÇO DE ARCOS) SEIXOSA/ENCARNAÇÃO (TORRES VEDRAS)</p>	<p>CERÂMICA «IBÉRICA»</p> <p>CERÂMICA ESTAMPILHADA</p> <p>DECORAÇÃO TÍPICA, CERÂMICA BRUNIDA NO EXTERIOR</p> <p>PUNHAIS DE REBITE, ANÉIS ESPIRALADOS</p> <p>CAMPANIFORME</p> <p>CERÂMICA COM «FOLHA DE ACÁCIA» CERÂMICA CANELADA «ACÁCIA»</p> <p>INCISA CERÂMICA IMPRESSA CARDIAL</p> <p>MICROLITIZAÇÃO (TRAPÉZIOS, TRIÂNGULOS, LÚNULAS)</p> <p>«FOLHAS DE LOUREIRO»</p> <p>ABUNDÂNCIA DE RASPADÉIRAS CARENADAS</p> <p>TÉCNICA «LEVALLOIS»</p> <p>APERFEIÇOAMENTO DO BIFACE</p> <p>BIFACE E MACHADO (TRIEDOS, UNIFACES, RASPADORES)</p> <p>«SEIXOS AFEIÇOADOS»</p>	<p>CONSOLIDAÇÃO DAS ESTRUTURAS POLÍTICAS METALURGIA DO FERRO CASAS AGRÍCOLAS NOVAS ARMAS CONSOLIDAÇÃO DAS HIERARQUIAS SOCIAIS GRANDES CENTROS POLÍTICOS DESENVOLVIMENTO DO COMÉRCIO ARADO (?) METALURGIA DO BRONZE</p> <p>DIVISÃO SOCIAL DO TRABALHO ENTERRAMENTO EM GRUTAS ARTIFICIAIS POVOADOS FORTIFICADOS METALURGIA DO COBRE DIVERSIFICAÇÃO DE MONUMENTOS FUNERÁRIOS EXPLORAÇÃO DE MINAS (SÍLEX)</p> <p>ALDEIAS MEGALITISMO</p> <p>INÍCIO DA SEDENTARIZAÇÃO E DOMESTICAÇÃO QUER DE GRUTAS, QUER DE ANIMAIS</p> <p>PESCA E RECOLHA INTENSA DE MOLUSCOS</p> <p>ESPECIALIZAÇÃO DOS ARTEFACTOS, QUER LÍTICOS, QUER EM OSSO DESENVOLVIMENTO DO ESPAÇO «HABITACIONAL»</p> <p>APARECIMENTO DA ARTE PARIETAL E MÓVEL</p> <p>PRIMEIRAS INUNDAÇÕES EXISTÊNCIA DE LOCAIS DE HABITAT, DE ÇAÇA E DE ABATE.</p> <p>UTILIZAÇÃO DO FOGO</p> <p>NOTA: CHAMA-SE A ATENÇÃO PARA A UTILIZAÇÃO DE UMA ESCALA DESCONTÍNUA.</p>
<p>ESTAÇÕES DO ESTUÁRIO DO TEJO E SADO</p>	<p>MATERIAIS</p>	<p>MODOS DE VIDA</p>

## QUADRO DESCRITIVO DE ESTAÇÕES

PERÍODO	N.º	TOPÔNIMO	LOCALIZAÇÃO NOS MAPAS	COORDENADAS	LOCALIZAÇÃO DO MATERIAL	OBSERVAÇÕES
PALEOLÍTICO	1	CALÇADA DOS MESTRES	F-9	M - 110,125 P - 196,175 C - 80/90 m	?	JÁ DESTRUÍDA
	2	POENTE DO AQUEDUTO DAS ÁGUAS LIVRES	E-8	M - 109,400 m P - 196,400 C - 110/120 m	?	BASTANTE DESTRUÍDA
	3	QUINTA GRANDE DA CHARNECA	H-3	M - 112,200 P - 202,200 C - 130/140 m	MUSEU DOS SERVIÇOS GEOLÓGICOS	ESTAÇÃO DE SUPERFÍCIE
	4	RABICHA	?F-8	M - 110,200 P - 196,425 C - 40/50 m	MUSEU DOS SERVIÇOS GEOLÓGICOS	JÁ DESTRUÍDA
	5	SÃO VICENTE	F-57	M - 110,000 P - 199,850 C - 95/97 mm	?	BASTANTE DESTRUÍDA. ÁREA DE CRESCIMENTO DA CIDADE
	6	SOEIROS	E-67	M - 109,075 P - 199,100 C - 122 m	?	BASTANTE DESTRUÍDA. ÁREA DE CRESCIMENTO DA CIDADE
	7	SANTANA	E-8	M - 109,450 P - 196,675 C - 100 m	MUSEU NACIONAL DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA	ESTAÇÃO DE SUPERFÍCIE. JÁ DESTRUÍDA
	8	CASTELO DE SÃO JORGE	I-10	M - 113,050 P - 194,800 C - 60/760 m	?	JÁ DESTRUÍDA
	9	CIDADE UNIVERSITÁRIA	G-6	M - 110,000 P - 198,875 C - 90 m	?	JÁ DESTRUÍDA
	10	AVENIDA GOMES PEREIRA	D-7	M - 107,350 P - 199,650 C - 93/95 m	?	JÁ DESTRUÍDA
	11	QUINTA DO TORRES	C-7	M - 107,125 P - 194,225 C - 80 m	?	ESTAÇÃO DE SUPERFÍCIE
	12	TERRAS DO PITA	F-8	M - 110,425 P - 197,350 C - 60/70 m	MUSEU NACIONAL DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA	JÁ DESTRUÍDA
PALEOLÍTICO NEOLÍTICO E NEOLÍTICO	13	ALTO DAS PERDIZES	D-7	M - 108,400 P - 197,700 C - 130 m	PORTO (?)	
	14	JUNQUEIRA	D-12	M - 108,100 P - 192,500 C - 30 m	?	JÁ DESTRUÍDA
	15	PINHAL DA CHARNECA	H-4	M - 111,725 P - 201,125 C - 120 m	MUSEU DOS SERVIÇOS GEOLÓGICOS	BASTANTE DESTRUÍDA
PALEOLÍTICO E NEOLÍTICO	16	ALTO DA SERAFINA	C-87	M - 107,175 P - 196,925 C - 120 m	MUSEU NACIONAL DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA	JÁ DESTRUÍDA
	17	AVENIDA 24 DE JANEIRO	D-8	M - 108,275 P - 196,750 C - 200/210 m	MUSEU NACIONAL DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA	JÁ DESTRUÍDA
	18	BOAVISTA	C-77	M - 106,875 P - 197,625 C - 110 m	MUSEU NACIONAL DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA	JÁ DESTRUÍDA
	19	CRUZ DA PEDRA	?E-77	M - 109,300 P - 198,250 C - 90/100 m	?	
	20	INVÁLIDOS DO COMÉRCIO	G-3	M - 110,590 P - 201,875 C - 90/100 m	?	BASTANTE DESTRUÍDA
	21	MINA	?D-107	M - 107,450 P - 194,400 C - 130/140 m	?	
	22	MOINHO DAS CRUZES	E-77	M - 109,450 P - 197,425 C - 80/900 m	M.N.A.E. E M.S.G.	ESTAÇÃO DE SUPERFÍCIE
	23	MOINHO DO ALFERES	?D-97	M - 107,590 P - 195,425 C - 180/185 m	?	
	24	VILA POUCA	E-9	M - 109,330 P - 196,325 C - 70/80 m	MUSEU NACIONAL DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA	ESCAVADA PARCIALMENTE
PALEOLÍTICO, NEOLÍTICO E CALCOLÍTICO	25	ALTO DO DUQUE	A-11	M - 106,420 P - 193,600 C - 70/75 m	MUSEU NACIONAL DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA	ESTAÇÃO DE SUPERFÍCIE. EM ZONA MILITAR
	26	MOINHO DA CARRASQUEIRA	D-97	M - 108,200 P - 195,650 C - 160/170 m	?	
	27	PARQUE INFANTIL DO ALVITO	D-107	M - 106,375 P - 195,300 C - 130/140 m	?	BASTANTE DESTRUÍDA



## QUADRO DESCRITIVO DE ESTAÇÕES

PERÍODO	N.º	TOPÓNIMO	LOCALIZAÇÃO NOS MAPAS	COORDENADAS	LOCALIZAÇÃO DO MATERIAL	OBSERVAÇÕES
	28	SETE MOINHOS	F-9	M - 109,900 P - 196,250 C - 70 m	M.S.G. E M.N.A.E.	JÁ DESTRUÍDA
	29	TAPADA DA AJUDA I	?D-10?	M - 107,450 P - 195,200 C - 140/150 m	?	
NEOLÍTICO	30	CASAL DO SOL	?F-8?	M - 109,850 P - 197,350 C - 70/80 m	?	JÁ DESTRUÍDA
	31	CERCA DOS JERÓNIMOS	B-11	M - 106,325 P - 193,425 C - 70/80 m	M.N.A.E. E MUSEU DA CASA PIA	JÁ DESTRUÍDA
	32	ENTRECAMPOS	G-7	M - 111,375 P - 198,200 C - 100 m	M.N.A.E. E M.S.G.	JÁ DESTRUÍDA
	33	LUMIAR	F-5?	M - 109,825 P - 200,350 C - 97 m	MUSEU NACIONAL DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA	
NEOLÍTICO E CALCOLÍTICO	34	MONTES CLAROS	C-10	M - 107,160 P - 195,000 C - 160/170 m	MUSEU DA CIDADE	ESCAVADA PARCIALMENTE
	35	TERRAS DO ALMOTIVA	?D-10?	M - 107,725 P - 194,550 C - 110 m	?	
CALCOLÍTICO E BRONZE	36	TÚNEL DO ROSSIO	F-8	?	JÁ DESTRUÍDA	
BRONZE	37	TÚMULO DA TAPADA DA AJUDA	??	?	JÁ DESTRUÍDO	
	38	TAPADA DA AJUDA II	D-10	M - 108,075 P - 197,770 C - 100/110 m	?	ESCAVADA PARCIALMENTE

NOTAS: a) A colocação de um ponto de interrogação à esquerda, indica-nos dúvidas sobre a autenticidade da estação; a colocação à direita reflecte uma localização incerta; e ao centro desconhece-se totalmente a sua localização.

b) As coordenadas foram retiradas da carta militar de Portugal dos Serviços Cartográficos do Exército, Folhas 417 e 431. Esc: 1/25.000.

c) Abreviaturas utilizadas: M.N.A.E. - Museu Nacional de Arqueologia e Etнологia M.S.G. - Museu dos Serviços Geológicos.

## QUADRO DESCRITIVO DE ACHADOS

PERÍODO	N.º	BREVE DESCRIÇÃO DO ACHADO	LOCALIZAÇÃO NO MAPA	OBSERVAÇÕES	LOCALIZAÇÃO DO ACHADO	LOCALIZAÇÃO BIBLIOGRÁFICA
PALEOLÍTICO	1	13 PEÇAS DE TALHE HUMANO DUVIDOSO	B-13	ENCONTRADO POR ROSA CAMPEANS	?	
	2	FRAG. LASCA. LASCA LASC c/6	F-10	... POR MOUTINHO DE ALMEIDA	?	
	3	COUP DE POING DE SÍLEX (?)	—	... POR JOAQUIM FONTES	M.S.G.	
	4	PEÇAS DE SÍLEX C/BOLBO DE PERCUSSÃO	D-4	M.S.G.		
	5	PEÇAS DE SÍLEX (?)	G-9	M.S.G.		
	6	LASCA LEVALLOISENSE	G-8	... POR MANUEL HELENO	?	
	7	SÍLEX TALHADO SOBRE LASCAS (?)	H-8	... GIL MIGUÉIS ANDRADE	?	
	8	RASPADOR	G-5	... POR CORDEIRO DE SOUSA	?	
NEOLÍTICO	9	MACHADO BASALTO 4 LASCAS DE SÍLEX	F-5	M.N.A.E.		
	10	MACHADO DE BASALTO	F-9	... AUGUSTO ALVES DE AZEVEDO	M.N.A.E. N.º 5076	
NEOLÍTICO OU CALCOLÍTICO	11	MACHADO (?)	I-II	M.N.A.E.		
	12	MACHADO DE PEDRA POLIDA	F-10	... POR MANUEL VICENTE	?	
	13	MACHADO DE PEDRA POLIDA	—	—	?	
	14	RASPADOR DE SÍLEX C/RETOQUE	G-11	... POR VIEIRA DA SILVA (1946)	?	
MEGALITISMO	15	PLACA DE XISTO	—	—	?	

# UM ESTUDO SOBRE OS CHAFARIZES DE LISBOA

— DE 1886 A 1913, UMA ETAPA NO ABASTECIMENTO DE ÁGUA A LISBOA

Falar sobre os chafarizes de Lisboa obriga-nos necessariamente a pensar na evolução da cidade e no seu abastecimento de água.

Lisboa, «enseada amena» como lhe chamaram os Fenícios, foi desde os tempos mais remotos considerada local aprazível e motivo de atracção, gozando entre as suas virtudes, as da qualidade e da abundância de água, como atestam as termas romanas ou as alcaçarias do Duque e de D. Clara em Alfama. Mas bem cedo, especialmente a partir de finais do século XVI com o crescimento da população, se viu colocada ante o problema da falta de água.

Seria interessante acompanhar o problema das «sedes» que a cidade sofreu e constatar-mos (e porque não tratarmos) as diversas soluções propostas ao longo dos séculos à medida que os habitantes foram confrontados com a falta de água como, por exemplo, a proposta de D. Manuel à Câmara de construir um chafariz no Rossio, aproveitando as águas da fonte do Andaluz ou a de, em 1633, resolver «a Câmara diligenciar trazer a Lisboa a água da Quinta do Vale de Chelas pertencentes a Diogo Soares» (Liv.º III d'Assentos, fls. 144), ou ainda em 1700 o projecto de Theophilo Dupineaut de trazer água à cidade (ver a consulta da Câmara a El-Rei em 25 de Junho 1700), tendo sido finalmente com D. João V retomado o estudo do projecto e construção do Aqueduto das Águas Livres, que traria «as águas livres» de Caneças a Lisboa (estudo esse já iniciado no reinado de D. Sebastião).

Também não deixaria de ser fascinante acompanhar os antecedentes que levaram à captação das «águas livres» (e descortinar a hipótese, sustentada por alguns, do possível conhecimento da região e das suas nascentes pelos Romanos), assim como as visitas realizadas ao local no âmbito da pesquisa e sondagem da referida água. Já no tempo de Filipe I e mais tarde «aos 31 de Junho de 1683 o

presidente, vereadores, procuradores desta cidade de Lisboa e os procuradores dos mesteres dela foram ao sítio, a que chamam da Água-Livre, termo desta dita cidade, para efeito de fazerem vista na água que nasce naquela parte (...) para o intento de se trazer por aquedutos a dita água a esta cidade» (Liv.º V dos Assentos do Senado Oriental, fls. 26 V).

E, por último, analisar a participação do povo lisboeta nesta monumental obra, pois, para além dos famosos autores do projecto — os arquitectos Manuel da Maia e Custódio Vieira — jamais poderemos esquecer o real d'água «cousa tam encontrada e mal recebida sempre do povo» (Liv.º I d'El-Rei D. Filipe I, fls. 352), importante fonte de receita para a Coroa, tantas vezes descontado para a construção de chafarizes e de obras de abastecimento de água à cidade de Lisboa, como aconteceu em 1589 quando Filipe I decidiu por Alvará Régio aumentar o imposto para pagar as despesas de trazer à cidade a água do Poço de João de Goes, ou mais tarde, em 1633, com a resolução camarária de comprar e trazer para Lisboa a água da quinta do Vale de Chelas pertencente a Diogo Soares (Liv.º III d'Assentos, fls. 38).

Foi, portanto, no século XVIII, com a construção do Aqueduto das Águas Livres, cujas águas começaram a correr em 1748, que Lisboa teve o primeiro sistema de abastecimento de águas potáveis, pensando-se então ter sido resolvido o problema por muito tempo. A cidade viu assim aparecer inúmeros chafarizes, autênticas peças de embelezamento lembrando a Renascença italiana e ao mesmo tempo que decorando a cidade abastecia também os seus habitantes.

Contudo, o problema não ficou resolvido e, à medida que a população cresceu, sentiu-se novamente a necessidade de aumentar o abastecimento de água, fazendo-a chegar, após estudos e pesquisas hidrogeológicas aos arredos



res de Lisboa, do famoso canal do Alviela, cuja opção residiu na qualidade «superior» da água e também em virtude da cota da sua nascente se situar acima do nível do mar 54 m 33, permitindo facilmente atingir todos os pontos de Lisboa e seus arredores. Em 1880, deu-se o grande acontecimento para a cidade:

## ABASTECIMENTO DE ÁGUA EM LISBOA

### O ALVIELA

«No dia 3 do corrente realizou-se com a devida solenidade a inauguração da entrada das águas do rio Alviela, no domínio do regime biológico de Lisboa.

Dando a crónica do nosso periódico a descrição dessa solenidade, passaremos a historiar as peripécias desse grande melhoramento público.

Quando em Portugal, depois de 1851 começou o verdadeiro desenvolvimento dos trabalhos e obras públicas, também chegou o desejo à Câmara Municipal de Lisboa de tratar do abastecimento das águas da cidade. (...)»

Através de um sistema de distribuição de água canalizada, feita a partir do grande reservatório dos Barbadinhos (onde eram depositadas as suas águas), resolvia-se o abastecimento às zonas baixas ou, por meio de sistema de sifão, às zonas mais altas da cidade. Deste modo, Lisboa tornou a ter fartura de água passível de ser conduzida aos locais mais necessitados e carentes.

Mas, porque não queremos tratar de nenhuma destas questões, se bem que sejam fundamentais para nos ajudar a uma leitura mais clara e mais lógica do problema da água em Lisboa, centremo-nos, antes de mais, no estudo sobre os chafarizes no período compreendido entre 1886 e 1913.

### 1. O SURTO URBANÍSTICO E A CONSTRUÇÃO DE CHAFARIZES

Entre finais do século XIX e princípios do século XX, detectamos em Lisboa dois fenómenos condicionantes/decisivos na urbanização da cidade:

1. O surto demográfico.
2. O desenvolvimento da industrialização.

1. O surto demográfico, fenómeno verificado no século XIX por toda a Europa, foi igualmente detectado em Portugal, especialmente a partir de 1878 e sobretudo nas cidades de Lisboa e Porto.

A observação do quadro mostra-nos o crescimento demográfico no período compreendido entre 1821-1911.

A partir da década de 90 verifica-se

um crescimento (ritmo) regular na cidade de Lisboa na ordem dos 17% entre 1890 e 1900. Este facto origina a alteração dos limites da cidade, fenómeno verificado já anteriormente com as cercas de Lisboa e continuamente detectado com a expansão demográfica, levando ao constante reajustamento dos limites da cidade: em 1885, por Decreto de 18 de Julho, foram incorporadas algumas regiões e freguesias no Município de Lisboa — Beato, Charneca, Ameixoira, Lumiar, Campo Grande e Olivais.

Se em termos demográficos podemos afirmar que houve um crescimento da população de Lisboa, podemos igualmente verificar que essa população é constituída sobretudo por indivíduos «não-naturais» ou seja corresponde à deslocação de indivíduos para a cidade, fenómeno típico do desenvolvimento industrial.

2. O desenvolvimento da industrialização é um fenómeno igualmente importante que esteve na base deste surto demográfico, em virtude da criação de novos postos de trabalho. Esta procura/oferta de postos de trabalho leva à expansão da cidade para além do seu centro histórico — Baixa Pombalina — verificada a partir de meados do século XIX com a política de fomento económico — Fontismo —, dando o seu primeiro passo no sentido do eixo Norte com a abertura da Avenida da Liberdade. Este processo caracteriza o período em estudo, sendo «tão evidente esse crescimento, que fora da cidade já se encontram os seus prolongamentos como Venda Nova e Amadora, prolongamento de Benfica, Carriche e Odivelas, prolongamento do Lumiar, o novo Bairro da Encarnação e Sacavém, prolongamento do Areeiro. E entre estes núcleos já existentes como

Telheiras, Luz, Damaia, Carnaxide, etc.» (BARROS, 1956).

Tendo em conta a documentação levantada no arquivo municipal para o período compreendido entre 1886 e 1913, e segundo a metodologia adoptada, destacamos um conjunto de 14 chafarizes cuja construção se verificou neste período e que são tratados individualmente no ponto 3.

Chafariz na Azinhaga das Salgadas,  
Chelas  
Chafariz no Braço de Prata  
Chafariz na Estrada de Campolide  
Chafariz no Largo da Alameda

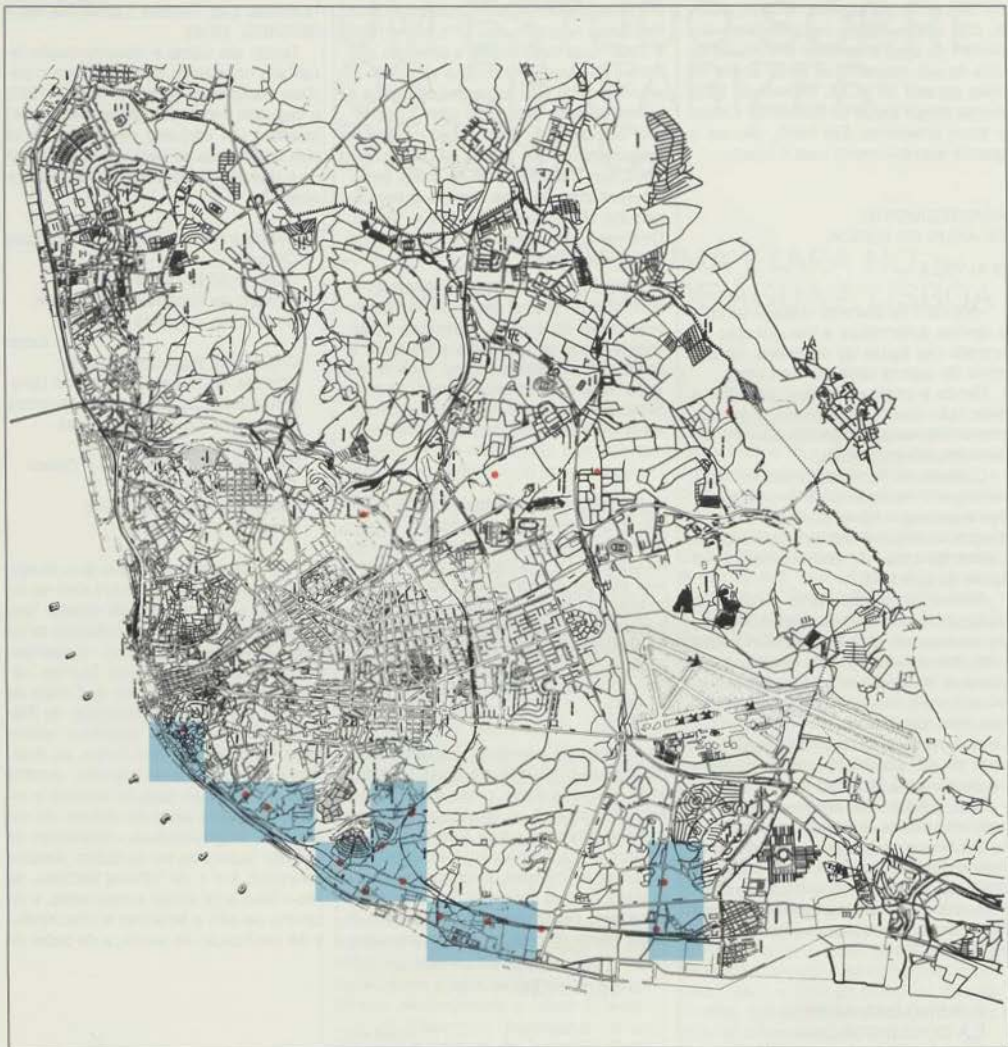
[do Beato  
Chafariz na Rua Vale Formoso  
Chafariz na Travessa da Ilha do Grilo  
Chafariz na Calçada dos Bardadinhos  
Chafariz na Calçada das Lages  
Chafariz no Largo do Vigário  
Chafariz na Rua Centieira — Olivais  
Chafariz de Telheiras  
Chafariz na Palma de Baixo  
Chafariz no Lumiar

Verificamos por outro lado que, durante este período, quase todos eles se situam na zona oriental da cidade (ver planta), zona considerada subúrbio da cidade, povoada por palácios, conventos, hortas e quintas (algumas ficaram conhecidas como as Quintas do Conde de Arcos, do Barroco, do Perdigão, da Salgada, dos Alfinetes, Matinha, assim como os conventos dos Grilos, os mosteiros das Grilas e de Marvila), tornada cada vez mais um local de fábricas e armazéns (muitos deles de vinhos). Já em 1864, no artigo intitulado «Arrabaldes de Lisboa» publicado no periódico *Arquivo Pitoresco*, por I. de Vilhena Barbosa, se cita a fábrica de sabão e sabonetes, a de farinha de pão e bolachas a «Nacional», a de clarificação do azeite, a de papel da

### População







Abelheira e ainda os armazéns de vinho e de depósito de pólvora, dizendo, a respeito do Vale de Chelas, «emprega-se uma grande parte dos seus moradores nas fábricas de tecidos e estamparia que ali há».

Ainda hoje podemos constatar os vestígios desse surto de industrialização agora mais acentuada, no tipo de urbanização — entre as ruínas de palacetes e conventos ou aglomerados de casas abarracadas e, sobretudo, pátios e vilas com aspecto decadente — nesta complicada malha de ruínas ao acaso —, onde já muitos nomes se alteraram sem qualquer semelhança com os antigos, encontramos alguns destes chafarizes, se bem

que nem todos estejam a funcionar e quase todos em mau estado; outros, porém, deixam-nos a dúvida de «seria este?»

Mas, enfim, de todos os que observamos podemos concluir que se trata de peças de tipo semelhante, sem qualquer imponência/beleza, destinadas essencialmente ao abastecimento de água a moradores; facto, aliás, justificado em alguns documentos, como por exemplo no caso do Chafariz da Calçada das Lages ou do Rossio de Palma, etc., ou o da Calçada dos Barbadinhos.

Para começar impõe-se esclarecer quais as razões que estiveram por detrás da sua construção.

De acordo com o exposto anteriormente, a sua construção está intimamente ligada ao povoamento e desenvolvimento de novas áreas de Lisboa outrora consideradas subúrbios. Deste modo, e graças às soluções então adoptadas (como foi a da ligação do Alviela), vimos a possibilidade de se estender o abastecimento de água a essas zonas limítrofes. Os pedidos podiam ser feitos por habitantes (moradores) que se faziam representar junto à Câmara, como no caso do Chafariz da Calçada dos Barbadinhos; por entidades representativas da vontade local, como no caso do Chafariz do Largo do Vigário (a pedido da Junta Paroquial). Mas também as deci-

sões camarárias como a proposta do Vereador Ferreira da Silva em 1906 no caso do Chafariz «no sítio da Centieira» (Olivais), ou do Chafariz do Largo da Alameda do Beato, estiveram por detrás da construção de chafarizes, justificando o crescimento populacional e as necessidades de abastecimento. Aliás, o facto é bem visível, pois a maior parte da documentação refere-se a pedidos de aumento de dotação de água, sua escassez, face ao aumento de habitantes. Outro factor determinante da construção dos chafarizes é consubstanciado numa espécie de contrato entre a Câmara e um proprietário, segundo o qual se trocava um terreno (oferta do prop.º) para construção do chafariz — a bem da população (ou a seu bem) — contra o aproveitamento dos sobejos de água para regar as suas propriedades. Este contrato foi, muitas vezes aprovado pela Câmara como sucedeu com o chafariz situado na Calçada das Lages, embora nem sempre tenha sido cumprido, como atesta o documento (carta) em que o seu proprietário solicita o respeito do contrato ou a sua rescisão.

Ligado ao problema da construção do chafariz, um outro se coloca, o abastecimento de chafarizes que já se encontravam construídos, mas que continuavam sem água, (no caso citado anteriormente — 18 meses depois de construído, o chafariz ainda não tinha água). Neste momento, nem sequer aludimos ao problema das relações entre a Câmara e a Companhia das Águas, que nem sempre foram respeitadas.

## 2. TIPOLOGIA

Pela documentação levantada detectamos chafarizes com características bastante semelhantes que se podem organizar segundo a localização ou implantação no terreno e as características da peça.

Deste modo, temos:

### 1. Implantação

#### 1.1. Chafarizes de encosto

Todos aqueles que se encontram adossados a um muro ou a uma parede.

De acordo com a informação, ou observação local, cabem neste grupo os seguintes chafarizes:

- Chafariz da Travessa do Grilo
- Chafariz da Rua de Vale Formoso
- Chafariz da Estrada de Marvila
- Chafariz de Braça de Prata (a Cabo

Ruivo)

- Chafariz da Azinhaga das Salgadas
- Chafariz do Largo de Santos-o-Novo (à Calçada das Lages)
- Chafariz do Campo de Santa Clara

#### 1.2. Chafarizes que se encontram destacados;

Estes podem estar num largo, numa praça ou à beira da rua. Alguns destes

possivelmente pertenceram a qualquer praça, mas, em consequência da urbanização, hoje ladeiam a estrada em cima ou não do passeio e, por vezes, num recinto mais recuado, e neste caso na forma de «meia-laranja» como lhes chamou Luís Chaves.

## 2. Características da peça

Todos estes chafarizes se apresentam com um denominador comum — perda da monumentalidade (comparativamente com os dos séculos anteriores) a favor do seu carácter funcional, destinando-se essencialmente a servir bairros novos e de uma maneira geral populações mais carenciadas.

São constituídos na sua maioria por um marco fontenário (terminologia já utilizada nas memórias descritivas dos

Segundo a documentação referente ao Chafariz do Rossio de Palma (1903), este modelo foi criado nos últimos anos do século XIX





Estrada de Marvila  
Exemplo de um chafariz de encosto

Calçada da Picheleira  
Exemplo de um chafariz isolado (neste caso à  
beira da estrada)





seus projectos) de alvenaria ou de ferro fundido, munido de uma torneira; ou sem marco fontenário apresentando simplesmente uma torneira nos chafarizes de encosto e formados por um ou dois tanques de pequenas dimensões, circulares (ou ovalados) ou ainda rectangulares.

A sua implantação é mais uma vez factor determinante quanto às principais diferenças:

#### 2.1. Chafarizes de encosto

Estes chafarizes são constituídos por um frontão (nalguns projectos as memórias descritivas chamam-lhe frontispício) de pequenas dimensões, podendo ter um ou dois tanques rectangulares ou semicirculares.

No caso dos chafarizes da Travessa do Grilo, do Largo Santos-o-Novo, do Alto de Campolide, verificamos um pequeno frontão extremamente simples de pequenas dimensões com moldura curvilínea sendo de distinguir os chafarizes da Travessa dos Grilos, de cimalha pontiaguda e o do Alto de Campolide um pouco mais trabalhado; o chafariz da Azinhaga das Salgadas que apresenta uma peça de cimento a substituir, possivelmente, um anterior frontão (em virtude desta parecer de construção mais recente que o restante chafariz tal como mostra a fotografia na respectiva monografia).

Todos os referenciados apresentam um só tanque rectangular, à excepção do Alto de Campolide que tem dois tanques, um de «serviço ao público» com forma rectangular, e outra circular, meia bacia, para bebedouro de animais, podendo ser de origem ou não.

Nos chafarizes da Rua de Vale Formoso de Baixo, de Braço de Prata e Estrada de Marvila, deparamos simplesmente com uma torneira colocada numa peça de encosto de pequenas dimensões sugerindo um pequeno frontão.

#### 2.2. Chafarizes destacados

São deste tipo os chafarizes de Teijeiras, da Calçada dos Barbadinhos, da Praça David Leandro, da Alameda do Beato, do Largo do Lumiar e do Rossio de Palma, assim como o da Calçada da Picheleira, que apesar de não possuímos documentação a seu respeito, o modelo e localização apontam ser desta época.

Apresentam todos eles um ou dois tanques circulares ou ovalados, estando a torneira inserida numa peça central chamada marco fontenário (segundo as respectivas Memórias Descritivas) de ferro fundido, assente num pilar de alvenaria, excepto no chafariz da Alameda do Beato e da Praça David Leandro em que o marco fontenário é de cantaria e é ex-cêntrico ao tanque, parecendo ser, um tanque bebedouro de gado, em virtude de existir uma torneira para vasilhas no

lado oposto como se pode observar pela fotografia.

### 3. MONOGRAFIA DOS CHAFARIZES

Face à lista constituída pelos chafarizes construídos neste período, organizámos uma «monografia» (designação adoptada por questão de metodologia) segundo a qual apresentamos um historial referente a cada chafariz de acordo com a documentação levantada no arquivo.

De todos estes chafarizes, apenas cinco possuem projecto e Memória Descritiva, se bem que na sua maioria, apenas tenham memória descritiva, e nem sempre completa.

#### AZINHAGA DAS SALGADAS JUNTA DE FREGUESIA DE MARVILA

Construído em 1910.

Trata-se de um chafariz de encosto, tal como podemos ver na fotografia. Não foi possível localizar o projecto nem a

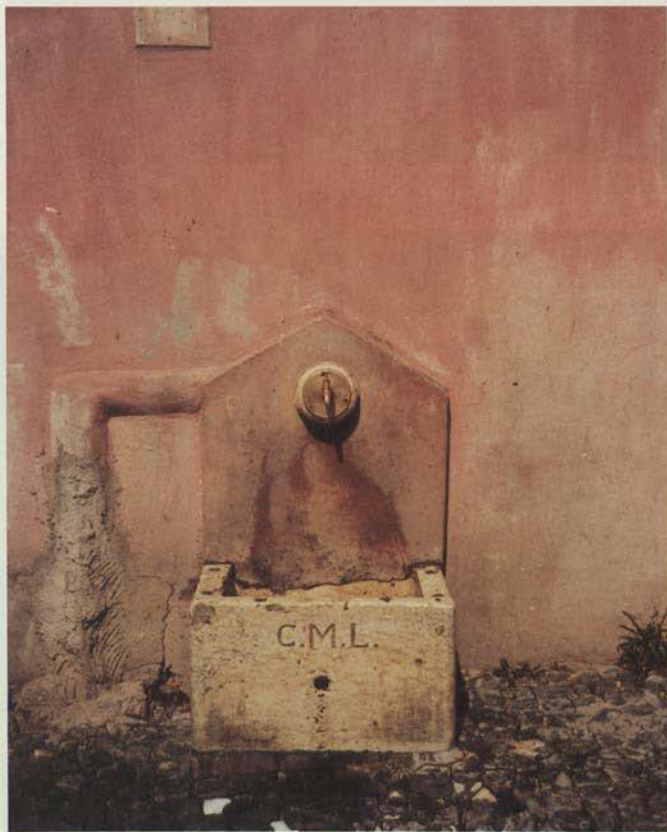
Memória Descritiva, apesar desta se encontrar referida num Ofício precedente à sua construção.

Segundo a documentação, o projecto aprovado previa igualmente a colocação de outro chafariz em Chelas de Cima (prioritário) no qual devia entroncar a canalização do Chafariz da Azinhaga das Salgadas. Para este chafariz foi pedida em 22 de Abril de 1910 a dotação de 6500 l de água por dia tendo sido posteriormente (em 27 de Dezembro do mesmo ano) aprovada a dotação de 10 000 l.

Um dos documentos (ofício de 22/04/1910) adverte o caso «extraordinário, já algumas vezes sucedido de decorrerem anos» até ser autorizada a dotação de água pedida à Companhia das Águas recomendando por isso que se faça o seu pedido antes da construção do chafariz.

Outro elemento importante é a participação/opinião popular nestes assuntos vindo neste caso referido em planta o local sugerido pelos moradores para colocação do Chafariz, apesar de ter sido outro o escolhido pela Câmara.

Azinhaga das Salgadas





Braço de Prata

#### BRAÇO DE PRATA JUNTA DE FREGUESIA DE MARVILA

A respeito deste chafariz apenas possuímos o documento referente à sua construção, datado de Outubro de 1908. Trata-se de uma carta enviada à Câmara de Lisboa pela Administração da Companhia Nacional e Novas Fábricas de Vidros da Marinha Grande, autorizando a construção de um chafariz junto ao muro da sua fábrica.

Seguindo a actual Rua Vale Formoso na direcção de Braço de Prata, encontramos o chafariz ao lado fotografado. Tal como refere a carta é um chafariz de encosto.

#### ESTRADA DE CAMPOLIDE JUNTA DE FREGUESIA DE CAMPOLIDE

O chafariz foi construído em 1902 com carácter provisório. O documento que possuímos refere-se a um chafariz adossado ao muro da Quinta da Viscondessa de Castilho que em 1904 enviava uma carta à Câmara reclamando contra a localização do chafariz. Pela resposta da Câmara a essa carta, no mesmo ano, ficamos a saber que o tanque bebedouro para o gado foi acrescentado nesse mesmo ano (1904), e que o chafariz seria removido quando se concretizasse «o projecto de melhoramento local» aprovado em 1891.

Estrada de Campolide







Largo da Alameda do Beato

#### LARGO DA ALAMEDA DO BEATO JUNTA DE FREGUESIA DO BEATO

A respeito deste chafariz apenas possuímos o projecto datado de Novembro de 1902.

Segundo a Memória Descritiva, o chafariz compunha-se de um tanque «de serviço» em cantaria, com a forma oval, com um marco fontenário de ferro fundi-

do ao centro. Como podemos observar pela fotografia, tal descrição não corresponde ao modelo existente na Alameda do Beato. Não possuímos, contudo, mais documentos que comprovem possível construção do citado chafariz ou de alguma alteração. Sabemos que estava prevista a dotação de 1000 litros de água por dia e que o projecto orçava em 240\$000 réis.



VALE FORMOSO DE BAIXO  
JUNTA DE FREGUESIA DE MARVILA

Data de 1902 o projecto de construção de um chafariz de encosto na Rua de Vale Formoso de Baixo, se bem que o officio anexo ao projecto refira a construção «de um marco fontenário», parecendo-nos haver uma confusão quanto à terminologia, pois o orçamento de 1930\$000 réis, não só parece demasiado elevado para um marco fontenário, como ainda a Memória Descritiva se refere a um chafariz a construir.

Por officio datado de 1903 o proprietário do muro onde o chafariz devia encostar, opõe-se à sua construção, oferecendo em troca do local «um terreno um pouco mais abaixo junto à Azinhaga da Fábrica dos Ingleses», situada entre o Largo do Poço Bispo e Cabo Ruivo. O chafariz que encontrámos situa-se preci-

samente na Rua Vale Formoso de Baixo, se bem que não saibamos onde ficava a Azinhaga da Fábrica dos Ingleses.

Segundo a memória descritiva, o chafariz teria «tanques», possivelmente outro erro de terminologia (ou alguma alteração), pois o chafariz, tal como mostra a fotografia, apenas tem um tanque.

Em 1903 foi autorizada a dotação diária de 8000 litros de água, datando do mesmo ano o pedido para a sua ligação à rede geral.

ILHA DO GRILO

Temos notícia em 1887 de se terem mandado analisar as águas do poço artesiano destinado a abastecer o chafariz da Ilha do Grilo, em 1903 um Officio da Policia Civil participava o desabamento do chafariz situado na Ilha do Grilo.

Vale Formoso de Baixo





Ilha do Grilo

Mais tarde, em 1910 temos notícia que «foi elevada no dobro a dotação de 10 000 litros (...) com que actualmente é abastecido o Chafariz da Ilha do Grilo». Ficamos, portanto, a saber da existência de um Chafariz na Ilha do Grilo, local exacto onde se encontra o chafariz fotografado. Contudo, não possuímos nenhuma informação entre 1903 e 1910 ficando-se sem saber qual a possível relação entre os dois chafarizes.

Calçada dos Barbadinhos



**CALÇADA DOS BARBADINHOS**  
**JUNTA DE FREGUESIA**  
**DE SANTA ENGRÁCIA**

O projecto data de 1904.

Trata-se de um chafariz situado no Largo sobranceiro à Igreja de Santa Engrácia.

Quanto a este chafariz possuímos o projecto, incluindo planta de localização e o desenho da peça. Trata-se de um chafariz isolado constituído por um tanque oval para serviço público, e de outro mais pequeno destinado a bebedouro de animais.

Embora o desenho e a planta confirmem tratar-se do chafariz fotografado, a Memória Descritiva refere-se apenas ao tanque e não aos tanques, levantando a dúvida quanto a uma possível anexação posterior ou a alguma alteração ao projecto. Foi orçamentado em 230\$000 réis.





Largo de Santos-o-Novo

#### CALÇADAS DAS LAGES JUNTA DE FREGUESIA DE S. JOÃO

A respeito deste chafariz não possuímos planta nem memória descritiva.

Sabemos por acta de Sessão de Câmara, datada de Fevereiro de 1903, que foi oferecido um terreno para a construção de um chafariz «próximo da Calçada das Lages» pelo proprietário António de Jesus em troca dos seus sobejos, tendo sido aprovado em Junho de 1904. Contudo, manteve-se sem água até 1907, apesar de construído em 1904.

Foi aberto ao público em 28 de Outubro de 1907. O chafariz fotografado, único existente nas imediações, situa-se no Largo de Santos-o-Novo, próximo da Calçada das Lages. Pela documentação e sua localização tudo indica tratar-se do mesmo chafariz.

#### LARGO DO VIGÁRIO

A única documentação referente a este chafariz é um ofício datado de Fevereiro de 1910 informando da colocação de «um pequeno chafariz no Largo do Vigário» a pedido de Junta de Paróquia, por ser «aquela freguesia uma das mais densas em população pobre».

Apesar de não possuímos nem planta nem memória descritiva, sabemos pelo documento citado que ficava colocado a meio comprimento do muro de suporte limítrofe do Largo. No preciso local — Largo do Vigário — encontra-se um marco fontenário, sendo o único «chafariz» conhecido no local pelos seus moradores; uma vez mais se coloca a questão de ter sido ou não efectuada a obra (ou que entretanto tenha desaparecido) ou questão de terminologia, e quanto a esta questionamo-nos:

Seria este o «pequeno chafariz» referido na documentação?

Nota: Ver a fotografia do marco fontenário na página 40

#### OLIVAIS JUNTA DE FREGUESIA DE SANTA MARIA DOS OLIVAIS

Em 1901, procedeu-se «ao estudo e projecto de um chafariz. Junto à linha férrea, no ponto de convergência da Estrada da Centieira e Rua Conselheiro Mariano de Carvalho».

Aprovado em 1902, e orçamentado em 800\$000 réis continuava no entanto, sem estar construído em 1906, levando nesse mesmo ano uma proprietária a oferecer um terreno «gratuitamente» para sua colocação na Estrada da Centieira. Contudo, em 1907, ainda encontramos um documento referindo a falta de água e a necessidade de se verificar «o processo relativo aos chafarizes da Centieira...»

No local apenas se encontra um marco fontenário.



TELHEIRAS  
JUNTA DE FREGUESIA DO LUMIAR

Relativamente a este chafariz, não possuímos nem planta nem memória descritiva; sabemos que em 1901 foi aprovada em acta de sessão da Câmara a construção de um chafariz a pedido de «diversos proprietários e habitantes de Telheiras» com uma dotação de 10 000 litros de água por dia.

Em 1903, foi autorizada a referida dotação; contudo, segundo revelam os documentos, em 1906 o problema do seu abastecimento ainda não se encontrava resolvido, apesar de aprovado superiormente.

Trata-se de um chafariz isolado, como podemos ver pela fotografia, sendo do mesmo tipo dos chafarizes construídos nessa época.

Telheiras



**PALMA DE BAIXO**  
JUNTA DE FREGUESIA DE  
S. DOMINGOS DE BENFICA

Quanto a este chafariz possuímos a planta com a sua localização e a memória descritiva.

O projecto datado de 1903 refere-se a construção de um chafariz, a pedido dos «habitantes de Palma de Baixo», para o largo da povoação.

É um chafariz isolado, como podemos observar, tratando-se de um modelo «de há anos adoptado para servir as povoações limítrofes» (segundo a memória descritiva), orçando em 700\$000 réis.

Foi pedida a dotação diária de 8000 litros.



Palma de Baixo

**Lumiar**



**LUMIAR**  
JUNTA DE FREGUESIA DO LUMIAR

Segundo a documentação e a planta, o chafariz fotografado não corresponde ao chafariz citado, se bem que o modelo indique ser dessa época.

Em 1903 temos notícia de problemas de escassez de água no Lumiar, devido à incapacidade do «chafariz velho», alimentado por uma nascente de mina.

Em 1906 pensou-se construir um chafariz novo no Largo da Duquesa para resolver este problema, tendo optado, finalmente, pela ligação do chafariz ali existente à rede geral da Companhia das Águas, com uma dotação diária de 8000 litros de água. Contudo, um documento datado de 1909 refere a inauguração de um chafariz no Lumiar embora não indique a sua localização, e no ano seguinte temos notícia do aumento de dotação de água (de 5000 litros para 10 000 litros) para o chafariz situado no Largo da Igreja do Lumiar.

Presentemente não existe nenhum chafariz no local citado e, para além do chafariz do Boneco, no antigo Largo da Duquesa, apenas existe o chafariz fotografado situado próximo da ermida de S. Sebastião.



## MARCO FONTENÁRIO

O modelo de um «tanque de serviço» de cantaria com a forma oval, tendo ao centro um pilar de cantaria cilíndrico sobre o qual assenta o «marco fontenário» que se eleva acima da bordadura do tanque segundo a Memória Descritiva do chafariz de Palma de Baixo, foi criado em finais do século XIX —, modelo já existente em 1891, como podemos observar pela fotografia do chafariz colocado no Largo da Viscondessa, em Olivais Velho.

Contudo, a sua implantação de destaque no centro do Largo (em cima de uma pequena escada protegido por um gradeamento) faz-nos sentir vestígios do realce outrora dado aos chafarizes.

Como já foi referido, «Marco Fontenário» é a designação dada, segundo constatamos pela documentação, à peça colocada no centro do tanque e provida de torneira. Posteriormente devido à crescente necessidade da sua colocação, o chafariz vai-se simplificando, acabando por perder os tanques como um dos elementos caracterizadores permanecendo unicamente o marco fontenário.

## CONCLUSÃO

Falar de Chafarizes e do problema do abastecimento de água em Lisboa representou, a nosso ver, uma questão de prioridade tendo em conta as várias linhas possíveis de abordagem do tema.

A este respeito pesaram dois factores justificativos e determinantes, por um lado, o carácter inédito da documentação no que diz respeito a este período (desconhece-se qualquer obra publicada sobre o assunto, quer na Biblioteca do G.E. O., quer no Arquivo); por outro, o papel fundamental do chafariz no desenvolvimento urbano, tendo em conta o problema da escassez de água em Lisboa.

Seleccionar os Chafarizes colocados nesse período e situá-los espacialmente foi uma metodologia adoptada no sentido de nos possibilitar uma leitura mais clara quanto à sua distribuição e incidência na cidade, e confirmar o surto demográfico verificado neste período correspondendo a uma expansão da faixa oriental da cidade. Os próprios documentos justificam a necessidade do provimento de água, e referem o aumento de moradores e de novos bairros, muitos deles «de

população pobre e operária».

Seleccionar estes Chafarizes possibilitou igualmente apercebermo-nos de uma importante transformação operada no Chafariz enquanto peça arquitectónica. Assim constatamos, entre o Chafariz da época Joanina e o Chafariz de finais do séc. XIX, uma progressiva simplicidade e perda de monumentalidade. São restos desta encenação, a nosso ver, o Chafariz do Largo da Viscondessa em Olivais Velho (ver a *Fotog.* 27) em que, apesar da sua simplicidade, ainda se encontra destacado ao centro da praça no cimo de uma escadaria, rodeado de um gradeamento, fazendo lembrar o recinto de um coreto, enquanto todos os outros são cada vez mais simples, integrados na cidade, sem qualquer realce até encontrarmos em muitos casos um simples marco fontenário ou uma torneira.

Esta progressiva perda de monumentalidade resultou o Chafariz sem carácter de embelezamento, sem qualquer trabalho decorativo, absorvido totalmente pela sua principal função — o abastecimento de água.

*Observemos estas 3 fotografias e pensemos um pouco sobre esta questão.*

Largo da Viscondessa dos Olivais







Praça David Leandro (próximo da Rua Vale Formoso)

Largo do Vigário



#### BIBLIOGRAFIA

- BARBOSA, I. DE Vilhena — Fragmentos de um Roteiro de Lisboa: arrabaldes de Lisboa. «Arquivo Pitoresco», Lisboa, A. 7 (n.º 26), 1864.
- BARROS, M. Amarda — O desenvolvimento de Lisboa de 1890 a 1940. «Revista Municipal», Lisboa, Câmara Municipal (n.º 71), 1956, pág. 26.
- DELGADO, Ralph — Antiga Freguesia dos Olivais. Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 1969.
- FERREIRA, Vitor Matias — A Cidade de Lisboa: de Capital do Império a Centro da Metrópole. Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1987.
- MARQUES, A. H. de Oliveira — História de Portugal. Lisboa, Palas Editora, 1970.
- OLIVEIRA, Freire — Elementos para a História do Município. Lisboa, Tipografia Universal, 1882.
- PINTO, Luis Leite — História do Abastecimento de Água a Lisboa. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1972.
- Actas das Sessões da Câmara Municipal de Lisboa. Lisboa, 1886, 1900 — 1905.
- Ocidente, Lisboa, A. 3 (n.º 68), 1880.

# LISBOA – 1800 A FREGUESIA DO SOCORRO

Têm os estudiosos do passado lisboense ao seu dispor uma fonte de valor inestimável que é a *Décima da Cidade de Lisboa e seu Termo*, a qual, não obstante constituir um «dos mais curiosos núcleos do Arquivo do Tribunal de Contas», só tem sido «minimamente explorada por historiadores e olisipógrafos» (1).

Este imposto, decretado em 1641, suspenso e, depois, restabelecido, por alvará de 26 de Setembro de 1762, foi cobrado ininterruptamente até às reformas fiscais posteriores à implantação do Liberalismo. Os livros em que, neste último período, ele era registado, pela diversidade das situações que consideram, pela minúcia dos dados que facultam e pelo seu carácter serial, ao longo de bem largas dezenas de anos, constituem documentação do maior valor informativo.

«Este imposto está escriturado em livros, por freguesias e, dentro destas, rua por rua, prédio por prédio, discriminando os livros de arruamentos não só o nome do proprietário do imóvel, mas também, nas casas comuns, o de cada um dos inquilinos e respectiva renda paga, e, nalguns casos, a profissão e maneio, quando não existe livro próprio para o registo deste último imposto». Nos referidos termos faz uma primeira discriminação do núcleo quem muito tem contribuído para a sua valorização e acessibilidade e prossegue, realçando a importância das abordagens que o mesmo possibilita: «Numa época em que a história do acontecimento cede lugar à quantitativa, é este núcleo rico repositório de elementos de incalculável valor que permite rastrear com um pequeno índice de falibilidade a estrutura da população da cidade de Lisboa, extraindo daí ilações que nos revelam o «modus vivendi» do lisboeta dos séculos XVIII e XIX (...)» (1).

É, de facto, evidente o interesse de

uma fonte que contém o completo relacionamento dos arruamentos da cidade, dos prédios e respectivos proprietários, dos inquilinos e suas ocupações, das instalações fabris, dos estabelecimentos comerciais, dos prestamistas e seus devedores, de uma fonte que permite percorrer toda a massa anónima da cidade e encontrar os notáveis dela, que permite verificar a distribuição da gente dos ofícios e outros agentes económicos e escaloná-los com base nos quantitativos da incidência fiscal, que permite uma mais segura caracterização das diversas zonas urbanas (populares ou aristocráticas, residenciais ou já sensivelmente marcadas por actividades diversas, abertas ao campo ou constituindo incipientes áreas industriais) e permite também acompanhar as suas transformações.

A riqueza das possibilidades adivinhadas é, sem dúvida, entusiasmante. Mas rapidamente esse entusiasmo esfria porque, mesmo esquecendo o termo e considerando só a cidade, trata-se de 40 freguesias, de um período de cerca de três quartos de século e de um acervo documental que vizinha os seis milhares de códices. Algum dia este material, na sua totalidade, será abordado por uma equipa de investigadores servida pelos meios técnicos que começam a ser disponíveis. Mas um investigador isolado, hoje, aqui, tem de dimensionar os seus projectos com algum realismo, o que implica restringir, restringir drasticamente.

Optou-se por privilegiar uma perspectiva sincrónica: escolher um ano e fazer nele como que um «corte» na vida da cidade. De toda a cidade? Sim, se possível. De alguma ou algumas zonas mais ou menos homogêneas dela se o primeiro, mais ambicioso e mais satisfatório desiderato se revelasse impossível de alcançar.

O ano escolhido foi o de 1800. Julga-se que esta escolha não é demasiado arbitrária e que ultrapassa não só o gosto pelos números redondos como a verificação do facto de, com ela, nos colocarmos na viragem de um para outro século e, também, a constatação de que *Lisboa — 1800* não será um mau título. O que de-

terminou a opção feita foi, sobretudo, a convicção de que a Lisboa de 1800 é uma cidade que já vai recuperando (poderia dizer-se, com igual verdade e um pouco de pessimismo, que ainda ia recuperando...) da catástrofe de 1755, é uma cidade revitalizada pelo último grande surto do comércio brasileiro, é uma cidade ainda não marcada pelos factores recessivos que afectarão o País em épocas próximas.

Outra escolha, também esta pouco fácil, havia que fazer: dos elementos fornecidos pela documentação começariam por ser estudados os respeitantes a que zona da cidade e, mais delimitadamente, a que freguesia? Múltiplos critérios poderiam seguir-se, muitas zonas poderiam ter jus à prioridade. Optou-se por privilegiar a freguesia do Socorro, zona marcada nos nossos dias por profundas transformações, tentando assim garantir

melhor preservação da memória do local. Cruzou-se este critério com um outro e planeou-se complementar o estudo desta freguesia articulando-o com o das que com ela constituem uma das mais características zonas da cidade, as dos Anjos e de Arroios.

Se possível for exaurir as possibilidades da perspectiva sincrónica (*Lisboa — 1800*), analisando os dados respeitantes a todas as freguesias da cidade e a esse ano, far-se-á o cruzamento com a perspectiva diacrónica, mediante o acompanhamento da evolução entre 1762 e 1834 da freguesia que, por razões entretanto tornadas evidentes, justificar ser escolhida.

Indicados os escopos e os limites deste trabalho, demos-lhe início, apurando o que sobre a freguesia do Socorro em 1800 nos dizem os livros da Décima da Cidade.

A Freguesia do Socorro conforme a remodelação paroquial de 1770. Em 1800 as diferenças são mínimas, não obstante a entretanto verificada remodelação de 1780





## SOCORRO — 1800

O aumento populacional e consequente alastramento da urbanização verificados durante o séc. XVI levaram a sucessivos desdobramentos das muito extensas paróquias periféricas da cidade. Na segunda metade do século (que constitui, na evolução da estrutura paroquial lisbonense, o período marcado pela mais abundante criação de novas freguesias) de uma dessas paróquias periféricas, Santa Justa, vão surgir as de S. José, Nossa Senhora da Pena, Anjos e, próximo já o séc. XVII, cerca de 1596, a de Nossa Senhora do Socorro (chamada primeiramente de S. Sebastião da Mouraria) (2).

Pequena paróquia, situada quase totalmente para além da zona delimitada pelo troço da muralha fernandina que, tendo descido até à porta de S. Sebastião, se abria no postigo da Rua da Palma e subia para o de Sant'Ana, eram os seguintes os arruamentos que a constituíam no período anterior ao terramoto de 1755:

«Rua de S. Lázaro até a porta do carro do Collegio de S. Antão; Calçada do Collegio; rua do arco da Graça, Calçada do Gracia; rua de trás de S. Domingos; rua dos Canos; rua dos Vinagres; rua da Mouraria até o Paço do Boy formozo; rua da Carreirinha, Beco da Barbaleda; rua dos Cavalleiros, Beco do forno; rua das tendas; rua da Amendoeira; Largo do Colégio; rua Suja; Beco d'Amoreira, Beco dos tres engenhos; Beco do Jas-mim; traveça da Lindeza; rua do Cappelão, Beco do Cozinheiro; rua de S. Vicente; rua nova da Palma; rua das parrelras; Calçada do Jogo da Pella; rua de baixo, rua desima, Beco da parreira, Beco do Crasto, e Monturo do Collegio.» (2)

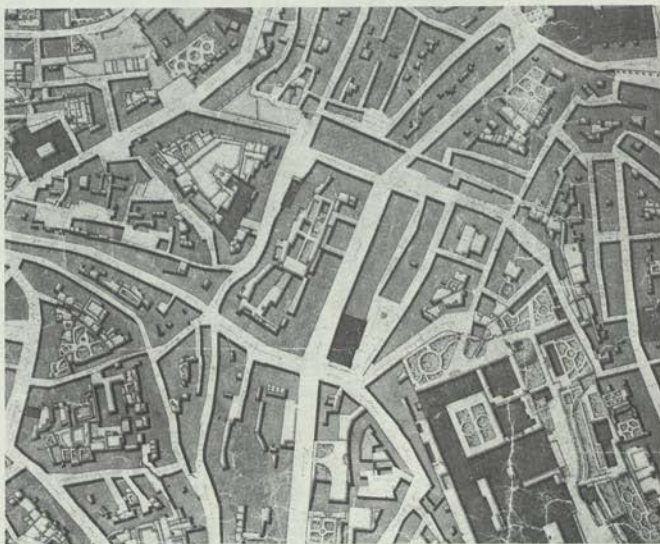
É sabido que o mapa da divisão paroquial da cidade foi alterado em 1770 por virtude da carta régia de 18 de Dezembro do ano anterior e, depois, conforme ao «Plano da divisão, e transladação das paróquias de Lisboa (...) aprovado (...) em 19 de Abril de 1780» (1). Sabido é também que os serviços de cobrança do imposto da Décima pouco se preocuparam com estas alterações de limites, mantendo-se fiéis aos existentes em 1762. Por esta razão e porque nos atemos à freguesia tal como no-la dá a fonte utilizada, há que não estranhar as diferenças (mínimas, aliás) entre ela e a paróquia eclesiástica.

A pequena paróquia lá desde a Rua detrás de S. Domingos, a Sul, até ao Benfornoso, a Norte, tinha o seu flanco oci-

Zona do Socorro, tal como se encontra no mapa de Duarte José Fava, executado em 1807 e só publicado em 1833



Zona do Socorro: Planta do início do séc. XX





Vista de 1959 que abrange parte da Freguesia do Socorro. O apeamento do Arco iniciar-se-á às 22 horas de 28 de Abril de 1961

dental na Calçada do Colégio, com um prolongamento por S. Lázaro, e, para Leste da Rua da Mouraria, avançava pelos Cavaleiros, Capelão e Rua de João do Outeiro, constituindo a Rua da Amendoeira a sua extremidade oriental. Iremos ver o que a fonte escolhida nos facultava sobre estes arruamentos e seus habitantes. Começemos por estes.

Vejamos em primeiro lugar quais os trabalhadores que operavam no sector industrial e cuja indicação nos é dada pelo livro de Maneios. E, desde já, registre-se que, quer quanto a este quer quanto aos outros sectores de actividade, tal como em trabalho há anos elaborado e no qual recorri aos registos da Décima (\*), sigo na discriminação das actividades profissionais as categorias estabelecidas pelo Prof. Borges de Macedo (\*\*).

São discrimináveis os seguintes grupos industriais e artífices:

*Trabalho de couro* — 67 sapateiros (e 1 salteiro), 3 surradores, 1 correio, 1 curtidor (total — 73)

*Trabalho de madeira* — 26 marcenei-

ros, 4 carpinteiros de segas, 1 dourador, 1 tanoeiro (total — 32)

*Construção civil* — 3 pintores, 1 vidraceiro (total — 4)

*Vestuário* — 5 alfaiates

*Trabalho de metais comuns* — 12 latoeiros, 11 serralheiros, 5 torneiros, 3 espingardeiros, 2 cutileiros, 1 funileiro, 1 bate-folha, 1 fundidor, 1 amolador, 1 ferreiro (total — 38)

*Barbeiros e cabeleiros* — 8 barbeiros, 5 cabeleiros (total — 13)

*Tecelagem* — 2 bordadores, 2 burnidores (1 deles com indicação de o ser de holandilhas), 2 tintureiros, 1 cordoeiro, 1 tecelão, 1 fabricante de sedas (total — 9)

*Panificação* — 3 padeiros

*Doçaria* — 1 chocolateiro, 1 confeiteiro, 1 pasteleiro (total — 3)

*Tipografia* — 1 livreiro

*Ferradores* — 1

*Trabalho de cestaria e outros entrançados* — 13 esparteiros, 1 peneireiro (total — 14)

*Trabalho de cera* — 1 cerieiro

*Fabrico de chapéus* — 2 sombreirei-





A Igreja de Nossa Senhora do Socorro segundo gravura publicada em *Lisboa Ilustrada* de Alfredo Mesquita, 1903 45



A Igreja de Nossa Senhora do Socorro em 1946.  
Foi inaugurada em 1646 e demolida em 1949

ros, 1 chapeleiro (total - 3)

*Trabalho artístico e de precisão* — 4 relojoeiros, 1 que faz fundas (total - 5)  
*Imaginário* — 1 escultor

*Fabricantes não discriminados* — 1 banheiro, 1 salteiro (total - 2)

*Incertos* — 1 mestre-de-obras

*Instalações industriais* — 4 fábricas de pão.

Este total de 213 artífices e instalações industriais é, certamente, inferior ao dos que efectivamente nas mencionadas actividades labutaram. De facto, comparados estes dados com os respeitantes a 1763 (\*), as diferenças são sensíveis: o total nem atinge metade do de 511 apurado para este ano e, discriminando alguns dos grupos mais representativos, os sapateiros teriam passado de 101 para 67, os alfaiates de 31 para 5, os barbeiros de 17 para 8, havendo só a considerar em um grupo significativamente representado em 1800, os esparteiros, a ligeira subida de 12 para 13.

Não se tratará, na generalidade dos casos, de uma diminuição do quantitativo das diversas profissões mas de resultado do alargamento de isenções ao imposto (\*). Recorrendo aos livros de Arruamentos poderá fazer-se um cotejo entre os que pagavam Maneio e que são, muito provavelmente, em número inferior aos que na realidade laboravam, e os instalados nas lojas e nos andares (\*\*). Fez-se distinção entre lojas e andares mas ela poderá ser pouco significativa pois não só *loja*, com indeterminável frequência, pode designar casa térrea de habitação, como num andar pode haver uma instalação fabril ou comercial; con-

siderar o total dos que lojas e andares ocupavam levar-nos-á a diversos tipos de erros: muitos dos que residiam em andares trabalhavam em loja do mesmo prédio ou de outro próximo; vários dos indicados como residentes no Socorro trabalhavam alhures (erro este que, por hipótese, se equilibraria com os que se achavam em situação inversa). Todavia, se estes valores não são seguramente esclarecedores em termos de demografia profissional, constituem, sem dúvida, elementos de valia para a caracterização social da paróquia.

Façamos então discriminação idêntica à anterior a partir dos dados fornecidos pelo Livro de Arruamentos, indicando primeiro os que estavam instalados em lojas e depois os que o estavam em andares:

*Trabalho de couro* — 70 e 29 sapateiros (e 3 em águas-furtadas e 1 ocupando toda uma propriedade, além de um salteiro em loja e outro (?) em andar); 3 e 2 surradores; 1 e 3 correeiros; 1 curtidor em loja; em andares, 3 polieiros e 1 seileiro. Total: 76+39+3+1=119.

*Trabalho de madeira* — 26 (16 dos quais na Rua do Arco da Graça) e 2 marceneiros; 1 e 24 carpinteiros (outro em uma água-furtada e, em andar, um carpinteiro de machado); 4 carpinteiros de segas, em lojas; 3 e 3 douradores; 1 e 3 tanoeiros; 1 entalhador em andar. Total: 35+32+1=68.

*Construção civil* — em lojas, 1 oficial de estucador e 1 vidraceiro; em andares, 13 pintores, 5 pedreiros e 2 canteiros. Total: 2+20=22.

*Vestuário* — 18 alfaiates em andares e 2 em águas-furtadas; 1 oficial de algebebe em andar. Total: 0+19+2=21.

*Trabalho de metais comuns* — 15 e 18 latoeiros, mais 1, que o era na fundição, ocupando toda uma propriedade; 12 e 12 serralheiros; 5 e 2 torneiros; 1 e 3 funileiros; 3 espingardeiros em lojas e 1 em água-furtada; 2 e 1 cutileiros; 1 e 1 amoladores; em lojas, 2 bate-folhas, 2 ferreiros e 1 fundidor; em andares, 2 trabalhadores da fundição, 1 coroneiro e 1 «Off.º de abridor». Total: 44+31+1+1=77.

*Barbeiros e cabeleireiros* — 7 barbeiros em lojas, 1 em sobreloja, 4 em andares e 2 ocupando totalmente propriedades; 4 e 5 cabeleireiros, outro em uma água-furtada e outro ocupando toda uma propriedade. Total: 11+9+1+1+3=25.

*Tecelagem* — 2 bordadores em andares; 2 brunidores de holandilhas, 1 em andar e outro ocupando toda uma propriedade; 2 e 1 tintureiros; 1 e 1 cordoei-





ros; em andares, 1 tecelão, 1 fabricante de sedas, 1 «que trabalha na fabrica de chitas», 1 «Off.º de Cerigueiro», 1 torcedor de retrós; 1 fabricante de sedas em uma água-furtada. Total:  $3+10+1+1=15$ .

**Trabalho de pedras e metais preciosos** — 20 ourives em andares, outro em uma água-furtada e 1 ourives do ouro ocupando completamente uma propriedade; 3 lapidários em andares; 1 oficial de lavrante em andar e 2 lavrantes em águas-furtadas. Total:  $0+24+1+3=28$ .

**Panificação** — 3 e 2 padeiros. Total:  $3+2=5$

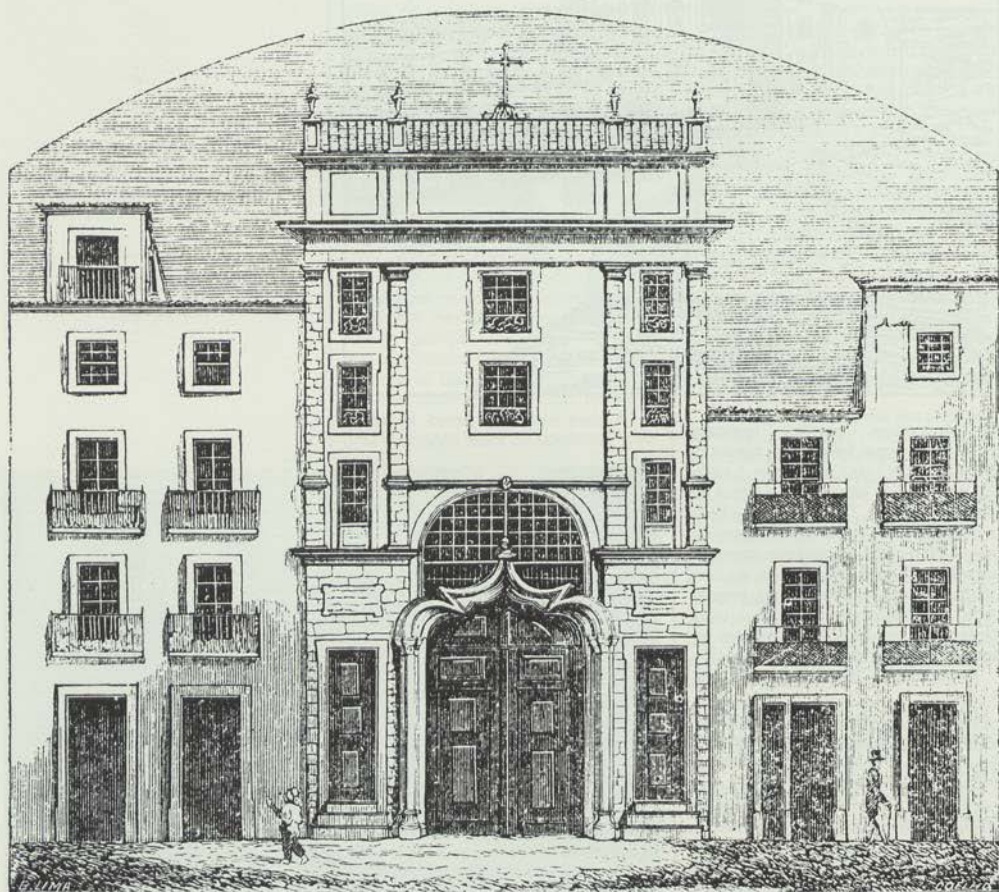
**Construção naval** — em andares, 5 calafates, 1 «Off.º da ribr.º», 1 «da Ribr.º» e 1 «da Ribr.º das Nãos»; 1 carpinteiro da Ribeira em loja. Total:  $1+8=9$ .

**Doçaria** — 2 e 3 chocolateiros; 1 e 1 confeiteiros; 1 e 1 pasteleiros. Total:  $4+5=9$ .

**Tipografia** — 1 e 1 livreiros. Total:  $1+1=2$ .

Colégio de Santo Antão,  
da Companhia de Jesus.  
Depois da expulsão da Companhia  
foi para ali transferido  
o Hospital de Todos-os-Santos,  
que passou a denominar-se de S. José.  
O edifício tinha uma outra torre,  
apeada em 1807

«A edificação que se vê na Rua da Mouraria, espécie de torre de cantaria branca com porta manuelina, é apenas uma pequena parte do antigo Colégio dos Meninos Órfãos (...);  
«Data provavelmente da reparação posterior ao Terramoto,  
de quando se fez a regularização das fachadas, na reconstrução da cidade».  
(Maia Ataíde, pág. 103 do Tomo V.1 de *Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa*).  
A gravura foi publicada no Vol. de 1862 do *Arquivo Pitoresco*





*Ferradores* — 1 em andar e 1 em baraca. Total:  $0+1+1=2$ .

*Trabalho de costura e outros entrançados* — 10 e 4 esparteiros (e 3 ocupando propriedades inteiras); 1 peneireiro ocupando uma propriedade. Total:  $10+4+4=18$ .

*Trabalho de cera e cebo* — 1 e 1 ceireiros (e outro ocupando toda uma propriedade). Total:  $1+1+1=3$ .

*Fabrico de chapéus* — 1 chapeleiro em loja; 2 e 1 sombreireiros. Total:  $3+1=4$ .

*Trabalho artístico e de precisão* — 3 e 3 relojoeiros; em loja, 1 que «fas fundas». Total:  $4+3=7$ .

*Imaginário* — 1 escultor em uma loja e, em andares, 1 «Escultor a S. Dom.» e 1 «Off.º de Escultor». Total:  $1+2=3$ .

*Fabricantes não discriminados* — 1 banheiro ocupando toda uma propriedade. Total:  $0+0+1=1$ .

*Incertos* — 1 e 8 oficiais fabricantes; 1 mestre-de-obras em andar. Total:  $1+9=10$ .

*Instalações industriais* — 1 proprietário de fábrica de pão em loja, outro em andar e 3 ocupando completamente propriedades. Total:  $1+1+1+2=4$ .

O total de 452, total em que, obviamente, a realidade aparece um tanto avolumada, é, não obstante, inferior ainda em algumas dezenas ao acima mencionado do ano de 1763. Permitirá o confronto entre estes números adiantar a hipótese de que estaria em regressão na freguesia a presença de trabalhadores do sector industrial.

Façamos outros confrontos. Os trabalhos de couro, madeira e metais comuns revelam-se, em todos os documentos utilizados, como os que ocupavam mais numerosa mão-de-obra (os livros de Maneios e de Arruamentos de 1800 e de Maneios de 1763 dão, respectivamente, em relação aos mencionados sectores de actividade, os números de 75, 115 e 109, 32, 66 e 103, 38, 76 e 87). Outra verificação, nada surpreendente, aliás, estes valores permitem: enquanto o número dos que trabalhavam em metais comuns é, em 1800, superior ao dos que trabalhavam em madeira, ele era, em 1763, sensivelmente inferior.

Verifiquemos também quais os officios mencionados nos Maneios de 1763 e que o não são nos Maneios e Arruamentos de 1800. Tendo-se subtraído ao fisco, emigrado da freguesia, mudado de designação ou desaparecido como actividades produtivas, são eles os seguintes: linheiros, picheteiros, espadeiros, forneiros, impressores, fabricantes de fi-

tas, afinador de cravos, atafoneiro, cadeireiro, caldeireiro, compositor, conserveiro, esteireiro, limpador de armas, odreiro, ourives da prata, penteeiro, pescador, serrador, torneiro de prata, violeiro.

Vejam agora quais os grupos comerciais encontrados no livro de Maneios:

*Produtos alimentares* — 1 com açogue, 1 com celeiro, 1 com fruta (total — 3)

*Bebidas e comidas* — 10 taberneiros e 5 «com taberna», 4 com bebidas, 5 com vinhos (total — 24)

*Tendeiros* — 28 (entre os quais 3 tendeiros)

*Venda de tecidos e vestuário* — 1 «com fitas», 1 com linhas (total — 2)

*Outros produtos de indústria* — 6 vendedores de louça, 2 «com sola» e 1 «contratador de sola» (total — 9)

*Comércio de transportes terrestres* — 5 com seges (em um dos casos particula- riza-se que se tratava de seges abertas e em três especifica-se, de certo desnecessariamente, que eram seges de aluguer); 1 com cavalos (total — 6)

*Negócio de carvão e lenha* — 1 vendedor de carvão, outro de lenha (total — 2)

*Cultura e diversão* — 1 «com bilhar»

*Diversos* — 1 armador.

Também neste sector a Décima dos Maneios incidia em 1800 sobre um número de profissionais (76) muito inferior ao de 1763 (141). Façamos também para os grupos comerciais, e com as mesmas reservas que para os industriais, recolha dos dados constantes no livro de Arruamentos de 1800:

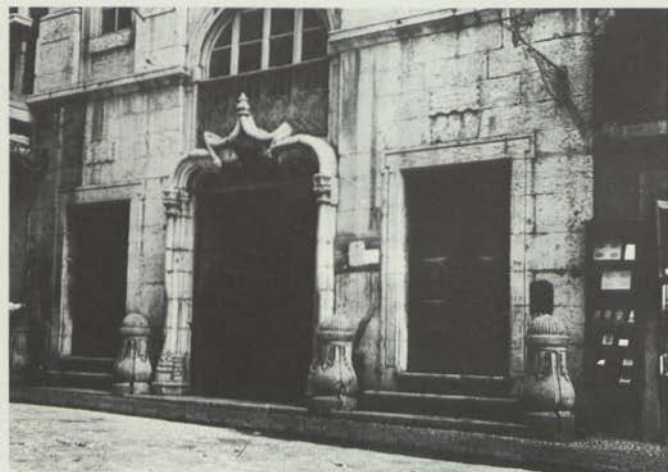
*Produtos alimentares* — em lojas, 1 «que vende fruta» e 1 «com asougue»; em andares, 1 cortador e 1 vinagreiro. Total:  $2+2=4$

*Bebidas e comidas* — em lojas, 5 «com taberna» e 7 taberneiros (mais 2 ocupando integralmente propriedades); «com bebidas» havia 3 em lojas, 1 em andar e 1 ocupando uma propriedade completa; «com vinhos», 2 em lojas e 2 em propriedades; em loja, 1 mulher «q vende vinho». Total:  $18+1+5=24$

*Tendeiros* — 23 (4 dos quais mulheres) em lojas, 6 em andares, 4 ocupando propriedades integralmente. Total:  $23+6+4=33$

*Vendas de tecidos e vestuário* — em lojas, 1 «com linhas e fitas» e 2 mulheres «com fitas» (e 2 em andares); em andares, 2 fanqueiros e 1 retroseiro. Total:  $3+5=8$

*Outros produtos de indústria* — 6 e 1 «com louça»; em lojas, 2 contratadores



Colégio dos Meninos Órfãos.  
«No andar térreo, abrem-se, lateralmente, duas pequenas portas; e, ao meio, uma outra, manuelina, em que duas delgadas colunas invertidas por ignorância do pedreiro, suportam um arco contracurvado e angulado, com alcachofras nos vértices, frequentes na arte manuelina»

(Maia Ataíde, Ob. Cit.)

Esta fotografia deve ser anterior a 1907, dado que é indicada como sendo da Ermida de Nossa Senhora da Guia, que até esse ano aqui funcionou

de sola e 1 «com sola» (outro em andar); ocupando toda uma propriedade, 1 «q vende sola». Total:  $9+2+1=12$

*Aguadeiros* — 1 em uma loja e «huns Agoadeiros» em outra. Total:  $3(?) + 0 = 3(?)$

*Comércio de transportes terrestres* — ocupando propriedades inteiras, 1 «com segas e bestas» e 2 «com segas de aluguer» (outros dois em lojas). Total:  $2+0+3=5$

*Negócio de carvão e lenha* — em lojas, 1 carvoeiro e 1 «q vende carvão»; em barracas, 2 «com lenha». Total:  $2+0+2=4$

*Produtos coloniais* — em lojas, 3 «com estanco» e, em um armário, 1 «com tabaco». Total:  $3+0+1=4$

*Cultura e diversão* — em loja, 1 «com bilhar».

*Diversos* — 1 ferro-velho em andar e 1 armador em água-furtada. Total:  $0+1+1=2$



Fotografia actual (1989)  
da fachada do antigo  
Colégio dos Meninos Órfãos



*Designações gerais* — em lojas, 2 homens «de venda» e 2 que vendiam «pelas ruas» (e 3 em andares). Total: 4+3=7. Temos, portanto, a partir do livro de Arruamentos e para as profissões comerciais, um pouco seguro total de 106, sensivelmente equidistante dos fornecidos pelos Maneios em 1800 (76) e 1763 (141).

Um dos grupos profissionais mais numerosos em 1763 (*Caixeiros*) desaparece completamente em 1800, o que será atribuível a isenção fiscal entretanto concedida e, no caso dos caixeiros de negociantes, a pagarem o imposto na Junta do Comércio e não nas Superintendências da Décima. Outro grupo que, *ex-aequo*, encabeçava as profissões comerciais, as *Mercearias*, igualmente desaparece, mas aqui deve o facto ser devido a que *Mercearias* e *Tendeiros*, disjunctos em 1763, estarão englobados em 1800 sob uma só destas designações, a segunda.

Desaparecidos, de uma para outra das fontes, estão também os *Corretores de pretos*, os *Negociantes*, os *Homens de Negócio*, as *Lojas de capela* e as *de feragens*. Cingi-me, nesta enumeração, só aos grupos com expressão numérica minimamente significativa. Seria tentador ver em algumas destas desaparecimentos, nomeadamente nas dos negociantes e das lojas de capela, um indicio de proletarização da freguesia; mas ponderar-se, no que aos homens de negócio respeita, que eles existiam, mas eram colectados através da Junta do Comércio<sup>(16)</sup>.

Abandonemos os grupos comerciais com a constatação de que nos dados disponíveis para 1800 os vendedores de *Bebidas e comidas* e os *Tendeiros*, somados, ultrapassam folgadoamente 50% do total, enquanto os grupos que lhes correspondem nos Maneios de 1763 pouco além vão dos 30%.

Alinhemos agora, no que respeita às profissões liberais, as categorias em que se integram os poucos dados disponíveis nos Maneios:

*Saúde* — 5 cirurgiões, 3 boticários, 1 dentista (total — 9)

*Procuradoria* — 16 procuradores

*Advogados* — 5

Já os Arruamentos, com todas as limitações nunca demais sublinhadas, ultrapassam esta modesta trintena:

*Saúde* — em andares, 5 cirurgiões; 3 e 2 boticários e outro ocupando toda uma propriedade; também nesta situação, 1 dentista. Total: 3+7+2=12

*Procuradoria* — 4 e 12 procuradores

de causas, 5 procuradores em andares. Total: 4+17=21

*Advogados* — 4 em andares e 1 ocupando inteira propriedade. Total: 0+4+1=5

*Música e dança* — em andares, 1 cantor da Sé e outro designado como cantor da Patriarcal, 1 músico, 1 músico da Casa Real, 1 rabequista. Total: 0+5=5

*Ensino* — em andar, 1 «Profesor regio» e, em umas águas-furtadas, 1 mestre de meninos. Total: 0+1+1=2

*Designações gerais* — 2 bacharéis em andares.

Temos, portanto, no que respeita a profissões liberais, registo de 30 indivíduos nos Maneios e, nos Arruamentos, um duvidoso total de 48. São também ambos estes valores, de qualquer modo, modestos quando comparados com os 55 registados nos Maneios de 1763. Confrontados com estes os valores do final do século verifica-se que, em relação ao conjunto, permanecem como grupos mais numerosos os *procuradores*, os *cirurgiões* e os *advogados* e que, em valores absolutos, aumenta o número de *procuradores* e de *músicos*.

Quanto a elementos dedicados aos transportes regista o livro de Maneios, unicamente, 1 *ribeirinho* (transportes terrestres) e a existência de 2 *estalagens*. O de Arruamentos consigna:

*Marinheiros* — 1 e 7 embarcações; 1 e 2 marinheiros; 1 e 1 marítimos. Total: 3+10=13

*Transportes terrestres* — em loja, 1 cocheiro e o carreiro (?) do Coleginho; ocupando propriedade inteira, 1 *ribeirinho*. Total: 2+0+1=3

*Guardas de navios* — 3, em andares.

*Estalagens* — em andar e em loja havia indicação de indivíduos «com estalagem»; outra ocupava completamente uma propriedade. Total: 1+1+1=3

Esta vez, se as 3 menções do livro de Maneios de 1800 são inferiores às 8 do de 1763, já nos Arruamentos (1800) este valor aparece mais que duplicado. Será de assinalar a presença significativa de embarcações e mais gente marinha.

Além dos grupos mencionados, que outras categorias profissionais ou sociais nos são indicadas pelos Maneios e pelos Arruamentos?

Ao funcionalismo pertencerão o alcaide, o chanceler, o contador, o inquiridor, os 2 tabeliães e os 7 *escrivães* (das Capelas da Coroa, da Chancelaria, do Cível, dos Contrabandos, dos Defuntos e Ausentes, da Moeda e da Ouvidoria da Al-

fândega) sujeitos ao pagamento da décima dos maneios (13, no total).

No livro de Arruamentos encontramos ocupando lojas e andares diversas pessoas que poderão considerar-se como pertencentes ao funcionalismo (superando algumas hesitações e considerando como funcionários, por exemplo, trabalhadores da administração municipal e criados da família real). Em lojas: servidor da Casa do Infante, 2 fiéis de feitos, 1 avaliador e outro funcionário do Senado, «do Terreiro», 2 oficiais da vara (7, no total). Em andares: alcaide, criado de S.A.R., 4 criados de S.M., oficial de S.M., 2 tabeliães, 2 porteiros, «Port.º da Cana», 2 «da Junta do Com.º», cobrador do açougue, inquiridor, «das Sette Cazas», 2 fiéis de feitos, «opozitor às letras», oficial da Fazenda, oficial da Tesouraria, 3 funcionários da Misericórdia, avaliador do Senado, «Off.º da Casinha», «Off.º da vara», 4 oficiais papelistas, contador, 2 enfermeiros e 1 trinchante do Hospital, 3 funcionários do Tabaco (1 deles meirinho e outro juiz da balança), 4 funcionários do Erário, feitor do assento, servidor da Casa do Infante, da Casa de Bragança, *escrivão da Casinha*, 7 oficiais do Terreiro, *capatiz da palha*, *escrivão da limpeza*, 3 oficiais da Alfândega (mais 1 guarda e 1 desembargador da mesma), Juiz *escrivão dos contrabandos*, *desembargador*, 4 *escrivães* (da Moeda, das Capelas da Coroa, do Cível, da Chancelaria). Ocupando uma casa nobre, encontra-se ainda 1 *desembargador*, e, ocupando outras propriedades na sua totalidade, mais 4 *desembargadores*, guarda da Casa da Índia, *escrivão da Ouvidoria da Alfândega*, *escrivão dos Defuntos e Ausentes*; habitando águas-furtadas, havia 1 oficial dos contrabandos, 1 *funcionário da Chancelaria*, 1 «da Meza da Junta». Há, portanto, que juntar ao já mencionado total de 7 funcionários ocupando lojas os 67 que habitavam em andares e os 11 referenciados em último lugar (todos somando 85).

Respiemos ainda algumas indicações mais. Trabalhadores sem qualquer especialização encontramos: em lojas, 3 varredores e 4 trabalhadores, em andares, 1 jornalista, 6 trabalhadores, 1 varredor; ocupando um «soto», 1 trabalhador e outro vivendo em água-furtada (17, no total).

Os criados de servir, tão característicos das distorções da sociedade e da economia do período sob análise, não têm a sua presença muito abundantemente documentada nestes registos: as



mulheres nem neles afluam; quanto aos homens, 7 ocupavam lojas, 27 ocupavam andares. Estes 34 criados de servir não habitariam onde prestavam as suas funções? teriam necessidade de alugar casa para instalar familiares? ou seriam arrendatários fictícios, acobertando discretamente o nome dos seus amos?

Só um cozinheiro aparece, ocupando um andar.

Sacerdotes e mais gente ligada à Igreja também nos surge nestes registos: 1 padre ocupava loja, 19 ocupavam andares (além de 1 beneficiado, do prior da freguesia, do capelão da Irmandade da Senhora da Saúde, do fiel da prata da igreja); o cônego D. João de Aguiar ocupava loja e andar; 1 «Sachrista da P.» ocupava um andar e outro uma água-furtada (27 no total).

Também a presença de militares está assinalada: 7 lojas eram habitadas por soldados; andares estavam arrendados 11 a soldados (ex-soldados, em 2 casos), 3 a militares de que não é indicada a graduação, 3 a cadetes, 3 a sargentos, 2 a alferes, 3 a tenentes, 3 a capitães, 1 a major, 1 a sargento da Ordenança; provavelmente militar será também o ajudante a que estava arrendada, na sua totalidade, 1 propriedade (31, no total).

Modesta emergência de uma realidade rural que muito se acentuará na vizinha freguesia dos Anjos é o aparecimento de um horteirão ocupando, logicamente, uma horta.

Indivíduos «sem ofício» tinham presença não despidendo: 38 em lojas, 98 em andares, 2 em águas-furtadas, 2 ocupando propriedades na sua totalidade (140, no total).

Além dos locatários de que é indicada profissão (ou inexistência da mesma) outros há que aparecem designados de formas que não deixam de ser curiosas: assim, 3 lojas estavam arrendadas a cegos, 3 a homens pretos (e 1 «a huns pretos»), 1 «a hum Galego», 1 a «hum homem», 6 serviam unicamente «p.» despejos» (idêntica utilização era dada a toda uma propriedade); andares estavam arrendados «a huns Galegos», 7 a cegos, 3 a indivíduos que viviam «de sua fazd.», 1 a aleijado, 3 a homens velhos, 2 a espanhóis, 1 a inglês, 1 a homem preto, 1 a homem pardo, 1 a «hum homem incognito» (Total: 15+21+1=37).

Também um tanto peculiar é a indicação de serem «pobres», feita com respeito aos inquilinos de 24 lojas (um dos quais ocupava também sobreloja), 23 andares, 1 propriedade, 1 água-furtada e 1

Colégio dos Meninos Órfãos (Fotografia provavelmente dos primeiros anos do século).

Das portas que se abrem para a Rua da Mouraria, a situada à direita do portal manuelino «conduz a um pátio sombrio e sujo (...)

que devia ter sido a principal, se rasga um monumental pórtico Rococó.

Este pórtico, algo pesado, ostenta as armas de D. José I (...)

(Maia Ataíde, Ob. Cit.).

O pórtico está «emparedado» em virtude da construção do prédio com o N.º 70



sobreloja. Na realidade, como o torna evidente o confronto com o valor médio das rendas que mais adiante será indicado, eram modestas as suas habitações: pagavam estes inquilinos pela sobreloja 8\$000, pela água-furtada 5\$000, pela propriedade (simples casa térrea, obviamente) 6\$000; a média da renda das lojas (excluída a mais elevada, de 14\$400, que também incluía uma sobreloja) mal excedia os 7\$120; os andares, de que o mais caro (21\$600) era, ainda assim, ocupado por indivíduo de que é indicada profissão («pintor pobre»), tinham a média das rendas situada em 10\$270.

Detenhamo-nos, a findar esta sondagem, num total de 332 instalações arrendadas a mulheres: 75 lojas (1 das quais ocupada por 1 viúva, 3 por pretas, 3 por locatárias a que é atribuído D., e, sem indicação dos nomes, 2 arrendadas «a huãs mulheres» e 2 «a huã m.»); 243 andares (37 dos quais habitados por mulheres distinguidas com D., e, sem que tenham indicação de nomes, 8 arrendados a «huã V.», 9 a «huã mulher» e 3 «a humas mulheres»; 10 águas-furtadas; 5 propriedades (sendo a uma das locatárias concedido o raro D. e sendo outra designada só como «huma mulher»).

Será normal este número de ocupantes do sexo feminino? Só o confronto com outras freguesias poderá responder a esta pergunta. Todavia, poderá desde já adiantar-se que, caso fosse excessivo, ele indicaria uma realidade que, ao longo dos anos, tem marcado a freguesia: a prostituição.

Francisco Inácio dos Santos Cruz, no seu *Da Prostituição na Cidade de Lisboa* (que apresenta dados estatísticos respeitantes a 1841, mas indicações de carácter mais genérico que se reportam a épocas anteriores) deixa bem marcado esse aspecto da vida da freguesia. Fá-lo ao referir a zona de habitação das menos cotadas meretrizes lisboenses: «As vagabundas pelas ruas são em Lisboa, como em todas as cidades da Europa, as mais baixas, as mais miseráveis e desgraçadas de todas as prostitutas: estas mulheres costumam ordinariamente sair à noite de suas imundas casas e nojentas espeluncas do Bairro Alto, da antiga Madragoa, e Cotovia, das ruas da Amendoeira, do Capelão, das Atafonas, etc. (...)»<sup>(1)</sup>. E com a crueza dos dados estatísticos o faz quando nos informa do segundo lugar ocupado pela freguesia (pertencia o primeiro à Encarnação) quer quanto ao número de prostíbulos (51) quer quanto ao de prostitutas (114).<sup>(2)</sup>

(Continua)







Onde existe o Hospital de S. Lázaro «ficava a Ermida de S. Lázaro, com um monumento funerário encimado por um formoso cruzeiro, o melhor de Lisboa, hoje no Museu do Carmo» (Guia de Portugal, 1, 264)

#### NOTAS

(<sup>1</sup>) Alzira Teixeira Leite Moreira, A importância da «Décima da Cidade de Lisboa e seu Termo» para a *Onisipografia*, in «Revista da Biblioteca Nacional», n.º 1 (1982).

(<sup>2</sup>) Cfr. Augusto Vieira da Silva, *As freguesias de Lisboa*, Lisboa, 1943, pp. 15, 16 e 58.

(<sup>3</sup>) Francisco Santana, *Lisboa na 2.ª metade do séc. XVIII (Plantas e descrições das suas freguesias)*, pág. 8.

(<sup>4</sup>) «Esta divisão é a que fundamentalmente ainda está em vigor», diz Vieira da Silva, ob. cit., pág. 20.

(<sup>5</sup>) *A freguesia de Nossa Senhora das Mercês de Lisboa no tempo de Pombal*, sep. da «Revista Municipal», n.º 120-121 (1969).

(<sup>6</sup>) *Problemas de História da Indústria Portuguesa no Século XVIII*, Lisboa, 1963, pp. 90 e ss.

(<sup>7</sup>) Jorge Borges de Macedo, ob. cit., pág. 304.

(<sup>8</sup>) O facto e a sua importância negativa são sublinhados pelo Prof. Borges de Macedo na ob. cit., a pág. 80 e 84.

(<sup>9</sup>) Os andares são também frequentemente designados como *quartos*; estas expressões são equivalentes ou, pelo menos, bastante mais próximas do que hoje.

(<sup>10</sup>) Por exemplo, na derrama do imposto a satisfazer pelos negociantes da praça de Lisboa, respeitante a 1771, são indicados, no Socorro, 10 negociantes e 3 caixeiros (cfr. Francisco Santana, *Documentos do cartório da Junta do Comércio respeitantes a Lisboa*, vol. 1, págs. 223 e 241).

(<sup>11</sup>) Este destaque dado a arruamentos do Socorro não se verifica só na passagem citada (pág. 75); ele repete-se, quase monotonamente, a pp. 90, 104, 109, 112, 124, 125, 156, 158, 160, 210, 211, 236, 237, 238, 244, 252, 253. Louvando-se em Santos Cruz mas também em diversas outras fontes, idênticas afirmações produz José Machado Pais, a pp. 94, 102, 105 e 106 do seu sugestivo trabalho, publicado em 1985, *A prostituição e a Lisboa boémia do século XIX aos inícios do século XX*.

(<sup>12</sup>) Partindo dos valores fornecidos por Santos Cruz, verifica-se que o número de prostitutas representava, em relação ao total dos habitantes da cidade, um valor de 0,4%, enquanto que, considerada só a paróquia do Socorro, esse valor era de 1,74%.



# ABEL MANTA

## NO CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE UM PINTOR

### 1. ESTUDO E ANÁLISE ESTÉTICA DE OBRAS DE UM ARTISTA PLÁSTICO DE GRANDE SIGNIFICADO OLISIPONENSE

O Pintor Abel Manta nasceu em Gouveia no dia 12 de Outubro de 1888. Aos 16 anos (1904) ingressa na Escola Superior de Belas-Artes em Lisboa, concluindo o Curso de Pintura, em 1916.

Em 1919, parte para Paris, como bolsheiro. Na capital francesa conhece entre outros grandes pintores, Dórdio Gomes. Em 1925, o Artista regressa a Portugal e, a partir desta data, inicia uma actividade

constante, principalmente expondo na S.N.B.A. e em certames internacionais.

Abel Manta tornou-se uma figura bastante popular e *sui generis* no meio literário, privando com escritores e poetas, que normalmente frequentavam o circuito lisboeta entre o café «A Brasileira», do Chiado, a Livraria «Bertrand», na Rua Garrett e o café «Nicola», no Rossio.

Recordemos o que o Escritor Aquilino



«Auto-retrato com Paleta», óleo de Mestre Abel Manta, realizado pelo artista em 1939 e pertencente à Coleção de J. Abel Manta, Museu de Gouveia

Ribeiro referiu acerca da personalidade do Pintor, extracto recolhido dum trabalho literário da autoria de Manuel Mendes:

(...) «Homem singelo, de compleição nítida e humana, claramente definida na originalidade do seu recorte, mas cuja indole pouco ou nada parece reflectir-se na obra. (...) Espírito de propensão mordaz e irónica, acha aprazimento em tirar da vida o partido caricatural e galhofeiro, deformando, com singular engenho e jeito muito seu, a visão das coisas e o sentido das palavras nos traços impiedosos e no exagero da representação burlesca. Não lhe escapam os ridículos e o grotesco do próximo, e tem o comentário ágil e fulminante, raramente azedo, mas a grande maioria das vezes ácido, sempre movido pelo impulso da sua verve repentista, daquele seu tutelar demónio espirituoso e motejador».

Fernando Pamplona via-o assim: «De feito irreverente, boémio e «blagueur», embebedo do espírito «gavroche» de Montparnasse, foi um artista de personalidade original e de jeito versátil.»

Reparemos agora no que escreveu Manuel Mendes sobre Manta, já quando o artista tinha idade avançada: «O farfalhado laço à La Vallière, tão querido do «rapin» da sua geração, foi minguardo, minguardo até acabar moderado e singelo, no lacito pequeno de camiseiro, pois nunca se afez à circumspecta gravata de nó. (...) A imaginação vivaz e travessa manteve-se a mesma, nutrida ainda da irreverência da juventude, mas refinada com a idade, numa mescla de sabor plebeu e espírito cultivado. Os olhos suspicazes não perderam nem pinta da coloração azul retinto e os lábios continuam a abrir-se-lhe naquele riso de desacato às conveniências com que se atreve a encarar o Mundo. Ostenta de há muito e com desassombro a calva plena e luzidia, os modos lhanos e a expressão da palavra dissimula-a tímida e astuta, para em contraste logo tudo definir em dois traços de atrevido chiste. (...) A tertúlia do café, a cavaqueira desenfastiada com os amigos. (...) E nestes debates de escárnio e maldizer na risonha palestra de todos os dias. (...) Nos seus ditos, a locução ganha formas surpreendentes de pitoresco, contundência e malícia».

Eis um pouco da personalidade dum dos maiores pintores contemporâneos portugueses possuidor duma verdadeira alma de poeta a pintar e como contribuiu a mais uma análise profunda da sua obra, aqui deixo expresso o que me ressaltou de importante numa análise estética às suas telas, nesta efeméride do seu nascimento.

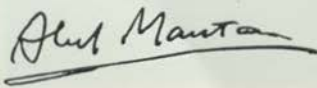
Abel Manta foi discípulo do pintor naturalista Carlos Reis, trabalhando em três géneros de pintura, a saber: *No Retrato; na Natureza-Morta e na Paisagem Urba-*

*na*. Sofreu a influência do grande Mestre Pintor francês Paul Cézanne, como muitos dos seus contemporâneos, sobretudo acentuada na composição das suas naturezas-mortas e em alguns dos seus retratos. Na *Paisagem Urbana*, as suas telas tocam uma atmosfera impressionista. O Pintor aproveita e absorve o Naturalismo de onde desponta a sua pintura, para a colocar num caminho moderno — anos-20, podendo ser considerado como um dos modernistas significativos a par de Eduardo Viana e Dórdio Gomes, este último que estudou com ele em Paris. Manta, sem deixar de utilizar as temáticas tradicionais, trabalhou-as duma forma moderna.

No género do *Retrato*, onde atingiu grande relevo e foi considerado o maior retratista do seu tempo, podemos destacar, entre as suas obras, «*O Auto-retrato com paleta e óculos*» (1954); «*O Retrato do Violinista René Bohet*» (1930); «*O Pianista Teófilo Russel*» (1941); «*A Mulher da Nazaré*» (1931); «*João Abel*» (1941); «*Maria Pancada Bravo*» (1925) e «*O Grupo do Consultório do Prof. Pulido Valente*» (1955). Obras notáveis que enriqueceram a Pintura Contemporânea. Abel Manta consegue neste género captar as expressões potenciais dos seus modelos com grande sensualidade e realismo e, assim, vamos encontrar-lhe o esforço cézanniano de pincelada, correspondendo a essa energia dos traços, deformando propositalmente aquilo a que se pode chamar o real fotográfico.

Nas *Naturezas-Mortas* onde a figura humana surge, Manta dá-lhes um *toque fauvista*, especialmente nas telas *A Menina Cosendo Meias*» (1922) e «*Nas Maças*» (1925). Este *fauvismo* é encontrado principalmente nas *pinceladas sucessivas, de início descontinuas e intermitentes, produzindo um aspecto à obra de inacabada — por exemplo, as linhas que delimitam o corpo da «Menina Cosendo Meias»*, são dinamicamente sugeridas sem marcação rigorosa, dando aos gestos os movimentos estritamente necessários, criando na tela uma delicada e frágil sensibilidade.

Duma forma diferente do seu contemporâneo e grande pintor Dórdio Gomes, Abel Manta utiliza aspectos da Escola Fauvista, não só no quadro «*A Menina Cosendo Meias*», como já se disse, *mas também no seu «Nu», de 1932*. E é aqui que curiosamente *se desvia do pintor Cézanne, utilizando traços «matissianos»*. Dórdio Gomes, trabalhando na mesma temática com a tela intitulada «*Auto-Retrato e Natureza-Morta*» (1924), obtém um exemplar quase perfeito dentro da Escola Cézanniana. Assim, constata-se que Dórdio e Manta na sua busca com estas obras procuram alcançar o mais moderno da pintura do seu





«Retrato de René Bohet», óleo de Abel Manta sobre o consagrado violinista francês, realizado cerca dos anos 30, onde se reconhece a influência cézanniana na força da pincelada e em certa deformação sábia da imagem. Pertencente à Coleção do Museu Municipal, Figueira da Foz.

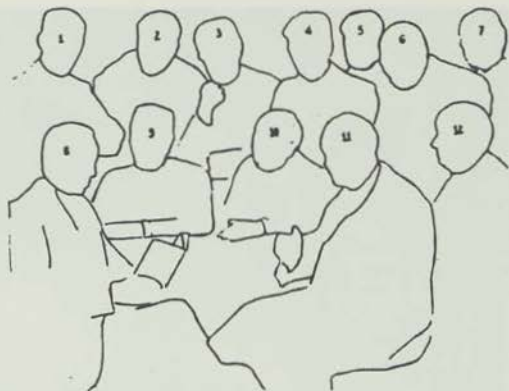




«Paisagem» — óleo realizado em 1932. Género a que Mestre Manta também se dedicou, trabalhando nesta obra uma temática tradicional, onde ressaltam importantes aspectos modernistas, introduzidos pelo artista, desviando-se assim da sistemática e consagrada pintura naturalista de então. Obra pertencente à Coleção do Centro de Arte Moderna (F.C.G.)

«Natureza-Morta (Vaso com flores)», óleo/aparite, sem data, de Abel Manta, pertence à Coleção do Centro de Arte Moderna (F.C.G.)

«Grupo do Consultório do Prof. Pulido Valente», importante óleo de Mestre Abel Manta, realizado em 1955, onde é notável o seu grande talento de Retrataista, valorizado pelas doze expressões de consagradas figuras da sua época. Pertence à Coleção do Museu da Cidade (C.M.L.)



ABEL MANTA  
«GRUPO DO CONSULTÓRIO DO PROF. PULIDO VALENTE»-(1955)  
Óleo s/tela - 1,50x1,80 m  
col. Museu da Cidade - CML

1 — Ribeiro dos Santos, 2 — Mário Alenquer,  
3 — Lopes Graça, 4 — Manuel Mendes, 5 —  
Sebastião Costa, 6 — Câmara Reis, 7 — Abel  
Manta, 8 — Aquilino Ribeiro, 9 — Ramada  
Curto, 10 — Carlos Olavo, 11 — Pulido Valente,  
12 — Alberto Caldeira





«Nu», óleo realizado por Mestre Manta, cerca de 1932. Uma das raras obras do artista neste género. É neste quadro que Abel Manta vai beber no puro fauvismo matissiano, conseguindo na sensualidade sugerida criar uma nova expressão pictural. Obra pertencente à Coleção de J. Abel Manta, Museu de Gouveia.



tempo, conseguindo porém Manta atingir o ponto mais hodierno.

Nas Naturezas-Mortas de Manta, onde a figura humana não é incluída na tela, realizadas entre 1925 e 1953, observamos verdadeiramente a *tendência cézanniana* porque o artista *desdobra a cor que observa na forma, aprofundando-a e exaltando-a*. Esta violência que Manta atinge vamos encontrá-la, no seu poder máximo, no grande pintor Eduardo Viana com o seu quadro denominado «Mulher Deitada» (1935). Todavia, os *objectos inanimados nas Naturezas-Mortas de Abel Manta enchem plasticamente as telas numa intenção verdadeiramente cézanniana*. O pintor analisa o objecto, maçãs, pratos, compoteiras, garrafas, jarros com flores, toalhas brancas com pregas na sua identidade natural. Contudo, *as linhas artificiais que contornam tais objectos, separam-nos e delimitam-nos pela força da cor*. É, portanto, *ao abrigo da luz devoradora que o pintor Abel Manta procura atingir a essência da forma* nestas suas obras.

A propósito convém anunciar o que Cézanne disse sobre o assunto. «*Numa laranja; numa maçã; numa bola ou numa cabeça, há um ponto culminante e esse ponto é sempre luz, sombra ou sensação (colorante) ... É preciso tratar a natureza pelo cilindro, pela esfera e pelo cone, tudo posto em perspectiva. Isto é, que cada lado dum objecto, de um plano, se dirija para um ponto central*».

Manta aprendeu a lição de Mestre Cézanne e, assim, conseguiu distinguir-se de tantos pintores portugueses com as suas naturezas-mortas, nomeadamente de José Ferreira Chaves, António José da Costa, Josefa Greno, Alda Machado Santos e Celestino Alves, que revelaram boas telas neste género, mas que não conseguiram depositar nas mesmas, essas camadas volumosas de tinta que destacam a forma expressiva da mancha, corrente plástica que contraria o realismo dos pintores de flores e frutos.

Na *Paisagem Urbana* Abel Manta distingue-se com os seus quadros — *Estudos-óleos sobre a Praça Luís de Camões*, realizados em 1932, 1954, 1956 e 1964 e com o expressivo quadro «*Manhã no Tejo*», feito em 1957.

Na *série de Estudos sobre a Praça Camões*, o pintor observa um único local, dando a cada quadro pormenores diferentes e subtis, quer no aspecto de luminosidade, quer na deslocação da perspectiva. É uma particularidade curiosa, Manta ter ido buscar o mesmo espaço, procurando aperfeiçoar-se como pintor ao ar livre, tentativa muito semelhante à que foi realizada por Cézanne no seu sucessivo estudo sobre «*La Montagne de Sainte Victoire*» pintado entre 1904 e 1906. O artista português povoa as telas nos referidos estudos sobre a Praça Ca-



«Rosas Amarelas», óleo do pintor Abel Manta, realizado em 1963, em que de novo se acentua a influência cezanniana. Assim, as linhas artificiais que contornam as flores do quadro, são separadas pelo desdobraimento da cor. Tela pertencente à coleção J. Abel Manta, Museu de Gouveia.



«As Três Praças de Camões» de Abel Manta, executado em 1932, 1954 e 1964. Obras que são uma autêntica série, constituindo um estudo de subtis pormenores da Praça e das figuras de luminosidade e deslocação de perspectiva. É neste olhar que Manta se torna num pintor olisiponense. Tentativa feliz do artista eminentemente semelhante à que foi realizada por Cézanne com o estudo-obra «La Montagne de Sainte Victoire».







mões de elementos cheios de movimento citadino, contrastando com as obras de *Carlos Botelho* que as repassa de telhados e fachadas. *Nas telas de Manta existe uma atmosfera impressionista constituída por formigueiros de figurinhas humanas que se articulam numa sugestão sábia de minúsculos traços envolvidos numa poética rósea esbatida, que emoldura suavemente a soberana figura do príncipe dos poetas portugueses.* Tudo isto, o pintor atingiu num belo contraste entre a severidade das linhas arquitectónicas dos edifícios e a singeleza bulhosa de vaporosas silhuetas entre árvores outonais.

Entre os seus melhores quadros merece referência muito particular a obra que realizou em 1927, que tanto é indicada como «*O Jogo das Damas*» como «*Partida de Damas*», que se encontra no Museu Nacional de Arte Contemporânea. *Tela interessantíssima que obtém uma situação de charneira entre uma posição pictural clássica e uma posição modernista.* No «*Jogo das Damas*», existe um duplo jogo feliz que se define pelo tratamento do espaço, que medeia entre o canto inferior direito, em diagonal até à aresta da pequena mesa-redonda; que acompanha o ladrilhado do soalho e pelo tratamento a um outro espaço, que medeia entre as figuras, passando pelo tabuleiro do jogo das damas, desenhando uma diagonal contrária à primeira, a qual segue a direcção do quadriculado. É assim neste feliz duplo jogo, inserido na mesma tela, quadriculados de proporções diferentes, que encontramos uma ruptura com a construção da perspectiva clássica. Os corpos das duas figuras humanas, uma a sua mulher, apesar de serem pintadas à maneira habitual de Manta, isto é, manchas espessas, que se esbatem em volume, fazem entre si uma cumplicidade, através do elemento central — o espaço geométrico quadriculado. Tal cumplicidade obtida pelo pintor funciona como se as figuras fossem trazidas ao olhar de quem as observa através dum zoom realizado por uma câmara televisiva e é por isso, que se apresentam esmeradamente deformadas. Os arabescos das figuras do «*Jogo de Damas*» lembram formalmente, por certa semelhança, os apresentados por Mestre Almada Negreiros na sua tela figurativa «*Auto-Retrato num Grupo*» pintado quase na mesma data (1925), sem dúvida com o seu estilo muito próprio, porém colocando os dois casais que compõem o seu quadro, voltados para nós enquanto no «*Jogo de Damas*», as duas figuras estão concentradas no tabuleiro.

As obras do pintor Abel Manta estão distribuídas por muitos locais, especialmente figurando no Museu Nacional de Arte Contemporânea em Lisboa; no

Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian; no Museu da Cidade da Câmara Municipal de Lisboa; no Museu Grão Vasco em Viseu; na Câmara Municipal da Figueira da Foz; na Câmara Municipal das Caldas da Rainha; no Museu Municipal de Arte Moderna Abel Manta, em Gouveia; na Companhia de Seguros Império, E.P. e em várias colecções particulares.

Abel Manta teve uma contínua participação nas Exposições da S.N.B.A. e noutras manifestações de Pintura, destacando-se:

— Em 1913, na S.N.B.A., conseguindo obter várias medalhas. Outrotanto, em 1914 recebe uma Menção Honrosa na mesma S.N.B.A., à 11.ª Exposição. Em 1912, o artista já tinha executado a tela «*Auto-Retrato em jovem*».

— Em 1915, na S.N.B.A. — 12.ª Exposição;

— Em 1916, na S.N.B.A. — 13.ª Exposição, conseguindo o 3.º Prémio;

— Em 1917, 18 e 19 na S.N.B.A. — 14.ª, 15.ª e 16.ª Exposição.

No ano de 1919, Abel Manta parte para Paris, como bolseiro, executando o «*Retrato do Escultor João da Silva*». Na capital francesa, durante esse período, conhece entre outros o grande pintor português Dórdio Gomes.

Em 1921 e 22, expõe no Salão «de La Nationale», em Paris, tendo nesta última data frequentado o Curso de Gravura na Casa Schumberger. Ainda neste ano, pinta um quadro notável denominado «*Menina Cosendo Meias*» (La Servante), que faz parte do Património Municipal de Lisboa.

Em 1923, expõe no Salão «de La Nationale» e na Galeria «Legripe» em Rouen — França.

Em 1925, o artista regressa a Portugal e faz uma Exposição individual no Salão Bobone. Nesta data, realiza entre outras obras «*As Maças*», «*Natureza-morta com Bule*» e «*Vista de Gouveia*».

Em 1926, ingressa no Ensino Técnico como Professor de Desenho e pinta a tela «*Sé do Funchal*».

Em 1927, casa-se com a pintora Clementina Carneiro de Moura, artista de mérito e de grande sensibilidade, dedicando-se ao género de obras de natureza-morta. Neste ano, Abel Manta executa a «*Partida de Damas*», sendo considerada uma das suas obras mais significativas.

Em 1928, pinta as obras «*Rua de S. Bernardo*» e «*Fumador de Cachimbo*».

Em 1929 faz a decoração para o Pavilhão Português na Exposição de Sevilha e participa na 26.ª Exposição da S.N.B.A..

Em 1930, toma parte no 1.º Salão dos Independentes e na 27.ª Exposição da S.N.B.A.. Nesta data, faz um dos seus



retratos de maior qualidade, denominado «O Violinista René Bohet».

Em 1931, faz decorações para o Pavilhão Português na Exposição de Paris e pinta a obra «Mulher da Nazaré».

Em 1932, expõe na 29.ª Exposição da S.N.B.A. e realiza uma das suas obras mais conhecidas sobre Lisboa «A Praça Luís de Camões», obra que volta a repetir em novas perspectivas, em anos posteriores.

Em 1933, executa o cartão do vitral para o Instituto Nacional de Estatística; expõe na S.N.B.A.; executa o «Retrato de Luís Teixeira» e toma parte na Exposição da Galeria U.P..

Em 1934, concorre com a tela «Apolo e as Ninfas» a Professor da Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa, não conseguindo no entanto ganhar o lugar de Docente, tendo por isso que continuar, unicamente, a exercer o cargo de Professor da Escola de Artes Decorativas António Arroio, da qual se aposentou no ano de 1958. Ainda neste ano, realiza os cartões para três vitrais da Igreja dos

«O Jogo das Damas» ou «Partida de Damas» — óleo de Mestre Manta realizado em 1927. Obra importantíssima onde o pintor consegue realizar uma situação de charneira entre a expressão pictural clássica e modernista. O artista plástico consegue nesta tela uma ruptura com a perspectiva clássica. Obra pertencente à Coleção do Museu Nacional de Arte Contemporânea.

Jerónimos e consegue obter a 2.ª Medalha na 31.ª Exposição da S.N.B.A..

Em 1935 e 1936 expõe no 1.º e 2.º Salão de Arte Moderna do S.P.N., organizado pela S.N.B.A. e realiza as obras «Roque Gameiro» e «Barcos».

Em 1937, colabora com uma composição denominada «Beira» para o Pavilhão Português da Exposição de Paris.

Em 1938, volta a expor no 3.º Salão de Arte Moderna.

Em 1939, executa a tela «Auto-Retrato com Paleta».

Em 1941, expõe no 6.º Salão de Arte Moderna e realiza as obras — Retratos de «João Abel» e «Mestre Teófilo Russel».

Em 1942, obtém o Prémio Silva Porto do S.P.N. e participa na Exposição da S.N.B.A..

Em 1943, realiza «O Retrato de Madame Soeiro» e faz a tela «O Homem do Capacete».

Em 1945, toma parte na 1.ª Exposição Geral de Artes Plásticas da S.N.B.A..

Em 1949, consegue obter a 1.ª Medalha em Pintura na S.N.B.A. na Exposição anual de Pintura a óleo e Escultura — Salão de Primavera, participa na 4.ª Exposição Geral de Artes Plásticas na mesma Sociedade e executa a tela «Largo do Chafariz de Dentro».

Abel Manta foi membro de Júri nas Exposições da S.N.B.A., em 1932 e 1949.

Em 1950, concorre a 25.ª Bienal de Veneza e participa na 5.ª Exposição de Artes Plásticas da S.N.B.A..

Em 1953, executa «Natureza-Morta», que se encontra no Património do Museu Nacional de Arte Contemporânea.

Em 1954 realiza o «Auto-Retrato com Paleta e Óculos», Património do M.N.A.C..

Em 1955, concorre à 3.ª Bienal de S. Paulo e realiza uma das suas melhores obras de grande expressão retratista, denominada «Grupo do Consultório do Professor Pulido Valente» ou «Leitura», pertencente ao Património da C.M.L.

Em 1956, participa na Exposição da vida e da arte portuguesa, promovida pela Agência Geral do Ultramar, em Lourenço Marques, realizando a tela «Lisboa de Manhã», pertencente ao Património da Companhia de Seguros Império.

Em 1957, consegue obter o 1.º Prémio de Pintura na Exposição de Artes Plásticas da Fundação Calouste Gulbenkian com a obra «Manhã no Tejo».

Em 1958, participa na Exposição Internacional de Bruxelas.

Em 1961, expõe no 57.º Salão de Primavera da S.N.B.A. e participa na 2.ª Exposição de Artes Plásticas, no Pavilhão da FIL, organizada pela Fundação Calouste Gulbenkian.

Em 1965, faz uma retrospectiva, com

Dórdio Gomes na S.N.B.A. (de 2 a 20 de Janeiro).

Em 1967, participa nas Exposições de Arte Portuguesa realizadas em Bruxelas, Paris e Madrid.

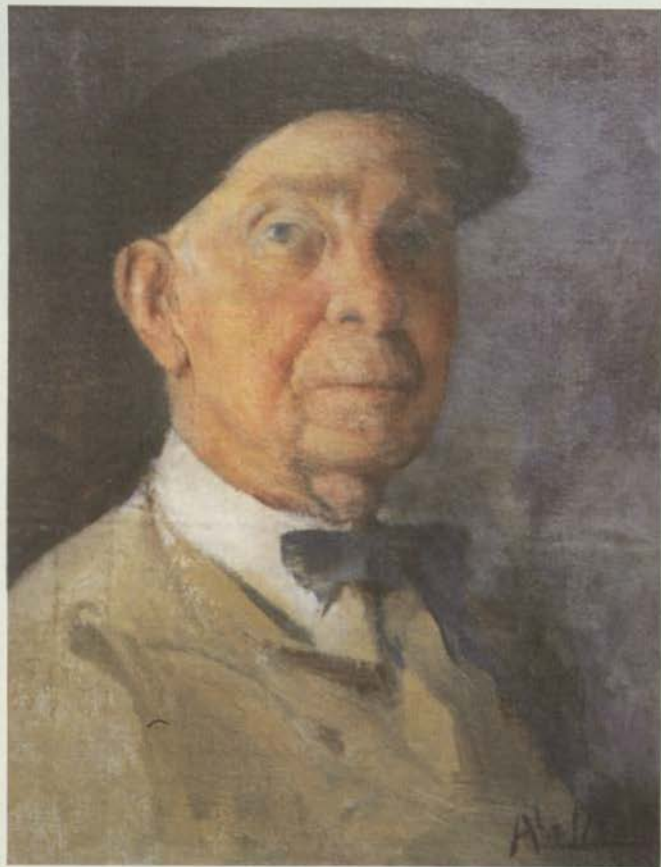
Em 1975, realiza o seu «Último Auto-Retrato», já com a avançada idade de 87 anos.

Abel Manta veio a falecer com 94 anos de idade, no dia 9 de Agosto de 1982.

A sua obra foi, em 1985, representada na Exposição «O Imaginário da Cidade de Lisboa», organizada no Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian. Neste mesmo ano, é criado o Museu Municipal de Arte Moderna Abel Manta, em Gouveia, terra onde o Pintor nasceu.

De 27 de Dezembro de 1986 a 20 de Janeiro de 1987, figurou na Exposição «Os Pioneiros do Modernismo» (100 Anos de Pintura Portuguesa), na Galeria do Leal Senado no Museu Luís de Camões — Macau.

«Último Auto-Retrato», óleo de Mestre Abel Manta, datado de 1975. Destaca-se na tela a sua boina e o seu elegante laço. Observa-se que Mestre Manta apesar de idoso não perde a força e potencialidade de grande pintor que foi. Obra pertencente à Coleção J. Abel Manta, Museu de Gouveia.







## SEGURANÇA RODOVIÁRIA OBJECTO DE PROTOCOLO ENTRE A CML E O LNETI

A protecção dos habitantes de Lisboa contra a poluição de origem radioactiva constitui o objectivo principal de um protocolo assinado, no dia 7 de Abril, entre a Câmara Municipal de Lisboa e o LNETI. Rubricaram o acordo por parte da CML, o Eng.º Nuno Abecasis e pelo LNETI, o Prof. Veiga Simão.

Nos termos do protocolo, o LNETI compromete-se a apresentar trimestralmente à CML um relatório técnico acerca dos níveis de radioactividade detectados nas águas do Rio Tejo; efectuar doze análises anuais por *espectrometria gama* (tipo 1) em águas residuais da cidade e apoiar a edilidade no controlo radiológico dos efluentes de Lisboa.

Por sua vez, a Câmara Municipal de Lisboa escolherá, entre outras tarefas, os pontos de amostragem na rede de águas residuais e entregará, anualmente, ao LNETI cerca de 200 mil escudos.

O desenvolvimento dos diversos pontos do protocolo está confiado por parte do LNETI ao Departamento de Protecção e Segurança Radiológica e, por parte da CML, ao Gabinete do Sistema de Intercepção e Tratamento das Águas Residuais de Lisboa (GARLIS).



## 70.º ANIVERSÁRIO DA BATALHA DE LA LYS

Na sequência de uma velha tradição, realizou-se no dia 9 de Abril, junto ao Monumento aos Combatentes da Grande Guerra, a cerimónia comemorativa do 70.º aniversário da Batalha de La Lys.

Num simbolismo de homenagem à memória de todos aqueles que tomaram no cumprimento do dever ao serviço da Pátria, estiveram presentes entidades oficiais, antigos combatentes e individualidades civis e militares. A Câmara Municipal de Lisboa, no impedimento do seu Presidente, Eng.º Nuno Abecasis, esteve representada pelo Vereador Dr. Pombo Cardoso que, na oportunidade, depôs uma coroa de flores junto do Monumento.

## ENTREGA DE MEDALHAS MUNICIPAIS

Diversas individualidades e instituições que se distinguiram por relevantes serviços prestados à cidade e ao país, foram agraciados pela Câmara Municipal de Lisboa com medalhas municipais, em cerimónia que teve lugar nos Paços do Concelho no dia 14 de Abril e a que presidiu o Eng.º Nuno Abecasis.

Na oportunidade o Presidente da Câmara referiu o significado da cerimónia e, a propósito, afirmou: «A Medalha de Mérito Municipal é atribuída a pessoas que têm que aguentar o esforço do desenvolvimento, do equilíbrio, de justiça e de entendimento que envolve a cidade». E acrescentou: «A cidade de Lisboa não é

ingrata. Ela recorda as pessoas quando elas estão e quando já não estão nos postos em que se distinguiram. A sua saída não as faz esquecer».

Foram agraciados com a Medalha de Mérito Municipal, grau Ouro, os seguintes autarcas da Cidade eleitos nas primeiras eleições e que ainda continuam nas suas funções: Dr. Fernando Correia Afonso — Presidente da Assembleia Municipal; Mário Nunes da Silva — Secretário da Mesa da Assembleia Municipal; Pedro José d'El Negro Feist — Vereador; Dr. António Anselmo Anibal — Vereador; e os membros da Assembleia Municipal: António José Gonçalves; Armando Assunção Soares e Tomaz Laurentino Vacas.

Com a Medalha Municipal, grau Ouro, foi ainda galardoado o jornalista Áppio Sotto Mayor, Chefe de Redacção de «A Capital», em reconhecimento do contributo dado com as suas crónicas, subordinadas ao título «O Poço da Cidade», para um melhor conhecimento da capital, dos seus motivos e das suas gentes.

Por sua vez, José Augusto Louro Carrasco, técnico de turismo e o atleta Domingos Castro, vice-campeão da prova dos 5000 metros aquando da realização do II Campeonato do Mundo de Atletismo, receberam a medalha de Mérito Municipal, grau Prata.

Finalmente, foi entregue a medalha de honra da cidade, grau Ouro, à pintora Maria Helena Vieira da Silva, à atleta Rosa Mota, campeã do Mundo da Maratona, e ao Grémio Literário.







Aspecto da cerimónia de assinatura do protocolo de combate à pobreza. À esquerda, a Vereadora Ana Sara Brito, ao centro a Dr.ª Manuela Silva e à direita o Dr. José Leitão

O estudo das causas e mecanismos de reprodução e transmissão do empobrecimento na capital constitui o objecto principal de um protocolo celebrado, em 22 de Abril, entre a Câmara Municipal de Lisboa e o Departamento de Pesquisa Social do Centro de Reflexão Cristã.

Rubricaram o acordo, por delegação do Presidente da CML, Ana Sara de Brito, Vereadora do Pelouro da Acção Social, o Dr. José Leitão, presidente do Conselho Coordenador do Centro de Reflexão Cristã e a Dr.ª Manuela Silva, como coordenadora do projecto.

O estudo das causas e consequências do empobrecimento compreenderá, nos termos do protocolo, a identificação e caracterização dos tipos de pobreza urbana, nomeadamente, grupos populacionais particularmente vulneráveis, sobretudo os idosos, a população empobrecida vivendo em espaços urbanos degradados, sejam eles habitações precárias ou realojamentos, os empobrecidos que vivem da mendicidade ou recorrem habitualmente a certas formas de assistência muito precária, casos de nova pobreza, etc.

O financiamento deste projecto de investigação, estimado em três mil contos, será suportado pela CML e os seus resultados deverão ser conhecidos em Abril de 1989.

**PROJECTO DE COMBATE  
À POBREZA SUBSIDIADO PELA CML**

## PROCISSÃO DA SENHORA DA SAÚDE

Com grande solenidade e participação de entidades religiosas e oficiais e milhares de fiéis, realizou-se no dia 8 de Maio, a tradicional procissão da Senhora da

Saúde, também conhecida na sua história, por procissão dos Artilheiros, a cuja cerimónia litúrgica presidiu o Bispo Auxiliar do Patriarcado, D. Altino Mamede Cleto.

O desfile religioso, no qual se incorporou o Eng.º Nuno Abecasis e Vereadores do Município, percorreu as principais ruas do Bairro da Mouraria, nomeadamente, Largo do Martim Moniz, Rua do Benfornoso, Largo do Intendente, parte oriental da Praça da Figueira e Av.º Almirante Reis, repletas de fiéis que, assim, quiseram demonstrar a sua fé e devoção.

Considerada uma das mais antigas da capital, a devoção dos lisboetas por Nossa Senhora da Saúde remonta, segundo os cronistas, ao século XVI, mais precisamente a 1569, ano em que a peste bubónica atingiu grande parte da população da cidade. Estima-se que tenham sido vítimas desse flagelo cerca de 60 mil dos seus 120 mil habitantes. Ainda de acordo com alguns cronistas, a família real teria, então, procurado outras paragens enquanto as autoridades locais libertavam os presos para que colaborassem nos socorros necessários.

Os militares, especialmente os artilheiros da Corte, instalados na altura, no Castelo de S. Jorge, não foram poupados aos ataques da peste pelo que teriam invocado o auxílio e protecção do mártir S. Sebastião, tido como advogado contra a peste, a fome e a guerra. Em agradecimento, os militares fundaram a irmandade de S. Sebastião, enquanto a Rainha Dona Catarina, esposa de D. João III, mandava edificar, no Largo Martim Moniz, com a colaboração dos fiéis, a actual capela onde é venerada Nossa Senhora da Saúde e também S. Sebastião.



## PREVENÇÃO DA INSEGURANÇA URBANA

Decorreu de 18 a 20 de Maio nas instalações do Instituto Nacional de Investigação e Pescas, um Seminário sobre Prevenção da Insegurança Urbana, organizado pela Câmara de Lisboa através da Polícia Municipal.

Pretendeu-se com este encontro em que participaram diversos especialistas e técnicos das diferentes áreas de abordagem da questão, estudar as formas de articulação entre as diferentes entidades públicas e privadas que têm responsabilidades na luta contra a violência e insegurança urbanas.

Assim, foram debatidos diversos temas que no âmbito da prevenção da insegurança urbana, têm a ver com aspectos sociais, urbanísticos, policiais, desportivos, judiciais, escolares e da comunicação social.

No final deste primeiro encontro sobre «Insegurança Urbana» foi reconhecida unanimemente a segurança urbana como condição básica para o desenvolvimento do País e a sua harmónica inserção na Europa para a liberdade dos cida-



dãos como garantia imprescindível para o livre exercício dos seus direitos.

De salientar ainda, das conclusões gerais do Seminário, que a prevenção da insegurança urbana deve basear-se na transformação de mentalidades com base numa cultura de solidariedade e deve ser objecto de acções de sensibilização dos cidadãos e das instituições.

Um aspecto da mesa que presidiu à sessão inaugural. No uso da palavra o Comandante da PM Luz Almeida.

Um plano de assistência ao Seminário





## PROJECTO-PILOTO PARA O ENSINO DA HISTÓRIA

Mais de 600 crianças de escolas primárias e preparatórias de Lisboa comemoraram os 450 anos da partida para a Índia da Armada de D. Garcia de Noronha, participando, entre 23 de Maio e 1 de Junho, em acções simultâneas em duas zonas ribeirinhas da capital.

Subordinadas ao tema «E Outra Vez Conquistemos a Distância», história ao vivo, na Ribeira das Naus, e «Acordar História Adormecida — Um Dia no Palácio Azurara em 1787», as acções desenvolvidas tiveram por objectivo pedagógico levar as crianças a reviver todo o ambiente que rodeava a partida de uma Armada, no século XVI, executando elas próprias trabalhos de marinheiro, marceiro, calafate, cozinheiro, remador e outros.

Este projecto-piloto do ensino da História baseia-se numa nova técnica originária da Inglaterra, denominada «História ao Vivo», e lançada em Portugal pela Associação Portuguesa de Museologia.

A iniciativa contou com a colaboração da Câmara Municipal de Lisboa, da Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos, do Estado Maior da Armada, da Fundação Gulbenkian, do Ministério da Educação, da Sonae e do Teatro Experimental de Cascais.



## HABITANTES DA VILA MAIA TÊM NOVAS CASAS

As 32 famílias que, em Outubro de 1984, foram desalojadas das suas habitações da Vila Maia destruídas por incêndio, receberam no dia 23 de Maio em cerimónia a que presidiu o Presidente da Câmara Municipal de Lisboa, Eng.º Nuno Abecasis, as chaves de novas casas integradas no prédio construído de raiz, graças a um acordo estabelecido entre a Câmara e o proprietário dos terrenos.

Algumas das novas residências foram compradas pelos habitantes da Vila Maia a um preço que ronda os 2700 contos para três assoalhadas, mas a maior parte dos realojados fica a pagar rendas, em média, de 1200 escudos.

De salientar, entretanto, que três andares do prédio foram facultados gratuitamente às suas moradoras, três senhoras com mais de 70 anos de idade.

No uso da palavra, o Eng.º Nuno Abecasis, não escondeu a sua satisfação por ter sido possível concretizar mais esta acção de carácter habitacional e anunciou que outras vilas operárias e pátios existentes na cidade vão ser recuperados, a médio prazo, nomeadamente a Vila Ramos.

O Presidente do Município referiu-se, depois, à situação de muitas barracas existentes na zona de Lisboa e confirmou que será concluído, dentro do prazo previsto, o programa acordado com o governo em 1987 para a construção de 10 mil fogos, em cinco anos. Este programa — salientou o Eng.º Abecasis — «vai permitir acabar com todas as casas de lusalite, existentes na cidade, e outros programas em adiantado estudo, prestes a arrancar, vão pôr fim às barracas».



Prédio da Vila Maia que passou a albergar as 32 famílias

**58.ª EDIÇÃO  
DA FEIRA DO LIVRO**

De 20 de Maio a 13 de Junho, realizou-se no Parque Eduardo VII, a habitual Feira do Livro, este ano na sua 58.ª edição.

Presentes à cerimónia inaugural, o Presidente da Câmara Municipal de Lisboa, Eng.º Nuno Abecasis, a Secretária de Estado da Cultura, Teresa Patrício Gouveia e o Presidente e Vice-Presidente da Associação Portuguesa de Editores e Livreiros, respectivamente, Francisco Espadinha e Joaquim Machado.

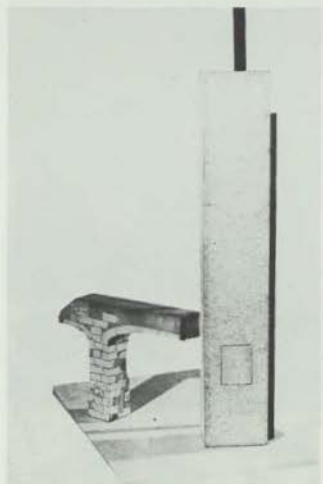
A Feira contou nesta edição com a colaboração de 91 editoras, alfarrabistas e distribuidores, num total de 122 pavilhões.





## PRESIDENTE DA REPÚBLICA DA COLÔMBIA EM LISBOA

No âmbito do programa da sua visita oficial a Portugal, o Presidente da República da Colômbia, Virgílio Barco, visitou a Câmara Municipal de Lisboa, no dia 28 de Maio, tendo sido homenageado com uma sessão de boas-vindas no Salão Nobre dos Paços do Concelho. Na ocasião, o Presidente do Município, Eng.º Nuno Abecasis, acompanhado pela Vereação saudou o ilustre visitante a quem fez a entrega da Chave de Honra da Cidade.



### MONUMENTO A FONTES PEREIRA DE MELO

Um projecto da escultora Maria Teresa Caldas de Vasconcelos da Costa, com a comparticipação da Lusotecna, foi o vencedor do concurso público promovido pela CML para a concepção, execução e colocação de um monumento à memória de Fontes Pereira de Melo, por ocasião das comemorações do 1.º centenário da morte daquele estadista.

O monumento será implantado no troço final da Av.ª António Augusto de Aguiar na sua junção com a Av.ª Fontes Pereira de Melo.

Em 2.º lugar foi seleccionado o projecto do escultor João Antero Guimarães de Almeida, com a comparticipação do Arqt.º Francisco José Guedes de Carvalho e, em 3.º lugar, o projecto do escultor José Aurélio, comparticipado pelo Arqt.º José Charters de Almeida.

O júri do concurso, que apreciou as 8 propostas concorrentes, foi constituído pelo Vereador do Pelouro da Cultura da CML, Arqt.º Vitor Reis, que presidiu; pelo representante da Associação Internacional de Críticos de Arte, Dr.ª Sílvia Chicó; pelo representante da Sociedade Nacional de Belas-Artes, escultor João Oom; representante da Escola Superior de Belas-Artes, Prof. Escultor João dos Santos Afra; representante da Academia Nacional de Belas-Artes, Mestre Escultor António Duarte e pelo Arqt.º paisagista, nomeado pelo Presidente da CML, Eng.º António Luis Vacco Viana Barreto.

Recorda-se, a propósito, que o lançamento deste concurso surgiu de uma proposta subscrita pelo Vereador do Pelouro da Cultura, Arqt.º Vitor Reis, aprovada pela Câmara em Janeiro de 1987 e que tem por objectivo render homenagem à memória de Fontes Pereira de Melo, cuja acção meritória se fez sentir em todo o País e, de modo especial, na Cidade de Lisboa.

## CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE FERNANDO PESSOA

Diversas manifestações culturais e artísticas, promovidas pela Câmara Municipal de Lisboa, assinalaram a passagem do 1.º centenário do nascimento de Fernando Pessoa durante todo o mês de Junho.

As comemorações, integradas nas Festas da Cidade, tiveram o seu ponto alto com a inauguração, no dia 13, no Largo do Chiado, frente à Brasileira de uma estátua de autoria do mestre Lagoa Henriques, em cerimónia a que presidiu o Presidente da República, Dr. Mário Soares.

Presentes ainda entre outras individualidades, a Dr.ª Maria Barroso, os Presidentes das Câmaras Municipais de Lisboa e Porto, respectivamente, Eng.º Nuno Abecasis e Dr. Fernando Cabral, vários elementos da comissão para as comemorações do centenário e outras personalidades ligadas ao mundo das letras e admiradoras de Fernando Pessoa e da sua obra.

Na oportunidade e num breve improviso, o Eng.º Abecasis referiu o significado da homenagem e disse que a estátua de concepção inovadora, pretende que a imagem do poeta esteja «no meio de todos e não se confine aos limites de academias». Acrescentou que «a esplanada da Brasileira é o melhor sítio para colocar a referida estátua de Pessoa, visto ser aquele café em dos que o poeta mais frequentava».

Também o Largo de S. Carlos, onde se situa o prédio em que nasceu Fernando Pessoa, foi palco, nos dias 12 e 13, de diversas manifestações culturais, nomeadamente a exibição de ranchos folclóricos, recitais de poesia, ballado, teatro, passagens de modelos e concertos de fados.

No dia 12, precisamente às 15.20 horas, repicaram os sinos da Igreja dos Mártires para assinalar o momento em que há cem anos nascera Fernando Pessoa. Ainda no âmbito das comemorações pessoais foi inaugurada, no dia 4 de Junho, na Praça Cidade do Luso, nos Olivais, uma estátua de Fernando Pessoa, da autoria de José João Brito. Para assinalar o acto a Câmara Municipal de Lisboa, com o apoio da Junta de Freguesia dos Olivais, preparou um variado programa de animação do local.



Aspecto da inauguração da estátua de Fernando Pessoa na esplanada de «A Brasileira»



#### LISBOA NA PINTURA «NAIF»

Por iniciativa da Câmara Municipal de Lisboa, decorreu de 7 de Junho a 7 de Julho no Palácio dos Coruchéus, uma exposição colectiva de pintura «naif» subordinada ao tema «Lisboa».

Participaram nesta exposição 33 artistas que responderam ao convite público formulado pelo Município para o efeito, cujas obras versaram, sobretudo, os edifícios históricos, praças, miradouros e os bairros populares.

Recorda-se que a pintura «naif» remonta aos meados do séc. XIX, no período romântico, dando os seus primeiros passos na ocasião em que o escritor Stendhal criou a noção de «naivete» (ingenuidade). Em 1885, no salão dos artistas independentes de Paris, realizou-se a primeira exposição em que, entre outros, se destacou o pintor francês Henri Rousseau que, mais tarde, na mesma cidade e noutra exposição, havia de impor, definitivamente a pintura «naif» como nova expressão plástica.

#### FESTAS DA CIDADE



O retomar do desfile das Marchas Populares na Av.ª da Liberdade, na noite de St.º António, foi o ponto alto das Festas da Cidade promovidas pela Câmara Municipal de Lisboa no decurso do mês de Junho.

Diversas manifestações de animação cultural, artística, recreativa e desportiva tiveram lugar um pouco por toda a cidade.





de, onde também não faltaram os tradicionais arraiais populares nos bairros mais típicos.

A Festa do Desporto que decorreu na Praça do Comércio, nos dias 11 e 12 de Junho, foi outra das iniciativas que despertou mais interesse entre a população e que compreendeu as finais dos 2.ºs Jogos Desportivos da Cidade, com provas e exibições de diversas modalidades, nomeadamente andebol, atletismo, futebol de salão, ténis de mesa e ginástica.

De salientar ainda a realização dos 1.ºs Jogos Tradicionais entre Casas Regionais de Lisboa nos dias 18 e 19 de Junho em Belém, a Festa Cigana, no Parque Eduardo VII, no dia 24 de Junho, e a Festa do Ardina no Rossio dia 19 de Junho.

Um Festival de Música e Dança, denominado «Tejo/Musidança», animou a Praça do Comércio durante todo o dia 13 de Junho, com a exibição de diversos grupos folclóricos e a actuação dos agrupamentos «Madre de Deus» e «Mer If Dada».



**DOIS MILHÕES DE CONTOS  
INVESTIDOS NA LIMPEZA  
DA CIDADE DE LISBOA**

Associando-se às comemorações do Dia Mundial do Ambiente e com o intuito de sensibilizar a população para a necessidade de colaborar com o Município nas tarefas de defesa do meio-ambiente, a Câmara Municipal de Lisboa promoveu no Rossio uma exposição alusiva à limpeza urbana, que esteve patente ao público até ao dia 10 de Junho.

Mostra de equipamento, passagem de filmes e distribuições de material às crianças foram alguns dos elementos que caracterizaram esta exposição completada com diverso material relativo à Associação de Municípios para o Estudo do Sistema de Tratamento dos Resíduos Sólidos de que Lisboa faz parte.

Recorda-se que em 1987 o Município investiu cerca de 2 milhões de contos na área de limpeza urbana à qual estão afectos 2200 trabalhadores, aproximadamente 22% do total dos meios humanos da CML.





## COMEMORAÇÕES DO 10 DE JUNHO

Por ocasião das comemorações do Dia 10 de Junho, teve lugar na Praça Camões uma cerimónia alusiva à efeméride promovida pela Câmara de Lisboa, a que presidiu o Presidente da Assembleia Municipal, Dr. Fernando Correia Afonso.

Presentes ainda o Vereador da CML, Dr. Lívio Borges e representantes dos três ramos das Forças Armadas, entre outras individualidades.





### PROCISSÃO DE SANTO ANTÓNIO

Revestiu-se de grande solenidade a tradicional procissão de Santo António, momento especial das cerimónias religiosas comemorativas da passagem do dia 13 de Junho dedicado ao patrono da Cidade de Lisboa.

Incorporaram-se na procissão Forças Militarizadas e algumas individualidades entre as quais o Presidente da Câmara Municipal, Eng.º Nuno Abecasis, sacerdotes de várias paróquias da Diocese e milhares de fiéis.

Recorda-se que os devotos de St.º António cognominam a sua procissão de «Passeio» em virtude de a mesma se realizar, nos escassos metros que medeiam entre a Igreja do Taumaturgo lisboeta e a Sé, com uma volta pelo Bairro de Alfama.

O Cardeal Patriarca de Lisboa, D. António Ribeiro, presidiu na Sé, a um solene Te Deum, em homenagem a Santo António.



## ENTREGA DE FOGOS CONSTRUÍDOS PELA CMLCOOP

Realizou-se no dia 13 de Junho, no Bairro Novo das Furnas, a cerimónia de entrega simbólica de 33 fogos do lote 25, construído pela Cooperativa de Funcionários da CML e da EPUL.

Presidiu ao acto o Eng.º Nuno Abecassis, Presidente da Câmara Municipal que, na oportunidade destacou o significado da cerimónia no âmbito da política habitacional, lembrando que este vasto problema só poderá ser satisfatoriamente resolvido com a colaboração de todos, sem esquecer as iniciativas particulares e de grupo.

O lote acima referido começou a ser edificado em Julho de 1987, com financiamento do Instituto Nacional de Habitação e é o primeiro a ser construído pela CMLCOOP.





EDIÇÃO DA CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

NÚMERO AVULSO: 500\$00